

SILÊNCIO, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO MÚLTIPLA:

Cartografia das sensações entre linhas literárias de
mulheres escritoras

Fabíola de Fátima Igreja

Belém-PA
2025



UNIFAP
Universidade Federal do Amapá

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ESTUDOS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO BÁSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA
DOUTORADO EM ASSOCIAÇÃO PLENA EM REDE

FABÍOLA DE FÁTIMA IGREJA

SILÊNCIO, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO MÚLTIPLA:
Cartografia das sensações entre linhas literárias de mulheres escritoras

Belém-PA
2025

FABÍOLA DE FÁTIMA IGREJA

**SILÊNCIO, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO MÚLTIPLA:
Cartografia das sensações entre linhas literárias de mulheres
escritoras**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA) – Doutorado em Associação Plena em Rede (EDUCANORTE) – Polo Belém- da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação na Amazônia.

Orientadora: Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa

Linha de Pesquisa: Saberes, Linguagem e Educação

Belém-PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

I24s Igreja, Fabíola de Fátima.
Silêncio, criação e educação múltipla : cartografia das
sensações entre linhas literárias de mulheres escritoras / Fabíola de
Fátima Igreja. — 2025.
207 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Gilcilene Dias da Costa
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de
Estudos Transdisciplinares em Educação Básica, Programa de Pós-
Graduação em Educação na Amazônia, Belém, 2025.

1. Silêncio. 2. Criação. 3. Educação múltipla. 4.
Cartografia das sensações. 5. Mulheres escritoras. I. Título.

CDD 370



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ESTUDOS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO BÁSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA
ASSOCIAÇÃO PLENA DE REDE – EDUCANORTE

**ATA DE EXAME DE DEFESA Nº 30/2025
POLO BELÉM**

Aos vinte e sete dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco, às 14 horas, pela sala virtual (<https://meet.google.com/mnk-mxgh-guc>), reuniu-se a Banca Examinadora homologada pelo Colegiado do Polo Belém, do Programa em Pós-Graduação em Educação na Amazônia -Associação Plena de Rede-Educante, composta por Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa (Orientadora do trabalho e Presidente da Banca - UFPA-PGEDA); Prof. Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda (Examinador Interno - UFPA-PGEDA); Prof. Dr. José Vicente de Souza Aguiar (Examinador Interno-UEA-PGEDA); Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve (Examinadora Externa (PPGED/UDESC); Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó (Examinador Externo - UFRGS-PPGEDU). A reunião teve por objetivo julgar o relatório de Defesa de Tese da doutoranda **Fabiola de Fátima Igreja**, sob o título: **SILÊNCIO, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO MÚLTIPLA: uma cartografia das sensações entre linhas literárias de mulheres escritoras**. Os trabalhos foram abertos pela presidente da Banca, a seguir foi dada a palavra à doutoranda para apresentação do trabalho. Cada examinador arguiu a examinanda, sendo garantido o tempo de resposta da doutoranda, após o que se procedeu o julgamento do trabalho. Concluindo, a Banca Examinadora deliberou por sua **APROVAÇÃO**. A seguir a Banca fez os seguintes destaques: *A banca destaca a singularidade do trabalho de tese tanto no seu modo de expressão quanto na qualidade da pesquisa que foi elaborada, e recomenda a publicação da tese, em diferentes formatos e veículos de publicação*. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Belém 27 de março de 2025.

Documento assinado digitalmente



GILCILENE DIAS DA COSTA
Data: 27/03/2025 21:07:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa

Documento assinado digitalmente



JOSE VALDINEI ALBUQUERQUE MIRANDA
Data: 28/03/2025 11:46:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda

Documento assinado digitalmente



JOSE VICENTE DE SOUZA AGUIAR
Data: 01/04/2025 09:06:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Vicente de Souza Aguiar

Documento assinado digitalmente



ANA MARIA HOEPERS PREVE
Data: 01/04/2025 09:30:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve

Documento assinado digitalmente



MAXIMO DANIEL LAMELA ADO
Data: 01/04/2025 20:43:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó

Dedico aos encontros que produzem
potências de vida. Às alunas e alunos das
oficinas e seus silêncios-escrita. Ao silêncio
pulsante do rio Tocantins.

AGRADECIMENTOS

À Univerdade Federal do Pará onde, desde à graduação até o doutorado, vivenciei um infinito de aprendizados. Ao Programa de Pós graduação em Educação na Amazônia-PGEDA. À FAPESPA, pelo importante incentivo à realização desta pesquisa. À Banca avaliadora Professora Ana Preve, Pofessores Mâximo Adó, José Vicente Aguiar, Valdinei Miranda agradeço a primeira leitura e contribuições importantes para a tessitura da pesquisa. À professora Gilcilene, grata pelos anos de afetuosa aprendizagem e incentivo ao sonhar e ao pensar, um encontro singular. Aos participantes das oficinas, grata pelos encontros e partilhas. Ao professor Eder Jackson, agradeço a ajuda com a realização das oficinas na Escola Benedita Braga. Às instituições de ensino básico estadual e privado, que abriram espaço para o acontecer das oficinas. Aos amigos e amigas, encontros bonitos e necessários, em especial Jessé, com quem dividi horas de estudos nos corujões, Adê, Adelmo, Bela, Jônatas. À minha família, em especial minha mãe Ana Dolores, afeto-casa. À Clarice, Conceição, Carolina e Malcher, travessias em solidão acompanhada.

O prazer é abrir as mãos e deixar escorrer sem avareza o vazio-pleno que se estava encarniçadamente prendendo. E de súbito o sobressalto: ah.... abri as mãos e o coração, e não estou perdendo nada! E o susto: acorde, pois há o perigo do coração estar livre! Até que se percebe que nesse espraiar-se está o prazer muito perigoso de ser. Mas vem uma segurança estranha: sempre ter-se-á o que gastar. Não ter, pois, avareza com esse vazio-pleno: gastá-lo.

Clarice Lispector

há mundos submersos,
que só o silêncio da poesia penetra.

Conceição Evaristo

RESUMO

A pesquisa "Silêncio, criação e educação múltipla: uma cartografia das sensações entre linhas literárias de mulheres escritoras" propõe pensar o silêncio enquanto espaço de criação no encontro com a escrita literária, por vias de sensações. Caminha-se por uma educação tateada a partir de sensações que ficam, por vezes, à parte dos processos educativos, mas que os compõem. Percorrer os escritos das autoras permite pensar os silêncios e silenciamentos, como estes tecem os modos de existência no cotidiano e como impactam os corpos que compõem a educação. O estudo se movimenta pelos *blocos de sensações*, afirmando a potência criadora do silêncio para além dos sentidos convencionais. A partir da escrita literária das mulheres que compõem a pesquisa, se reterritorializa imagens de silêncio e de sensações que atravessam o processo escolar, além de experimentar os sentidos que se cruzam com o fluir das águas, desagua nos escritos dos alunos, que fabulam em causos, histórias contadas nos afetos. A pesquisa movimenta uma cartografia das sensações tramada a partir das fabulações artísticas e literárias em oficinas com estudantes do ensino médio da rede pública e privada das cidades de Mocajuba-PA e Cametá-PA. Experimentou-se nas oficinas, o silêncio como objeto de pensamento, criar seus sentidos além da ideia de ausência ou dicotomia, perscrutando: que sentidos pulsam da relação entre silêncio da criação e educação? O percurso teórico-metodológico se dá pelo método cartográfico, por uma pesquisa intervenção. Nesta jornada tem-se a companhia de intercessores/as como Deleuze e Guattari (1995, 2003), Deleuze (1997), Costa (2023), Lapoujad (2022), Espinosa (2016), Clarice Lispector (1998, 1999), Conceição Evaristo (2014, 2018), Carolina de Jesus (2020) e Monique Malcher (2020). É pelo movimento da função fabuladora que as experimentações dos alunos são motivadas. No encontro com os textos das autoras, fabulam sensações em escritos e imagens atravessadas por seus silêncios, linhas de sentidos que permeiam os encontros. A partir do que pulsa em suas narrativas, a pesquisa tensiona o modo como se vivencia as sensações na sociedade atual, como se lida com medo, angústia e outras emoções na educação, e percorre a potência dos encontros, os afetos e suas múltiplas linhas de criação em vivências que ressoam nas experimentações. Trazer à tona as sensações mergulhando nos silêncios é um modo de dizer que a educação pode ser múltipla, que os corpos que a compõem são movidos por sensações e é isto também afeta o existir e o educar.

Palavras-Chave: Silêncio; Criação; Educação múltipla; Cartografia das sensações; Mulheres escritoras.

ABSTRACT

The research "Silence, creation and multiple education: a cartography of sensations between literary lines by women writers" proposes to think about silence as a creation space in the encounter with literary writing, through sensations. We walk through a tentative education based on sensations that are, at times, apart from the educational processes, but that make them up. Going through the authors' writings allows us to think about silences and silencing, how they weave the modes of existence in everyday life and how they impact the bodies that make up education. The study moves by the sensations blocks, affirming the creative power of silence beyond conventional senses. Based on the women's literary writing who make up the research, the images of silence and sensations that permeate the school process are re-territorialized, in addition to experiencing the meanings that intersect with the flow of waters, flowing into the students' writings, who narrate stories, stories told through affection, enchanted silences. The research moves a cartography of sensations, woven from artistic and literary fables in workshops with high school students from public and private schools in the cities of Mocajuba-PA and Cametá-PA. The theoretical-methodological path is carried out using the cartographic method, through intervention research. On this journey we are joined by intercessors such as Deleuze and Guattari (1995, 2003), Deleuze (1997), Costa (2023), Lapoujad (2022), Espinosa (2016), Clarice Lispector (1998, 1999), Conceição Evaristo (2014, 2018), Carolina de Jesus (2020) and Monique Malcher (2020). It is through the movement of the fabulating function that students' experiments are motivated. When encountering the authors' texts, they fable sensations in writings and images crossed by their silences, meaning lines that permeate the encounters. Based on what pulsates in their narratives, the research tensions the way sensations are experienced in today's society, how fear, anguish and other emotions are dealt with in education, and explores the power of encounters, affections and their multiple lines of creation in experiences that resonate in experiments spilling sensations. Bringing sensations to the surface by delving into silences is a way of saying that education can be multiple, that the bodies that compose it are beings of sensations and this is also what drives existing and educating.

Keywords: Silence; Creation; Multiple education; Cartography of sensations; Women writers.

RESUMEN

La investigación "Silencio, creación y educación múltiple: una cartografía de sensaciones entre líneas literarias de escritoras" propone pensar el silencio como espacio de creación en el encuentro con la escritura literaria, a través de las sensaciones. Avanzamos a través de una educación pensada desde sensaciones a veces ajenas a los procesos educativos, pero que forman parte de ellos. Recorrer a los escritos de los autores nos permite pensar sobre los silencios y el silenciamiento, cómo estos entrelazan modos de existencia en la vida cotidiana y cómo impactan en los cuerpos que componen la educación. El estudio se mueve a través de bloques de sensaciones, afirmando el poder creativo del silencio más allá de los sentidos convencionales. A partir de la escritura literaria de las mujeres que componen la investigación, se reterritorializan imágenes de silencio y sensaciones que permean el proceso escolar, además de experimentar los sentidos que se entrecruzan con el fluir de las aguas, que desembocan en las escrituras de las estudiantes, quienes cuentan historias en historias contadas en afectos. La investigación mueve una cartografía de sensaciones tejida a partir de fábulas artísticas y literarias en talleres con estudiantes de secundaria de escuelas públicas y privadas de las ciudades de Mocajuba-PA y Cametá-PA. En los talleres buscamos experimentar el silencio como objeto de pensamiento, para crear sus significados más allá de la idea de ausencia o dicotomía, investigando: ¿qué significados palpitan desde la relación entre el silencio de la creación y la educación? El recorrido teórico-metodológico se basa en el método cartográfico, a través de la investigación-intervención. En este camino contamos con la compañía de intercesores como Deleuze y Guattari (1995, 2003), Deleuze (1997), Costa (2023), Lapoujad (2022), Espinosa (2016), Clarice Lispector (1998, 1999), Conceição Evaristo (2014, 2018), Carolina de Jesus (2020) y Monique Malcher (2020). Es a través del movimiento de la función narrativa que se motivan los experimentos de los estudiantes. Al encontrarse con los textos de los autores, éstos fabrican sensaciones en escrituras e imágenes atravesadas por sus silencios, líneas de sentido que permean los encuentros. A partir de lo que late en sus narrativas, la investigación pone énfasis en el modo en que se vivencian las sensaciones en la sociedad actual, cómo se atiende el miedo, la angustia y otras emociones en la educación, y explora la potencia de los encuentros, los afectos y sus múltiples líneas de creación en experiencias que resuenan en experimentos, desbordándose en sensaciones. Sacar las sensaciones a la superficie sumergiéndonos en el silencio es una forma de decir que la educación puede ser múltiple, que los cuerpos que la componen son movidos por sensaciones y esto es también lo afecta la existencia y la educación.

Palabras clave: Silencio; Creación; Educación múltiple; Cartografía de sensaciones; Mujeres escritoras.

PARAGENS

Contrações	13
Alvorecer	30
Rio-sensações	60
Sinestésias	90
Pulsações	131
Fagulhas	167
Sonhos batem na aorta	171
Lamparinas sonoras	181
Entretempos	185
Pôr da escrita	197
Afluentes	200
Apêndices	204



CONTRAÇÕES

Tudo que é vivo se contrai escreveu Clarice Lispector. Mas o que atravessa ou produz o contrair? Da contração o nascimento, as dores do parto, mover-se, pular, correr, dançar, sustentar-se de pé. Os movimentos do corpo, os mais leves aos mais bruscos, se tornam possíveis porque músculos se contraem, do mesmo modo as pulsações do coração, esse músculo místico. O sangue correndo nas veias é contração, o útero expelindo sangue também. Antes mesmo do primeiro contato com o mundo o corpo age por contrações.

E o contrair transborda a matéria, entre as forças que o move estão as sensações, é sobre elas que o texto de Clarice fala, “mas a angústia faz parte: tudo que é vivo, por ser vivo se contrai”. (Lispector, 1999a, p.488). É que tal contração transpõe os músculos do corpo e escapa para as sensações, já percorre um “corpo sem órgãos” (Deleuze e Guattari, 1996), assim como o coração extrapola a função de pulsar sangue para garantir atividades básicas do organismo, surgindo como símbolo dos sentimentos.

Assim, contrair-se é o que se faz também nesse espaço invisível que é o pensamento, e as sensações atravessam o pensar como marés potentes, que muitas vezes levam o corpo a contrair-se em emoções até chegar à palavra, pela qual se tenta balbuciar. E ao buscar dizer, contrai-se. Do nervo das palavras pulsam sensações. E, neste caso, a escrita pode ser então uma espécie de contração, logo, este é um texto nascendo. Nesta crônica, Lispector convida a olhar as sensações como algo singular de cada pessoa, e se é possível aproveitar-se de outra questão desse pequeno texto: “Você não acha que há um vazio sinistro em tudo?” (Lispector, 1999a, p. 488) talvez haja vazios diversos, entre-silêncios, e aqui, ensaiar-se-á vasculhá-los ... vastos de sensações... vastos de vazios, vastos de criação. Este é um texto nascendo entre textos. Refluindo das palavras, esvaziando-as brevemente para capturar, um instante que seja, o que está por detrás, para criar o que esteja por detrás. Como isso funciona? O caso é que criar não passa pela imitação, não é um jogo de adivinhação ou interpretação, está mais para fabulação... e alguns roubos sinceros. Um mergulho de olhos bem abertos e ao mesmo tempo distraídos. Mergulhar um momento até

o inefável que a palavra ainda não alcançou, e só aí se cria, é como trocar silêncios, topar com silêncios. É isso também o que se faz ao visitar páginas literárias, por exemplo.

Como justificar uma pesquisa? Tenta-se dizer da forma menos impessoal, mas a questão é que há um encontro que antecede a escolha de um tema de tese, e, no começo era o silêncio. Talvez porque na literatura das autoras que compõem a pesquisa, o encontramos entremeadado aos fios da sua escrita, como um signo, fazendo-nos, leitores, tomá-lo como matéria de pensamento muitas vezes, esse oráculo que compõe tudo e que ao mesmo tempo não se pode tocar, o silêncio das coisas, dos bichos, do firmamento e das galáxias. Não há nada que escape ao silêncio, e, no entanto, nunca o vivenciaremos em absoluto. Ou talvez porque em “da calma e do silêncio” Evaristo reafirme, há coisas que somente se pode ver e sentir pelo silêncio da poesia, nele forja-se o mergulho onde se vislumbra o recôndito que a poesia fabula.

Há sempre um processo criativo que ocorre neste encontro entre autor-leitor por meio da palavra literária. As personagens são existências que dão a ler e vivenciar “blocos de sensações” (Deleuze e Guattari, 2016), além de quem as criou, posto que ler é, para além de traduzir, criar a partir do que se experimenta. É possível dizer que as autoras se movimentam entre sensações, tateiam o ínfimo. Há esse silêncio da literatura que cria ou reterritorializa espaços, um outro tempo também.

Deseja-se perscrutar o silêncio em sua potência criadora, os silêncios que atravessam a educação em seus múltiplos sentidos, considerando que silêncio da criação não se encerra na criação literária puramente, com esta se quer abrir possibilidades de pensar vazios. A arte produz silêncios assim como nasce deles, e neles habitam diversos sentidos, matéria invisível de criação em espaços da fabulação. Engana-se quem pensa que a tela ou página em branco é imagem de silêncio. O silêncio aparece nos contornos, nas linhas, nas cores, no olhar de quem aprecia, nas rumações levadas por este mesmo olhar apreciador. E no trânsito entre silêncio e criação movimentam-se sensações a cada vez.

É como a aparente inércia de que fala Conceição Evaristo, o corpo se aquieta para o pensamento percorrer labirintos e produzir ou fisgar sentidos. A autora diz sobre a potência da invenção no fazer literário, inventar a realidade a partir do cotidiano, criar. Evaristo proporciona pensar na potência da calma e do silêncio além da imagem de inércia ou indiferença, para experimentá-los enquanto ruminação e criação. Este silêncio é necessário para transformar a palavra naquilo que se quer criar, experimentá-la, devorá-la. Algo pode nascer nesta “aparente inércia”, não se pode dizer que nada se passa, ou que tal silêncio seja apenas ausência, pois um nascimento acontece neste viver subterrâneo que se coloca o escritor ou mesmo o leitor. Este aparente rompimento com o mundo, quando encontro potente com os sentidos, é, na verdade, modo de conexão que evoca o processo de fabulação. O silêncio torna-se espaço de fabular.

Neste sentido, buscou-se experimentar, em oficinas de criação, tomando o silêncio como objeto de pensamento, criar seus sentidos além da ideia de ausência ou dicotomia. Ir ao encontro do que os alunos do ensino médio experimentam por meio de seus silêncios pensando: que sentidos pulsam da relação entre silêncio da criação e educação? Dos textos dos alunos brotam múltiplas sensações, emoções que compõem o existir e que surgem nas relações, os encontros bons e ruins que se vai vivendo ao logo da travessia da vida. A partir do que pulsa das oficinas e dos textos das autoras, a pesquisa tensiona o modo como se vivencia as sensações na sociedade atual, na educação.

Os escritos dos alunos e das autoras levam a pensar como se lida com as emoções no tempo em que se vive na sociedade atual? Afinal, estamos no tempo da produtividade, a educação básica torna-se parte deste ideal de produção, se caminha para currículos cada vez mais tecnicistas, visando uma formação utilitarista e universal. Então, ao propor pensar o silêncio, nascem escritos sensíveis que falam sobre emoções complexas atravessadas nesta ideia de tempo

acelerado, não há como não pensar sobre o tempo em que se pode vivenciar o encontro com este silêncio. Neste sentido, há uma questão que atravessa as experimentações criadas nas oficinas, ainda que não seja o intuito respondê-la objetivamente, como lidamos com as emoções em meio ao tempo acelerado? São bem-vindas no espaço de produtividade, ou apenas quando são rendáveis de algum modo?

São questões que surgem no cartografar das sensações, e que atravessam o texto das autoras. Ao logo da escrita de tese, o que nasce do processo cartográfico vai tramando a tessitura do texto, as questões que o movimentam em torno de tudo que pulsa quando se pensa em silêncios da criação. As sensações, os sonhos, medos, angústias, o tempo, as aprendizagens, os encontros e também as linhas de criação que nascem destes encontros.

Há um trecho de entrevista do filósofo Gilles Deleuze, “o que é uma aula” onde ele diz que uma aula é “matéria em movimento”, não há como prevê-la nem definir o interesse de cada pessoa que a assiste. Sob a ótica do filósofo, “uma aula é emoção tanto quanto inteligência” aqui trama-se um encontro desta pesquisa com tal perspectiva, posto que, nela lida-se com questões que passam mais entre o par emoção/sensação que pela dupla razão/ inteligência, ao menos a inteligência e racionalidade entendidas a partir de um senso comum estabelecido pelo sistema social no qual estamos inseridos.

Em uma aula passam infinitos, não-ditos que acontecem para além do conteúdo curricular, aquilo com o que se chega e com o que se vai embora de uma aula. O que ressoa? O que nasce da leitura? O que interessa a cada um, ou, o que não interessa. São linhas que se atravessam constituindo tal tessitura, “linhas molares, moleculares, linhas de fuga” (Deleuze e Guattari, 1996). Pensando a partir da proposta de tese, percorre-se as linhas que compõem os mapas da maquinaria-literatura, maquinaria-sociedade, máquina-educação cartografando estas sensações que atravessam a educação, a partir do silêncio da criação.

Tudo que se cria, tudo que se escreve torna-se possível porque há o silêncio nos porões da escrita, na ruminação, na desistência de um caminho, ao pensar e decidir percursos. Ele está no processo de criação. Há muitas formas de nele expressar-se, pode-se dizer que é vazio, atitude, apreciação estética, recusa, acordo, cumplicidade, pode ser um silêncio que guarda medo, horror, intimidação. Se enveredamos para a música ele é a nota principal para compor a melodia. São notas infinitas, ocultas. Enxerta poesia nas palavras de muitas formas, como no momento em que o poeta mergulha naquele átimo segundo em que algo vem em forma de palavra por meio de uma leitura, uma lembrança, da pura imaginação ou de uma cena na qual se insere através da observação, e, observar, carece de silenciar as coisas ao redor. Ele se torna crucial na escrita, e, ainda, o silêncio é espaço do ruminar, de imergir em intensidades que estão para além do pensar automático do dia a dia.

Mas o silêncio atravessa outros caminhos da linguagem além da relação com a palavra, basta flunar pelos olhares, movimentos, toques, intencionalidades, alegrias, medos, seus *blocos de sensações*, matéria de investigação a fim de mirá-lo na composição das coisas e das existências. Pode-se olhá-lo por diversos modos, um caleidoscópio. Neste sentido, pensar o silêncio como ausência de som é o modo mais primário de compreendê-lo, ele está entre as coisas, compondo-as, em sua relação com a palavra há multiplicidade, pois:

(...) é justamente no interior da linguagem, entre os seres falantes, que se encontra uma grande variedade de silêncios: há o silêncio de quem escuta, de quem se recusa a falar. Há silêncios cúmplices, silêncios desaprovadores, silêncios ameaçadores, silêncios repousantes, e o silêncio das coisas materiais participa de todos esses silêncios (Lapoujade, 2014)

Na esteira de Deleuze e Guattari (1996) concebe-se que tudo se agencia por linhas, linhas duras e maleáveis que a todo momento se encontram e atravessam-se. Há linhas molares, moleculares e linhas de fuga que não param de se movimentar. Podemos pensar estas linhas dentre a cartografia das sensações, da vida e de tudo que a compõe, a partir do silêncio.

Está-se constantemente vivenciando encontros, desencontros, sensações coletivas e individuais, por todos estes eventos se é atravessado, pode-se mudar, reagir, resistir, criar. Deleuze e Guattari (1996, p.67) escreveram que “não somos mais do que uma linha abstrata, como uma flecha que atravessa o vazio. Desterritorialização absoluta”. Os silêncios são o mover abstrato que se atravessa em segmentaridades duras e maleáveis, molares e moleculares, pois os indivíduos o são, nele também é possível criar linhas de fuga fazendo nascer e fabular, como uma fagulha de resistência que faz continuar a dança do tear. Linhas de vida que tecem também blocos de sensações, neles se mergulha para criar.

Há o silêncio das coisas, silêncio de rio e de mistério, silêncio de afeto que pode se traduzir em histórias contadas, em livro lido antes de dormir, em memórias de infância que guardam detalhes de um momento que se eterniza. Quando se conta um instante que abraça as lembranças e brotam como signos, sentimos o cheiro de infância, o gosto da comida preferida na casa da avó, o som da voz que lia essas histórias, o perfume dessas águas em que se viaja de um afeto a outro. A cor de móvel de algum lugar especial, a cadeira que se sentava na escola, o lugar favorito para se ir. E tudo isso marcado por encontros singulares para cada um. Se cria com essas sensações, com essas forças que movem o sentir. Como no conto de Evaristo, “olhos d’água”. As frestas da fabulação mergulham nesses silêncios, e nas experimentações se espriam tramando cartografia de sensações.

Sentir é a condição imutável de tudo que se move, experimentar sensações é um modo indelével de acessar a si mesmo e ao mundo. Se as sensações são um modo de encontrar o mundo, a educação é também lugar em que as experimenta. Há linhas que se atravessam a todo momento nos corredores das escolas, encontros não marcados acontecem nesse espaço, olhares se cruzam, param, empáticos, tentando reconhecer o outro, buscando conforto, novidades, por vezes desviam, indiferentes, assim as amizades vão brotando antes mesmo de palavras trocadas. É assim também com a curiosidade em saber quem são os professores, quem vai ministrar aulas de história, matemática, português? Olhos assustados, mudou de escola, de ano, deixou afetos em outra escola, inundou-se num silêncio de dúvidas, apreensão, de euforia. Sempre mergulhando em uma conversa invisível a outros, que seus silêncios abrem consigo.

Sensação pode ser o que se passa, ou o que fica de um encontro, bons encontros, encontros ruins, que se traduzem em reações que o corpo passa a abrigar, *afetos*, pode ser o que nos acontece quando vemos um quadro, escutamos uma música, lemos algo, ouvimos uma palavra dispersa em uma conversa. Há algo que desperta e faz ruminar, sentir, calar, afetar-se por isto, o desconhecido que atravessa o corpo. Pode ser o que faz transbordar em choro, riso, medo, em um ímpeto que transpõe, que impulsiona a mover-se, pode ser uma calma apaziguadora, uma angustia inquietante.

As sensações da infância devem ser decerto uma das mais profundas e ricas experiências que, no entanto, se esquece. A novidade do mundo é uma sensação que muitos perdem quase por completo, ou ao menos deixam despercebidas na repetição das horas. Talvez se aloje em um canto recôndito para que se resgate em muitos acontecimentos ao longo da vida, como no resgate de um desenho na infância, o rio que se nadava, a árvore que se subia, os traços talhados nessa mesma árvore, quem seríamos sem essas memórias? Deixar-se afetar pelas coisas não como matéria, mas como travessia que vai tramando vazios. O mundo que nunca se esgota. A poesia sabe do que se está falando, ela transvê o mundo como ninguém.

Mas então, mergulhar na sensação carece de um “tempo dos sentidos”. Ao falar sobre a arte como *blocos de sensações* os filósofos dizem que “as sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido” (Deleuze e Guattari, 2016, p. 212). As sensações nascem dessa passagem infinita entre tempos, que vai além da matéria, do “presente limitado”. Podemos emprestar a imagem de tempo do sentido ou do tempo acontecimento para pensar a relação das sensações com a linguagem, neste caso, com o silêncio que se materializa na palavra escrita. O tempo das sensações não se materializa em presente, passado e futuro como algo fracionado, passa por “perceptos e afectos” (Deleuze e Guattari, 2016). Quando os alunos escrevem sobre silêncio, estão habitando tal trânsito entre um tempo incorpóreo, como um “lugar dos acontecimentos incorporais”, (Deleuze, 1974, p.92) que transpõe o agora naquilo que se vive além da materialidade do tempo em linha reta, e pulsa feito sensação no encontro com a palavra.

O que nasce quando se pergunta sobre silêncios e tempo são as sensações que refluem no transito da escrita, pois, “a linguagem está sempre indo além dos limites do presente vivo, sua função primária é essa. Por meio da linguagem, abre-se o acesso a um passado/futuro ilimitados” (Monegalha, 2018, p. 92). Por isso pensar o tempo da criação é necessário para entender que o tempo cronológico não é suficiente para experimentar os afetos. Nesse sentido, se percorre imagens de tempo tensionadas nas literaturas que acompanham a pesquisa, e, com isso, pensa-se a provocação: “o tempo, que é insonoro e invisível; como pintar ou fazer ouvir o tempo?” (Deleuze, 1981, p. 30).

O conceito de Educação múltipla foi pensado na pesquisa de mestrado, encontra a pesquisa de tese por vias de sensações, de silêncios e de escrita para pensar a educação por meio do que atravessa o corpo e nasce dos encontros com as relações: medos, alegrias, angústias produzidas também entre as linhas sociais nas quais somos parte, as sensações que ficam, por vezes, à parte, mas que compõem os processos educativos. Talvez uma sensibilidade manoesca “preferir abelhas a aeroplanos” no que se convencionou o processo de educar.

Vida e escola não se separam, a escola faz parte da vida e por ela se passa carregando todas as vivências, professores e colegas passam a ser partes da vida, para a escola se vai carregando as angústias, anseios, gostos, condições de existência, nela se cruzam muitas formas de estar no mundo, por detrás desse modelo de ensino baseado em disciplinas, provas e seleções, há um mundo que não está no currículo ou no calendário. Há as sensações. As trocas, descobertas com colegas, aqueles que se tornam amigos, confidentes, as incertezas com as quais se aprende a lidar, tudo atravessa o espaço escolar e o constitui. E essas linhas invisíveis que se desenham entre as frestas da dinâmica curricular, ressoam sempre que na escola se dá tal abertura para as coisas que “devem ficar fora da escola porque lá é lugar de aprender”. Aprender por sensações é uma parte indissociável da potência da aprendizagem.

Ao pensar em uma educação múltipla, buscou-se olhar a educação tensionado os modos de opressão que cerceiam os espaços formativos, discutindo possibilidades de pensar um espaço educacional desviante do que possa aprisionar os modos de existência. Neste sentido, ao pensar educação em suas multiplicidades nesta pesquisa, as conexões se dão por meio da literatura e suas insurgências, suas forças de criação que são modos de questionar, denunciar e ampliar a realidade, e com ela se adentra ao espaço formativo pensando: que tempo, que silêncios, que vidas atravessam a educação para além da funcionalidade do ensinar-aprender por conteúdos, mas também por essas linhas de vida que estão atravessadas na escola.

A ideia de multiplicidade se dá na possibilidade de criar modos de viver para além de uma hierarquia social excludente, fuga à hierarquização da existência, bagunçando as sobreposições, tentando perceber o viver tal como um novo, onde razão não se sobrepõe a emoções ou sensações, mas se cruzam, acontecem em diversas combinações dentro dos silêncios, produzindo-os. Como em um novo, os fios se atravessam.

Tais questões surgem ao contestar um modo de educar instaurado na mecanização da aprendizagem. Tem-se observado a arte, a filosofia, a literatura,

disciplinas que instigam à criação e ao pensar, serem postas como secundárias em favor de um currículo mais mecânico que prioriza um projeto atualizado com as normas também mecanicistas do sistema capitalista.

Interessa a “dimensão inquietante” do silêncio e as sensações que dele transbordam, cartografá-las tecendo discussões em torno da educação como potência de multiplicidades, afetos que atravessam os espaços formativos. A pesquisa não tem como objetivo definir as formas de silêncio existentes, tal propósito seria impossível dada a infinitude do teor do que se desejou pesquisar. Não é um estudo quantitativo ou mesmo qualitativo, mas uma deriva entre o que escapa e compõe ao mesmo tempo, em um movimento cartográfico. Cartografar é distrair-se trazendo à superfície o invisível. Cartografar é mergulhar nas paisagens, imagens, palavras, desenhos, lançar-se ao cotidiano despindo-se do olhar automático. Flanar pelas entrelinhas do dito, criar com. Criar a partir. Mapear sentidos entre as sensações entregues nas experimentações. A cartografia das sensações é tramada por estas linhas.

Na pesquisa cartográfica o acontecer disto só pode ser vislumbrado ao longo do percurso, a partir do que chega durante os processos de criação, das vivências de pesquisa e na produção da escrita, momento em que a pesquisadora flana pela seguinte pergunta: “Como isso tudo que vivemos se incorporará à palavra?” Já que “O resto é silêncio” busca-se perscrutar esse resto Shakespeariano, “que não é apenas a sobra da fala, o dejetivo que fica fora dela. O silêncio é o resto que fica dentro da fala, para que ela possa falar” (Duarte, 2014). O silêncio precisa eclodir, nos resta falar.

Assim nascem os agenciamentos, as teias de sentidos de uma pesquisa-intervenção que serpenteia pelas bordas, nascendo à medida em que se vai experimentando, pois, o silêncio como espaço de criação opera na possibilidade de sentidos infinitos, na escrita que nasce de quem se expande a cada encontro, pelos olhos silenciosos de quem lê, pois, a cada olhar, sensações singulares.

As imagens de criação em Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Carolina de Jesus e Monique Malcher abrem possibilidades de sentidos. Estas escritoras constituem a linha feiticeira que transpassa as abordagens em torno do silêncio da criação, provocam aos participantes das oficinas um convite a mergulhar trazendo à superfície sensações próprias.

As perspectivas de silêncio trazidas por Clarice Lispector e Conceição Evaristo são elementos conceituais importantes para pensar o silêncio da criação e seus desdobramentos, a partir dessas autoras foi possível tramar imagens de silêncio para além do usual, e então mergulhar nas vivências de criação com Carolina de Jesus e Monique Malcher. Essas são as autoras que ajudam a tecer as linhas do plano de composição da pesquisa, movimentando um emaranhado complexo de sentidos que acontece a cada texto da tese.

E na tese não se fala de silêncio ou de criação ou de tempo ou mesmo de encantarias ou de silenciamento e resistência pela literatura apenas, como uma análise literária puramente, mas são encontros fabulados com a literatura dessas mulheres compondo as seções da tese junto às oficinas. O processo cartográfico começa nesses encontros, na leitura, na captura de algo que se emaranha ao todo, entre textos dos alunos e as personagens das autoras, bem como o diário de Carolina.

A cada mergulho, uma possibilidade de pensar a partir de um espaço. Pensar a partir das aprendizagens, da solidão, do tempo, das memórias, dos sonhos, dos rios que acompanham a escrita de tese desde o espaço físico aos incorporais. Não há porquês tecnicamente desenhados com intuito de justificar a escolha específica de cada autora, tem o contato, o encontro, o sentido com esses espaços que formam mesmo uma cartografia. Suas potências de escrita em devirmulher. O rio que acompanha o viver dos alunos e que tece a escrita do conto de Malcher, desagua nas águas salgadas que banham a Lóri e demarcam o encontro de Cida. São as águas caudalosas que escorrem dos olhos d'água, um rio ancestral.

A tese se movimenta em textos livres, mas que se conectam. A ordem não é obrigatória. Começa com *Alvorecer*, um texto-canteiro que narra sobre o nascimento das oficinas e seus processos em uma analogia com o nascer do sol às margens do rio. A ideia de horizonte enquanto movimento atravessa a alusão, buscando pensar as oficinas como esse espaço de se fazer nascer algo. Nele, uma voz narradora conta os passos da cartógrafa como se lá estivesse. Tensiona, mapeia, supõe e questiona. É mesmo como imagens tramadas de um viveiro de criação.

Às margens do rio, encontra-se as encantações. Por meio do conto “Boca de Lobo” de Monique Malcher, mergulha-se em *Rio-sensações*, uma proposta de escrita brotada das relações de rio e vida no viver amazônico que pulsou nas oficinas. Em meio a uma oficina, se vai catando ditos, relações e vivências, e então, cria-se o próximo encontro. As linhas de vida dos estudantes de Mocajuba se cruzam com o fluir das águas. O rio-portal que apresenta a cidade aos que chegam, incluindo os botos, desagua nos escritos dos alunos, que buscam em causos, histórias contadas nos afetos, os silêncios encantados e as interdições e violações também tensionadas nos escritos.

Assim, o texto vai se compondo em sensações, cenas cotidianas e singulares que a cartógrafa fabula e se enredam às palavras de Malcher, e então desemboca nas criações dos alunos. Um mosaico de silêncios de rio e de florestas. Nesse texto se relaciona o rio das águas ao rio-escrita, suas correntezas e paragens no encontro com as coisas e seus silêncios.

Em *Sinestésias* nasce um personagem-conceitual, ou quem sabe personagem-pastiche, fabulado pela cartógrafa. Neste texto, imagens de angústia, solidão, solitude e silêncios criadas nos textos dos alunos, levam a personagem, uma professora que busca pensar a existência, a tensionar as sensações na relação com a educação e a vida como coisas indissociáveis. As cenas de encontro com texto em seus momentos cotidianos, além da sala de aula,

são também uma transposição da imagem engessada de professora, imergindo nas sensações de Lóri. Ao ler o texto dos alunos, se propõe a pensar com eles, e vai mergulhando em conexões entre sensações e o tempo, a vida, as normas e regulações.

Em **pulsações** Cida, personagem do Conto “O cooper de Cida” de Conceição Evaristo, convida a pensar a “corda bamba do tempo”. E ao sentir as batidas do coração, recorda ser uma mulher e não uma máquina. Nas linhas que contam a personagem, pensa-se o modo de existir em um tempo de cansaço, e como a educação acontece nesse tempo. Na experiência de Cida, conjectura-se sobre como a vida acontece no mover do tempo capitalista. Entre o tempo acelerado e o tempo das sensações, os alunos da oficina escrevem sobre como criar um tempo para si, desta pergunta nascem muitas questões, a ideia de felicidade, do que seja crescer, conquistar ou existir neste tempo são tensionamentos propostos pelos alunos. No mesmo texto, a partir do conto “Olhos d’água”, a escrita percorre o pensamento para dizer “Que sensações teus olhos guardam?” Como uma ideia de pensar o que se repara a partir dos sentidos, o que se repara em volta, seja pelo toque, cheiro, audição. Ou pelo incorpóreo, o que fica depois desse encontro.

A escrita vem das sensações, do confronto com o cotidiano. É como a imaginação de Carolina de Jesus. As linhas de *Quarto de despejo* carregam letras abastadas de silêncios, muitos no corpo de Carolina, na exclusão que documentou, outros em sua imaginação criadora. Seu livro é um diário escrito a partir das vivências da escritora como catadora de papel, onde conta o cotidiano dos moradores da favela do Canindé, conta também o que observa na sala de estar, que era a cidade além da Favela.

Ela sonhava em ser escritora, entre o silêncio da interdição nas ruas da sala de estar, as linhas de poder invisíveis tramavam em seu corpo a impossibilidade de ser vista. Quando a favela vai dormir e seus filhos pegam no sono, Carolina escreve. Denuncia. Narra. Conta as coisas que vê. É da Carolina

leitora, escritora, denunciadora, e sobretudo sonhadora, que **Fagulhas** conta. O Texto percorre suas entrelinhas buscando desenhar uma Carolina que sonha ser escritora e vivencia esse sonho, narra a Carolina artista de olhar potente e sensível que amava a arte, os livros e a seus filhos. Entre as luzes das estrelas que a acompanham e a incandescência perspicaz de seus olhos, Carolina vivencia a literatura como uma potência de vida a tecer suas linhas de fuga. Esta seção se subdivide em **sonhos de Carolina**, **Lamparinas sonoras** e **entretempos**, neste último tece-se uma relação entre os escritos de Carolina e os textos dos alunos das oficinas.

Uma tese tecida em signos que se cruzam entre texto a outro. Dos olhares e contrações, às águas de rio ou mar. Movimentos de escrita da literatura à escrita de si. É isso que aparece na escrita dos alunos, uma escrita de si atravessada pelo tempo infinito do vivido e do vivível. O agora carrega um infinito existir que nunca cessa como sensação, e agora não se está falando da angústia de ser engolido pelo passado ou pela necessidade de se estar pensando o próximo passo, não é da corda bamba do tempo que falamos quando se pensa no infinito, mas daquilo que provoca a possibilidade de tramar encontros consigo e com o outro. Aprender por sensações. É como no momento em que, em um dos textos dos alunos, surge a menina que “adora ir ao centro¹ ficar com sua avó, escutar várias histórias e se sentir amada”. É como o encontro diante do mar ou o mergulho na água grande do rio.

O texto está atravessado por imagens e escrita dos alunos, eles compõem o traço cartográfico de se experimentar com. Com eles se vai tentando compor um texto em sensações, das imagens à escrita feitas com as linhas e traços de estudantes. Importa dizer, as escritoras não são um *corpus* ou mesmo um recurso metodológico para as oficinas, não apenas compõem o processo cartográfico, mas também as confluências teóricas da pesquisa, trazendo conceitos e sentidos.

¹ Centro toma o sentido de sítio ou interior.

Agora mergulhe no rio de escrita, não sem antes pausar o tempo do relógio para encontrar a escrita das alunas e dos alunos de ensino médio do interior do Pará. O que lhes dizem sobre o silêncio, que sensações gotejam nas páginas. Mergulhe também nos delírios de uma cartografia feita no encontro com a escrita das mulheres que atravessam a tessitura da tese, em trânsito, uma geografia do pensamento.

A escola mal organizada.

Com uma boa escola bem organizada
reminera ~~Charmante~~ vale a pena
trabalhar uma década, que por conta da
trabalhar muito bullying por isso
uma maneira muito hábil dedicada,
hávia um grupo de estudantes que
com isto, eles mal tratavam isto porque
o grupo da garçota com a mala isto
por conta da escola os alunos por
depressão muito isto, que isto dá a
vida, isto dá a vida mas não há
estando os alunos isto e isto dá a
é quem a universidade era com a
Depois da aula rende a escola mas
na, a escola da comunidade por isto
o que os alunos, isto com a
os alunos que isto com a
nova um



Alvorecer



Hoje acordei no alvorecer, quando abri os olhos o sol saía tímido por detrás do rio. Da janela entreaberta foi possível vê-lo flutuar, lentamente, anunciando a manhã, fazendo sua alvorada pontual. O que me fez acordar cedo assim foi uma frase do Guimarães Rosa, ela ficou perambulando entre minhas viagens oníricas, naquele momento em que a gente fica bem no meio do portal entre a realidade e o sonho e chega a duvidar se está dormindo mesmo, sabe? Pois é, no sonho estava lendo o livro e no momento em que grifei a frase, ela começou a ecoar em uma voz suave, coisa meio clichê, mas o eco foi me despertando aos poucos, no que abri os olhos. Isso me fez pegar papel e caneta.

Levantei e abri de vez a janela, o rio que assoalha minhas passagens trazia o cheirinho bom das primeiras horas do dia, sabe aquele cheiro de maré cheia? Aquele cheiro úmido invadindo e se espalhando em mim, chamando para um mergulho. Disseram-se que o correr dos rios é a dança das águas, o constante movimento que o faz sempre atual, talvez as águas do rio estejam me convidando a entrar nessa dança da criação até chegar à preamar, rio parado, e a dança recomeçar. Eterna dança. Pausa e movimento. É assim que nasce a primeira palavra, cambaleante, tateando o sentido, fisgando o que não é palavra (Lispector, 1998a).

O rio e seus mistérios irresistíveis, onde se deve entrar lentamente, certa cautela para ver onde vai o próximo passo, até onde dá pé a água turva, o que está lá e não posso ver, que perigos e que sensações. É assim também com o rio-escrita, às vezes precisa-se desesperadamente entrar, mergulhar e nadar como para salvar a vida, um movimento frenético, pulsante, quando aparece o processo é contínuo, tudo fica circulando no corpo pedindo para vazar nas páginas escrever.... escrever.... Estou sempre à beira das palavras, a um passo de tocá-las e agora mesmo careço delas para narrar, porque nasci para isto.

Entro furtiva tocando o branco vazio das páginas. Os dedos se contraem rapidamente como a um tear. Pausa. Olhei rapidamente, mas bem devagar, o entorno da sala vazia como admirando o momento de solidão e retornei os olhos à escrita. Nasci e devo te contar como tudo isso que se incorpora à palavra foi tomando forma, como o mapa das sensações foi acontecendo? Assim como o menino que carregava água na peneira, fabulado pelo Barros, ele queria ser poeta, não é? Ou pelo menos era isso o que a mãe dizia, assim como ele “gosto mais de vazios do que de cheios” (Barros, 2011) por isso esse acontecimento fabular me chamou atenção. O vazio evidencia o invisível, nem sempre o invisível cumpre significar inexistência, no vazio se pode criar, vislumbrar o que sempre esteve, e, de repente, ao esvaziar-se, seja de certezas, de amontoados de convicções sociais, dogmas, de rigidez, dá-se vazão ao invisível. Na escrita o vazio é espaço em que se entra para fabular por entre um silêncio que convida à criação. Gosto do invisível das palavras, como um lugar em que se procura e se experimenta sentimentos, respostas, desequilíbrios, onde se postula a derrocada das leis universais, contaminando as significações. Ao perguntar sobre coisas que sistematicamente parecem muito óbvias, enche-se de vazios as palavras que rapidamente se movimentam a tentar dizer, e então algo nasce, uma realidade é inaugurada e na fabulação se aprende a “gastar o vazio”.

Estou de frente para o rio, sentada na rede, enquanto escrevo contemplo um vazio imenso na paisagem. Assim como o mapa, a cada contorno nasço um pouco mais, junto com este texto, é como na frase da Clarice Lispector “você que me lê que me ajude a nascer”. (Lispector, 1998b, p 33). Desejo narrar o alvorecer de sensações em encontro com a literatura, infinito, assim como o nascer do sol na margem do rio, o rio por onde transitam histórias e os transeuntes vão tecendo a vida em sentidos e memórias. Um texto feito entre rio-signo, rio que desagua em riacho de palavras.

Pretendo, então, que este escrito desenhe cenas de um processo, uma cartografia tramada em emaranhado labiríntico, sentidos nascidos da procura pelo que pulsa em silêncios. Há que imergir em caminhos que não se conhece, nem mesmo uma direção estatística, nenhum modelo anterior, não é como uma aplicabilidade, “são travessias e abismos que se abrem ao acaso dos encontros, ao indeterminado das relações” (Costa, 2022, p.7), desbravar o caminho um tanto desconhecido, labiríntico mesmo. Não é obvio ou fácil, se constrói o mapa ao passo em que se experimenta com ele, porque, afinal, “o real se dispõe pra gente é no meio da travessia” (Rosa, 2015, p.46).

Como isso funciona? Você pode se perguntar, construir ao passo em que se experimenta? Lembra quando disse que a cada contorno nasço um pouco mais? Esse é o movimento que a cartografia propõe, entrar em um labirinto com pistas, sentidos e questões a pensar, mas não em direção a algo dado, carece de ir movendo as linhas, encontrando os traços a cada percurso para que o mapa intensivo vá se desenhando. Um mapa aberto (Deleuze e Guattari, 1995), abraçando um vazio vasto, uma “pesquisa viva!” (Costa, 2022). Tal pesquisa acontece por meio da cartografia literária ou cartografia intensiva, por isso começo desvelando possibilidades de como ela funciona, por ela apenas foi possível que a cartógrafa mergulhasse nesse encontro indeterminado com a cartografia das sensações no silêncio da criação. São seus passos que tento seguir com um olhar onipresente, invadindo seus silêncios, os vazios que abriam passagem para cada movimento, escolha e desaguar da pesquisa e suas “paisagens nômades” (costa, 2022).

Vou então tecendo um fazer de conta permitido às vozes narradoras, para saber contar o processo como se lá estivesse. Eu, que nasci com as primeiras linhas deste texto, sou uma licença poética vagando pelas bordas do academicismo, das linhas diretas que devem seguir o conceito de escrita acadê-

mica. O que é mesmo uma escrita acadêmica? Pois bem, penso que a pesquisa cartográfica estremece tal conceito estabelecido, a prova disto é que nasci para narrar um percurso-experimentação de uma pesquisa cartográfica.

Para experimentar a cartografia intensiva é preciso “percepções e cuidados especiais em não tomar o outro como tema ou “objeto” de conhecimento a ser apropriado ou representado, e de não instituir uma separação/hierarquização entre conhecimento e realidade” (Costa, 2022, p.1). Não é o resultado ou um resultado específico que se busca, mas a travessia, as entrelinhas que aparecem no encontro entre a literatura e a vida, entre a realidade fabulada, experimentada em páginas e além delas. Trata-se de “verter as linhas de escrita em linhas de vida” (Costa, 2022, p.2) e fazer jorrar as linhas de vida por entre imagens e palavras, um infinito que faz sempre aparecer algo, trazer à tona o “real singular produzido” (Costa, 2022, p1).

Lida-se com o indeterminado, com as existências, com vazios, silêncios, com *afecções*. Penso que muitas destas pesquisas mergulham no que está às vezes à margem do pesquisar em Educação. Produz-se encontros entre literatura, arte e educação a movimentar sentidos. Em suma, “pensa-se a cartografia literária como uma pesquisa-rizoma feita por linhas e traçados, onde o ponto, a parada, o pouso não são o mais importante, pois importa o movimento de se embrenhar, de espreitar, de cruzar as linhas do escrever-pesquisar” (Costa, 2022, p.3). O papel do cartógrafo se dá por esse movimento pensando em *Lógica da sensação* (1981). Ao estar de frente com o acontecimento das experimentações, deve-se pensar “como tornar visíveis as forças invisíveis”? (Deleuze, 1981, p. 30).

Se formos perguntar a muitos estudiosos qual a matéria-prima da literatura, é possível que digam que é a palavra, afinal a literatura existe por meio delas. Mas, penso que a matéria prima da literatura seja a realidade, a palavra é

canal, materialização da fabulação, imprescindível, pois se cria com elas, se conta, narra, é por onde pode se dar corpo à fabulação, porém quando penso na potência da literatura e em como ela pode tocar, salvar ou atravessar quem a lê, o que provoca é o encontro com a realidade fabulada, matéria que a literatura movimenta na criação, devora e devolve de suas entranhas já forjada nas palavras. A literatura inventa realidades, mesmo as que já existem.

A fim de desenhar um pouco melhor trago um trecho do livro de Conceição Evaristo, *Insubmissas lágrimas de Mulheres* (2016) onde narra algumas histórias de outras mulheres que conheceu. Ao falar sobre como as histórias dessas mulheres se confundem com as dela, lança uma questão: “Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas” (Evaristo, 2016, p. 8). É nesse real inventado que a literatura opera. Não se está falando de uma realidade representativa, um relato puramente, mas de como, pela literatura, a realidade se amplifica, se evidencia, é tensionada e afetada, de como nascem realidades pela invenção.

Ao escrever crio, invento, mas invento a partir das sensações que experimento, capturo, vivo e percebo, todas incorporadas a mim como blocos, sutilmente acomodadas, e então, mergulho no silêncio, nele experimento-as e com elas crio, mas não esgoto a possibilidade de novas sensações, dou palavras germinadas com meus silêncios, povoadas, mas quem sou eu para incorporá-las, a meu modo, ao leitor? Então, há o vazio, “mas é um vazio terrivelmente perigoso” (Lispector, 1999b).

A literatura vasculha a fundo nas camadas da realidade, ajusta as lentes, mira de acordo com a afetação de quem escreve, de que modo este acontecimento me atravessou? Como isto que nasceu em mim por algum motivo pode ser posto em palavra? Como essa cena irá nascer novamente pela escrita? Aí está a potência literária. Essa questão me fez recordar do termo criado por Conceição Evaristo,

são *escrevivências* as suas linhas, e penso que todo texto literário é, de algum modo, uma forma singular e potente de escrever vivências, de contar criando, de criar para passar a existir e fazer disto sempre um movimento de sensação.

O cartógrafo deve estar atento, mas em uma atenção distraída, porque não se está buscando algo já definido, não se vai com o olhar fixo mirando o fim, há que se deixar surpreender pelo encontro, abraçar a distração da procura tateando o que vai nascer desse encontro com a literatura e com a vida em estado de realidade inventada, e então, “dar língua para afetos que pedem passagem (...) atento as linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias” (Ronilk, 1989, p.18).

Seguindo o curso sinuoso desse rio de escrever, meus pensamentos já pousam, aos pouquinhos, nas linhas a narrar. Contarei essas vidas secretas que se abrem um pouco no processo de escrever e desenhar, desabrochadas por uma pergunta, um trecho de texto literário, ou mesmo por alguma palavra dita no meio da travessia. A realidade de dentro da gente que constitui e é constituída pelo que pulsa fora, no choque, no ver, no toque, ouvir, atravessar e ser atravessado. Talvez seja sobre isso que devo contar também, de um existir ramificado, múltiplo, que nasce em cotidianos e transborda entre as páginas literárias das escritoras que também tecem o percurso cartográfico. Cada autora tecendo uma teia de sentidos de modo singular que a cartógrafa, nesse duplo movimento de encontro, mapeia e (re)cria.

Agora estou mirando a cena, a cartógrafa é questionada em uma apresentação da sua pesquisa, sobre a escolha dessas autoras para a composição. Pensa um pouco, procurando organizar os motivos, buscando um modo menos pessoal e particular de dizer, mas esta escolha não se dissocia das vivências de

pesquisadora e de existência no mundo. Com cada escritora um encontro que desperta não apenas para a potência de seus escritos, mas também para as sensações. A vida perscrutada sob estes olhares desponta novos modos de senti-la, questioná-la em um mergulho abissal nas palavras. Ir e voltar atravessada nem que seja por uma sensação sem nome, desorganizada, mas latente. Quem nunca voltou assim de uma leitura? Uma ressaca ou embriaguez que arranca da prepotente lucidez de já conhecer-se por completo ou mesmo entender a vida em linha reta.

Penso que nos exercícios de escrita propostos, algo acontece que produz uma espécie de surpresa de si, ao ir escrevendo acontece um desterritório ou mesmo encontro que arrebatada e convida a reverberar em palavras. Quer dizer, que percurso sensível tramaram durante a escrita para escolher escrever o que escreveram? Digo porque são textos profundos em sentimentos, vastos em sensações. É como um transbordar, e a sala de aula se transforma em espaço de quase confissão. Essas cenas aconteceram em muitos momentos, acho até que a cartógrafa, no meio daquele enternecimento, deve ter se perguntado: “com o quê estou lidando aqui?”

Cada encontro contribui para o percurso cartográfico a desenhar as linhas de sentidos na pesquisa. Aliás, são muitos encontros e a literatura foi o primeiro deles, nesse mergulho na palavra literária esbarra com o silêncio e seus movimentos. O silêncio das paisagens, móveis, dos bichos, a sua força-composição para que coisas bonitas passem a existir, como a música, a conversa, a escuta, o momento instantâneo de um cruzar de olhos. Isso provoca uma pausa no tempo-espaço sim, uma espécie de silêncio do encontro ao acaso. O silêncio-composição das coisas, como uma palavra-valise (Deleuze, 1974), infinito.

Da descoberta do silêncio entremeado nessas literaturas, ele foi se expandindo feito pólen, pousando entre escritos, germinando aos poucos a ideia de nele imergir como experimentação. Por isso os textos foram deriva para tramar os encontros com os alunos, assim como o silêncio traça a trama entre literatura e vida na pesquisa. Deste modo, os movimentos de escrita dos alunos dão a perceber com o que se está lidando, são sensações, nascidas de um acontecimento, dentro e fora de si, e que pulsa nas páginas fabuladas no silêncio da criação.

Neste atravessar a cartógrafa vai escrevendo em contrações. Definir a ideia da pesquisa e tudo o que desagua neste rio não foi um processo linear, idas e vindas entre caminhos e possibilidades em conjunto foram traçadas para tramar os movimentos da pesquisa. Tudo começa no pensamento, um vislumbre de possibilidade. Tomar o silêncio como um caminho de pesquisa? E em seguida, pensar como fazê-lo. Uma regência para realização do estágio docente, no meio das incertezas da pesquisa, ajudou a perceber suas derivas. Deveria ser uma aula que permeasse a tese, trazendo suas reverberações, suas autorias e sentidos já movimentados. A aula aconteceu em torno do silêncio. Os textos davam a ler e pensar a relação entre vida e literatura, entre silêncio e existir. Tudo se atravessa, afinal.

Nesta regência a cartógrafa escreve algo no centro do quadro em tinta preta: "Que sentidos guardam os teus silêncios?" Foi a pergunta lançada aos alunos para uma produção, uma proposta de escrita intuitiva a partir do que tinham visto e pensado juntos na aula: vídeos, textos literários, as falas e silêncios que permearam tal encontro. Houve um pequeno espanto causado pela pergunta, talvez uma dúvida primeira de como ou o que falar, de que silêncios se está pedindo para falar, afinal? Embora a questão deixasse ver que a escrita seria sobre "seus silêncios", pairou uma confusão provável de página em branco.

Por entre as literaturas e vídeos foi-se abrindo perspectivas de silêncios, apresentando-o como uma imagem desfeita do sentido literal ou mesmo limitado. Os textos nasceram, alguns com muitas, muitas páginas embebidas de afetações. Ao entregar o texto, alguns alunos sentiram necessidade de ampliar a palavra escrita para uma conversa, falar sobre o que haviam escrito. Curioso como a proposta suscitou essa espécie de intimidade velada, uma cumplicidade com a cartógrafa, transpondo o status de uma atividade da disciplina, havia-se aberto uma fenda que ultrapassou o cumprimento de uma tarefa, não para todos, de certo. A pergunta expandiu o espaço sala de aula e seus mecanismos usuais. Muitos sentidos surgiram nos textos, palavras guardadas há tempos, presas na encruzilhada do pensamento.

Ao sugerir aos alunos que fizessem o exercício da criação por meio do silêncio, não havia uma hipótese do que escreveriam, ao propor uma escrita dessa natureza não se tem ao certo o que esperar, já que se está falando de algo subjetivo. Talvez tenha sido nesse momento de intervenção durante o estágio docente que o percurso cartográfico da pesquisa começou a se desenhar em direção a que se chamou mais a diante de cartografia das sensações. O que veio dessa atividade ficou pulsando entre os pensamentos da pesquisadora. Afinal, estava-se em um ambiente acadêmico, formal, os alunos poderiam enveredar para uma escrita mais contida, tentar alcançar algum texto estudado na disciplina a fim de tecer uma relação ou buscar uma escrita mais focada nos textos literários, mas mergulharam em si mesmos, enveredaram por uma escrita de si e fizeram da página em branco um espaço seguro de suas sensações recônditas.

A maioria dos textos traziam afetos tristes, confissões para si e para a página, cenas pontuais que se revelavam como romper de um segredo silenciado. Então sentiram necessidade de dar vazão ao represado? Tensionaram o silêncio enquanto silenciamento de suas inseguranças e dores? Foi lá que a pergunta

tocou. Mas também havia textos que caminhavam para outros espaços do silêncio, o da criação de si, do encontro inventivo consigo, criando bons afetos. Não que essas imagens de silêncio se opunham, a intenção da escrita não consistiu em determinar, opor ou catalogar silêncios ou sentidos. Aliás, a intenção foi espreitar, ainda que de maneira quase intuitiva, esse encontro com o silêncio em sala de aula para ver o que viria da criação.

A partir dessa experimentação o desenho cartográfico da pesquisa começou a ganhar contorno. Mas como operar com ele? Como funcionaria? Tudo o que se perguntou já estava acontecendo. A literatura trazia pistas para pensar o silêncio além de um sentido dicotômico, ou mesmo além da ideia de silenciamento. Mirou-se primeiro no silêncio como composição das coisas, o que rendeu a abertura para criar outros espaços de pensamento, como se houvesse algo de urgente latejando. Foi preciso visitar o início, o projeto submetido trazia já o impulso desejoso de ir até a sala de aula para experimentar o que pulsa em torno do silêncio. Entre as muitas derivas a pesquisa retoma tal impulso buscando ampliar a experiência do estágio docente, porém na educação básica. As autoras norteiam, como a uma bússola, derivas intensivas porque tudo se impulsiona a partir de seus escritos.

No caminho da escola para divulgar as oficinas, o pensamento da cartógrafa estava na imprevisibilidade. Os alunos irão participar? Na primeira escola as oficinas aconteceriam aos finais de semana, fora o tempo cedido. Aliás, o tempo da escola definitivamente é acelerado, sem muito espaço para vazios, curto até mesmo para cumprir o conteúdo curricular, é como se vivencia a relação com o tempo em sociedade, sempre sem ele, sempre correndo contra ele, um verdadeiro cooper, como propôs Evaristo.

Quando não se está no quadro de professores é mais difícil, por conta do calendário escolar e os prazos a cumprir, as horas são curtas. O diretor da escola propôs os fins de semana para a realização, a oficina foi organizada para dois sábados. Nos dias de semana a cartógrafa entrou às salas de aula, os professores cederam espaço para que pudesse falar sobre a oficina de criação. Nesse primeiro contato averigua os olhares buscando uma resposta ao convite, e que fosse um sim brilhando nos olhos, ou no interesse demonstrado por alguns. Escola é sinônimo de obrigação para muitos alunos, imagina ter de ir aos fins de semana!? É certo que tinham que estudar para prova, fazer tarefas, ou mesmo ir a algum lugar, mas o convite foi feito, colocado nas paredes, espalhado entre os alunos, e sempre há os que topam o percurso e chegam com o coração quentinho de curiosidade ou de desejo de entrar em contato. Textos selecionados, tintas e pincéis à mão. Tudo pronto para começar, exceto... a presença. Os poucos alunos participantes demoraram a chegar, mas chegaram, e estavam interessados em saber o que iriam encontrar.

No primeiro encontro da oficina, ainda aprumando as velas, conhecendo as águas do rio, ia tateando começar a usar as palavras para falar de silêncios, conversa descontraída, perguntas que funcionavam como uma pista, “já se perguntaram sobre o silêncio”? Silêncio! E então respostas curtas. No primeiro momento, a cartógrafa nota algo que se tornaria a dinâmica das oficinas, a conversa ganha um tom de abertura, onde se pode dizer as coisas além de um conteúdo a ser estudado.

Para entrar em contato com outros modos de pensar o silêncio a cartógrafa levou alguns poemas, dentre eles o “Da calma e do silêncio” da Conceição Evaristo, e “silêncio e palavra” de Tiago de Melo. Por esses poemas foi possível tramar um olhar poético ao silêncio, e apresentar também as autoras, a maioria não as conhecia. Até então, a experiência é uma descoberta para todos na sala, a cartógrafa também está experimentando, tateando o encontro por meio do que propôs.

A tese estava nascendo entre esses encontros, depois de muitos caminhos, mudanças de rota, escritos e leituras, retomar o olhar para o silêncio foi como desatar o barco e começar uma nova deriva a rio aberto. Nesta viagem os textos literários são, ao mesmo tempo, afluente e bússola, através deles se propõe reterritorializar imagens de silêncio, a fim de olhá-lo como signo potente de criação. Lançar-se às águas da pesquisa-intervenção foi como começar a navegar com a proposta nas mãos apenas, sem um final de viagem estabelecido e nem mesmo o que buscar.

É interessante, isso acontece na pesquisa cartográfica, os sentidos nascendo entre as experimentações, as linhas da pesquisa se movendo e revelando para a pesquisadora no meio, bem no meio do rio-pesquisa. Isto não afeta o rigor, tampouco retira das mãos da pesquisadora a direção e suas possibilidades, mas a conduz para o estado de atenção distraída que a faz vivenciar a pesquisa como movimento constante. Um movimento que pulsa a cada encontro com as autoras, as leituras e os alunos nas oficinas.

Neste momento da pesquisa a procura pelo silêncio era rio desconhecido, cheio de curvas, as perguntas eram como nascentes de onde algo brotava. Daqui observo os olhos da cartógrafa, vagos e atentos, afoitos tateando algo junto aos alunos. “Como funciona tudo isso que pulsa desses encontros?”

MEUS OLHOS
GARDAM O

TUDO.....



A proposta desse dia consistiu em trabalhar com imagens. Solicitou-se que escolhessem um dos poemas selecionados e dele extraíssem um verso, uma palavra ou uma estrofe que mais lhes interessasse ou remetesse a algo que haviam vivenciado de algum modo. Era momento de abrir-se à experimentação. Esse processo não consistiu em traçar uma representação do texto, descrever por traços e tintas a sintaxe do poema, mas suas entrelinhas a partir do que os alunos vivenciaram na experiência da leitura, sendo assim, de uma mesma estrofe poderiam nascer muitas imagens, pois o texto atravessa a experiência de cada pessoa como uma força singular, movendo a sensação. Nesse sentido:

A tarefa da pintura está definida como a tentativa de tornar visíveis as forças não visíveis. O mesmo vale para a música, de esforçar-se por tornar sonoras as forças que não o são. É evidente. A força está em relação estreita com a sensação: é preciso que uma força se exerça sobre um corpo, na forma de uma onda, para que haja sensação. (Deleuze, 1981, p. 31)

A experimentação acontece nessa tentativa de tornar visíveis as forças não visíveis. Nas oficinas, isso se transforma em composição, as palavras, imagens e músicas atravessam o movimento desse encontro para tornar visíveis o que atravessa e pulsa nos vazios. As sensações que nascem dessa composição, as forças que movimentam sentidos na literatura desaguam nos traçados da imagem, as melodias que transitam na sala durante o processo ajudam a trazer à tona o que se procura entre esses *blocos de sensações*.

No último dia de encontro nesta escola chegaram novos participantes, ausência de outros. Em uma roda foram lendo os textos de Conceição Evaristo, trechos do diário de Carolina de Jesus e de Clarice, foram movimentando sentidos ao encontro das sensações dos alunos, aos poucos elas iam tomando a roda, transeuntes, percorriam o ambiente. A cartógrafa fisgou o momento de silêncio para lançar a pergunta que direcionou à atividade do dia, desta vez seria com a escrita que iriam experimentar. “Em que espaços estão teus silêncios?”



www.fox.com
© 2011 Fox Broadcasting Company
All rights reserved.

© 2011 Fox Broadcasting Company
All rights reserved.

A cartógrafa ancorou ainda em outro porto, na segunda escola da oficina a viagem aconteceu às sextas à tarde e quinta pela manhã, de acordo com o tempo disponibilizado entre aulas vagas ou ao final delas, dessa vez em uma escola da rede privada. O primeiro momento aconteceu com a turma de primeira série do ensino médio, em uma sexta, último horário da turma. A dinâmica da oficina seguiu o movimento da primeira experiência, porém se iniciou a conversa pelas vozes das autoras. Logo depois de conhecer as autoras, a cartógrafa solicitou aos alunos que selecionassem os textos dispostos, entre poemas sobre silêncio e fragmentos das autoras, para criar com eles. Cortam os papéis, pegam fragmentos dos poemas, ensaiam uma colagem, um desenho, perguntam algo sobre o trecho escolhido, vão tecendo a montagem como conseguem, tomam o chão, sentam, à vontade. Papéis e tintas espalhados, os sentidos dos poemas se misturam às suas influências: séries, doramas, símbolos, sensações de infância ou atuais. Um tempo corrido, porém, o que vale nos encontros é já o tempo da criação, a sensação do contato com a escrita ou com os traços, por isso a maior parte da oficina ficava para este momento.

Essa oficina aconteceu antes mesmo da finalização dos encontros na primeira escola, no intervalo entre o primeiro sábado e o último, deste modo foi feito o convite para que estes alunos, se assim desejassem, participassem do último sábado na escola estadual. Tal foi a grata surpresa ao ver que um dos alunos havia aceitado o convite. É significativo esse gesto de encontro, pois sabe-se que a escola parece, quase sempre, uma obrigação chata e por isso não é tão simples reunir alunos aos sábados em escolas para uma oficina de literatura. Então quando pelo menos um aluno, aceita a experiência dá ainda mais sentido ao percurso. É afável a sensação de que as coisas são mais potentes do que as linhas duras que cerceiam a educação fazem parecer. Aquele encontro, por mais breve que tenha sido, suscitou um desejo de participar.

Na quinta-feira da semana seguinte, retorna à segunda escola, os alunos chegam cedo, estão em horário de aula, a turma de segundo ano médio está sentada em círculo, conversam entre si, conversam com a professora-cartógrafa,

a maioria na turma já a conhecia. Todos olham a montagem do Datashow, os livros dispostos, as resmas de papéis. Era uma manhã de maio com programações para os professores e então a cartógrafa pôde estar com a turma quase a manhã toda. As imagens no projetor vão dando forma ao conteúdo deste encontro, que começou com a leitura do poema de Manoel de Barros, “o fotógrafo”, este texto criou possibilidade de pensar o silêncio nas coisas, o silêncio compõe também esse jogo de criação com as coisas. Depois passaram para o poema de Evaristo, “Da calma e do silêncio”, fizeram as leituras e discussões em torno dos textos e partiram para a atividade do dia. Dessa vez não foi uma pergunta o ponto de partida, a partir das discussões em sala, decidiu pedir aos alunos que apenas escrevessem um texto sobre o silêncio.

Mas o que escrever? A cartógrafa então orienta a turma pedindo que escrevessem dizendo o que seria o silêncio para eles, para depois criarem uma imagem a partir do texto, sugeriu ainda que usassem as discussões e poemas como auxílio na composição. Havia na mesa, cópias dos poemas que sempre levava como textos de apoio, dessa vez disponibilizou para que eles utilizassem como desejassem.

Logo ganharam o chão da escola, alguns sentaram-se em círculos, dividindo as tintas e conversando sobre suas ideias para o desenho, outros preferiram ficar imersos na escrita. Neste dia uma das alunas estava sentada no chão, concentrada, desenhando, um dos alunos achou estranho o desenho dizendo que a imagem não parecia ter relação com o silêncio. Ela então respondeu, já olhando para a cartógrafa: *professora, eu estou desenhando isso porque para mim o silêncio é como um destino, por isso escrevi o maktub, porque ele é como o destino.* É como se a imagem usual de silêncio, uma representação, se dissipasse e os alunos mergulhassem no movimento poético de pensá-lo em outros sentidos.

A cada encontro as atividades variavam um tanto, mas partiam da mesma intenção, escrita e imagem tramadas a partir do encontro com a literatura. Apesar de serem propostas parecidas, o que vinha do encontro era sempre singular. Talvez, o jogo de mudar a cada oficina, uma coisa ou outra na proposta

fosse mesmo o ímpeto da cartógrafa em ver o que nascia. Ademais, algumas mudanças na proposta, seja no texto da pergunta ou no jogo com os poemas, eram provocadas pela atmosfera do encontro, as falas e interesses de cada turma, em cada momento. O mapa estava sendo tecido pelos movimentos.

O último momento destes encontros-oficinas aconteceu do outro lado do rio, em outra cidade. A cartógrafa retorna ao encontro com alunos da escola pública de ensino médio na qual fora voluntária em um projeto literário. Desta vez, os alunos foram à universidade. A oficina com duas turmas participantes ocorreu durante o colóquio do grupo de pesquisa Anarkhos. Sentaram-se em círculo, uma roda de conversa se formou. A cartógrafa começou apresentando as autoras aos alunos, mostrando suas obras e lendo alguns trechos.

Os textos revelavam sempre um outro espaço da educação. E, possivelmente, levada pelo que saltava dos encontros com as autoras, a cartógrafa, desta vez, pensou em outra proposta de escrita. Selecionou trechos das autoras, fragmentos curtos, que diziam algo sobre silêncio, solidão, vazio, e algumas frases do texto da tese:

Havia um tempo outro amortecido no coração do tempo

Só então, naquele dia, ela percebera o mar. E como tudo era desmesuradamente belo.

E só então falou significativamente uma expressão que tantas vezes usara e escutara.

Mas falou tão baixinho, como se fosse um momento único de uma misteriosa e profunda prece. Ela ia dar um tempo para ela

Cida levou a mão ao peito. Sentiu o coração e os seios. Lembrou-se então de que era uma mulher e não uma máquina desenfreada, louca, programada para correr e correr.

Quero viver muitos minutos num só minuto. Quero me multiplicar para poder abranger até ~~as~~ ~~desérticas~~ que dão a ideia de imobilidade eterna. Na eternidade não existe o tempo.

Quanto ao futuro, terá ela saudade do futuro? Ouço música antiga de palavras, e palavras, sim, é assim.

Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já está no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.

Há mundos submersos que só o silêncio da poesia penetra

O que imagino é real, senão sobre que base imaginária Ângela? A que brame, muge, resfolega, balindo e rosnando e grunhindo.

Ela faz de uma borboleta uma epopeia

Neste vazio é que existo intuitivamente

Escrever é uma pedra lançada no fundo do poço

Após a conversa sobre os textos das autoras, percorreu o círculo entregando as frases para os alunos, pelo menos dois alunos recebiam as mesmas frases, a partir delas deveriam escrever um texto e deste criar a imagem. Deixou que as dúvidas viessem para melhor orientar sem necessariamente definir sobre o que cada um iria escrever. Solicitou que lessem os trechos buscando perceber o que lhes levavam a pensar, para depois escrever a respeito. Poderia ser sobre qualquer coisa a partir do texto, foi então que uma aluna perguntou: “pode escrever sobre mim?”

Fazer da proposta uma “escrita de si” é um movimento que atravessa as produções das oficinas, nesta não foi diferente. Todos da sala relacionaram o trecho que recebera à sua vida de alguma maneira. Pensar o silêncio produz tal movimento de voltar para si de maneira singular, criando imagens antes invisíveis, talvez o silêncio seja também esse espaço em que se pode expandir-se a si e desaguar em sensações. O que se passa nesse vazio fértil transpõe realidades nas artes, escrita, pensamentos, sentidos de vida. É no silêncio que esse encontro consigo acontece para dele nascer algo. Um silêncio que pulsa dentro, como o que diz Guimarães quando escreveu que “silêncio é a gente mesmo demais” (Rosa, 1956, p.290). São as multiplicidades que compõem o existir e atravessam o viver.

Após todos entregarem suas produções demonstraram alguma curiosidade em saber o que tinha sido feito, a cartógrafa pegou os textos e sugeriu a leitura de alguns, caso os autores desejassem. Sabendo que poderiam existir textos cujo autor ou autora não se sentisse confortável, pontuou que a leitura compartilhada não era uma obrigatoriedade. Mas sempre que pegava um texto da mesa aleatoriamente, os alunos permitiam a leitura. Nessas horas a percepção dos escritos como um desabafo despretensioso aparecia mais nítida, observava os movimentos e expressões enquanto os textos eram lidos. Houve uma aluna em especial, seus olhos marejados a fez sentir-se culpada, como se estivesse violando a confiança entregue. A cartógrafa quis parar a leitura, mesmo com a permissão para lê-lo, mas aluna pediu que continuasse.

No entanto, isto gerou uma cena interessante, que, de certo modo, acalentou o seu coração. Os amigos em volta, os olhares se cruzando e a voz baixinha da aluna ao seu lado, “Você precisava falar, lembra?” um misto de tensão e certo entendimento de que aquele momento transformara-se em espaço de desaguar, os olhos marejados da aluna também acolhiam certo alívio no partilhar, no que a escrita foi posta como um gesto de dar ao outro, por meio das palavras, um pouco do que se vive dentro, partilhar silêncios, e sentir o que se reverbera nas palavras. Talvez esse momento fosse mesmo necessário para que ela vivenciasse a experiência de ser lida, ouvida, de partilhar o que se sente naquele espaço.

A Cartógrafa percebeu melhor que não tinha dimensão do que vivenciaria nessas oficinas, e que as linhas invisíveis que cruzam as salas de aula são mais complexas que se possa enxergar porque são tramadas além. Como dito, o percurso da tese vai se constituindo na travessia. As autoras, os textos dos alunos, todos esses encontros movimentam a pesquisa, fazendo-a tomar forma. As leituras e textos iam dando a pensar as relações que se tramam, e então novas questões surgiam.

No retorno às oficinas, em 2024, os encontros foram tramados em torno dos textos de Carolina de Jesus, Conceição Evaristo e Monique Malcher. As oficinas foram realizadas na escola de ensino médio de Mocajuba que não havia participado no primeiro momento, e ainda na mesma escola de ensino privado, em horários de aulas cedidos por alguns professores. As oficinas foram realizadas em três platôs, por conta do tempo. Não havia como levar as três autoras para as turmas, posto que se queria aprofundar melhor a discussão dos textos de cada uma, e o horário era corrido. Então optou por levar uma autora para cada série, para ter tempo entre leituras, conversas e as experimentações.

Na primeira escola as oficinas foram realizadas em abril e maio. As turmas de terceira série com Carolina de Jesus, as da segunda série com Conceição Evaristo e as turmas de primeira série do ensino médio experimentaram a oficina a partir de Monique Malcher. Para cada oficina um movimento singular, desta vez as questões que já circulavam na tese ganharam espaço nas discussões mediadas pela cartógrafa. O tempo e as sensações. As vivências de leitora e escritora em linhas de fuga tramadas por Carolina. E então, mergulhar nas águas de um rio desconhecido mirando as redes de afetos e sentidos movimentadas pelo rio que atravessa a vida dos alunos, com Monique Malcher traçou-se este percurso, pois é possível pensar o silêncio como uma composição da vida que povoa o mapa intensivo de existir.

As turmas estavam cheias, pois era horário de aula. O professor apresentou a cartógrafa aos alunos e logo a oficina começou, alguns burburinhos, alunos preocupados com a próxima aula, as tarefas por entregar, era preciso ganhar a atenção por alguns instantes. Os instantes que iriam compor as poucas horas disponíveis. Olhar ao redor, ir conhecendo as expressões, curiosidade, apreensão, tédio. Mas a composição do dia foi acontecendo entre as perguntas, leituras, dinâmicas com músicas e aos poucos os alunos aceitaram a proposta. Conhecer a autora, adentrar ao seu texto, pensar com ele. Nas outras turmas foi se seguindo da mesma maneira. Algumas turmas davam mais abertura à oficina, cada turma tem sua singularidade. Algumas alunas pediam o livro para ver melhor, faziam perguntas sobre as autoras, indagavam sobre a vida pessoal delas e também a respeito da escrita.

E assim, as frestas da oficina, esses momentos não planejados, mas desejados, iam dando movimento ao percurso. Na hora de experimentar havia momentos de completo silêncio e outros em que os alunos falavam ao mesmo tempo, pois desejavam tirar dúvidas, entender melhor a proposta. A cartógrafa, provocada pelos textos das oficinas anteriores, mergulhou na ideia da sensação, essa que aparece quando se pensa em silêncio e criação.

Ao propor pensar as sensações a intenção foi investigar como a pensam para além do tempo cronológico, como funciona esse encontro com o outro e com as coisas por meio da sensação puramente. O olhar, o detalhe do outro, as expressões, o toque as singularidades que tornam o outro ou as coisas uma potência de encontro. A ideia não se deu apenas em pensar o silêncio, mas deixá-lo se movimentar no encontro com a literatura. Então pensaram juntos sobre a textura das coisas, um lugar favorito na cidade em que se vive. Esse momento foi tecido a partir do conto de Evaristo, "Olhos d'água".

Neste conto, a personagem não consegue lembrar da cor dos olhos de sua mãe, então percorre a memória para encontrar. Durante esse percurso, vai rememorando o cotidiano vivido em sua cidade de interior pelas sensações que a atravessavam. O cheiro da mãe, a textura do cabelo, as brincadeiras, as tentativas da mãe em amenizar a fome quando não havia o que comer. Esse percurso provocado pelo desejo de lembrar a fez ir ao encontro da mãe. Os olhos eram rio caudalosos, sempre cobertos por emoção. Boas ou ruins. Olhos de afeto, eu diria. Esse conto moveu as experimentações, fez-se o exercício de pensar a sensação em um tempo de encontro. Um tempo que se mede pela intensidade. E que se reatualiza, mas sempre se singulariza.

A partir da leitura do conto, se propôs duas experimentações de escrita e imagem. Se perguntou " Que sensações teus olhos guardam?" A pergunta consistia em pensar por percepção sensível sobre o que se vive, do que se percebe no mundo por meio das sensações, assim como conto. Os alunos entenderam a proposta, pois seus textos são atravessados de sentimentos que perpassam memórias, vivências que se remontam em sinestésias. Além dessa pergunta os alunos também escreveram a partir da questão "Que silêncios teu olhar captura?" feita na primeira turma em que se trabalhou o texto de Evaristo. A ideia de olhar é lida como percepção. Além das propostas de escrita, também experimentaram tecer imagens de sensação, a experimentação se deu em transformar em imagens suas sensações pelas sinestésias: a textura, o cheiro, paladar, o olfato transportando essas sensações para os traços.

Um dos alunos desenhou uma árvore e cobriu com bolinhas de papel, como no pontilhismo, deu o título "Relembrar" e disse à cartógrafa, enquanto manuseava as bolinhas, que a imagem o remetia à infância, quando aprendera na escola fazer a técnica. Ele disse ter "voltado no tempo". Será que o tempo é retorcido na sensação? Movido pelas forças que a provocam, abandona a linha reta.

É como um movimento infinito, a arte impele uma força que provoca a sensação, faz ver e sentir o que antes não se acessava. Mas no momento em que se tenta tornar visível tal força, tal sensação, há nessa tentativa nova experiência que potencializa as sensações. No momento em que se tenta expressar, não representar o que se viver com a arte, mas criar, isso é movimento infinito de sensação.

Em outra proposta as turmas da terceira série, pensando nas realidades que atravessam o tempo da escrita, escreveram sobre a relação entre o texto de Carolina e os dias atuais, os dias que eles veem ou vivem, e também escreveram para Carolina fabulando uma página de diário em que se pode contar o que os cerca, como veem a sociedade para a mulher atualmente. Entre esses textos, há ainda, cartas escritas por meninas estudantes, o que era para ser um exercício dentro do gênero diário, foi se expandindo a partir dos movimentos da oficina, e então nasceram essas cartas.

Nas oficinas mediadas pelo conto de Monique Malcher, os *blocos de infância* atravessaram as conversas. Do conto aos casos que os alunos iam rememorando, o rio guiou o percurso, sinuoso e vasto, até o encontro com a criação. A sala estava cheia, eram duas turmas em um auditório e desta vez os alunos eram mais participativos, ficavam também atentos como a maioria dos alunos das outras turmas, mas se sentiam à vontade para interagir com perguntas. Nestas turmas, os alunos foram convidados a criar seu próprio caso, tornar palavra os afetos que atravessam seus silêncios, as histórias que ouviram e se reterritorializaram em suas escritas. Histórias de rio.



Em outra turma, já na escola privada, no momento em que foram criar suas histórias os alunos pediram para também escolher as músicas. A interação parecia fluida e uma atmosfera de leveza tomou conta da sala. Não mais estavam ali para cumprir horário, mas mergulharam na experimentação. “Agora é minha vez, prof^a”. “Deixa eu escolher a próxima música”. Ora ou outra falavam sobre suas músicas favoritas, surpreendiam-se com a escolha do colega. Depois, concentravam-se novamente. Os atravessamentos que permearam esse momento pulsaram além da atividade proposta, em um encontro que movimenta blocos de sensações que a música produz, atravessando a aula.

Para a cartógrafa foi interessante ver sendo movida a composição onde uma dinâmica não proposta ou prevista acontecia, certamente fruto da relação que constituem diariamente em sala de aula, daquilo que escapa aos trâmites. Foi a sensação de ver a tessitura da oficina que capturou o olhar da cartógrafa, não queria apressar o momento porque notou que toda a composição da cena atravessa o movimento de criação, as sensações chegavam pela troca, pela feitura de uma *playlist* que se formou com músicas escolhidas pelos alunos, seus gostos, suas histórias com aquelas músicas e suas sensações também são parte do cartografar de silêncios que movimenta a pesquisa.

Os dias de oficinas são mesmo uma composição cosida com aquilo que escapa à previsibilidade. Como é a escola, a sala de aula e como são as vivências. Há a apreensão, as dúvidas, as linhas de tensões que envolvem a educação, mas que não definem o todo. As oficinas foram um espaço de experimentar pensamentos, leituras, escritas e conversas que compõem as entrelinhas da dinâmica escolar, mas não são o seu centro. As músicas que gostam de ouvir, os livros que gostam de ler, as tristezas, as alegrias clandestinas, as coisas amenas do cotidiano, isso tudo às vezes é invisibilizado porque é preciso cumprir o conteúdo formal. Mas essas trocas acontecem entre frestas, constituem sentidos. A vida em devir que a todo momento movimenta. A oficina propõe essa possibilidade de entrar nestes momentos por meio da literatura.

Neste rio de escrita as palavras se esforçam para capturar o que se sente, vive e experimenta, porque a educação acontece por entre as sensações. Afetos construídos ao longo da vida atravessam este campo, e, talvez, seja isto que dê potência ao caminhar. Os encontros. Professores favoritos, as conversas, uma matéria preferida, uma aula divertida, as descobertas, os medos, as coisas que se aprendem além do conteúdo. Tudo é composição de vida. As oficinas não foram uma tentativa de pensar novo modelo educacional ou ditar o que funciona. Não há tal pretensão, mas o anseio de pensar o silêncio da criação nesse espaço.

Tatear o que escapa ao modelo de educação mercadológico e atravessa estes silêncios, aquilo que se se produz nas relações, dentro e fora da sala de aula, pensando as entrelinhas do que se passa naqueles minutos de aula, as sensações que atravessam a educação, experimentando potencializá-la por meio da literatura. Cartografar as potências desse encontro poético com a vida, com as próprias sensações no espaço educacional ao pensá-lo pela poesia, essa que pode não salvar o mundo, mas salva o minuto (Campilho, 2015), as horas reais vastas por esses instantes.

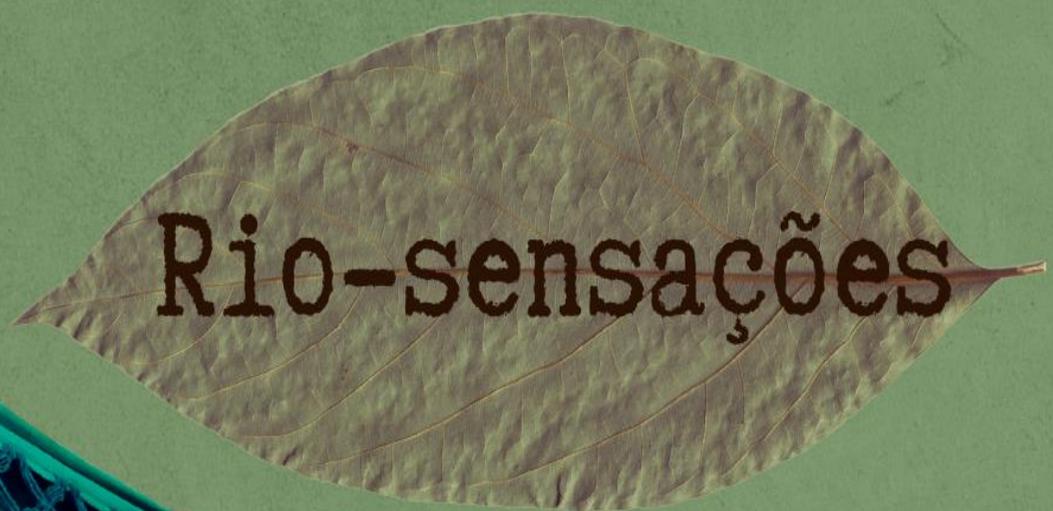
O rio está imensamente bonito. Fecharei o caderno e vou mergulhar.

Boa leitura!



“repara bem

no que não digo”.



Rio-sensações

*A solidão de menina era companhia no zarpar dos barcos.
Alguém sempre precisava segurar firme na minha mão, (...)
entrava nos barcos como se entrasse na vida das histórias
das mulheres da minha família. (...) viajar de barco era
voltar para o que sou.*

Monique Malcher

Você já se deitou na tolda de uma embarcação, bem no meio do rio à noite, e olhou para o céu? É uma das coisas mais lindas de se ver! A sensação vai invadindo lentamente enquanto se fixa o olhar para o infinito. Isso é feito uma feitiçaria, como se as estrelas estivessem se aproximando o bastante para encantar. Elas reluzem forte ! vivas! estonteantes mesmo, longe das luzes de cidades. O movimento do barco faz com que se imagine estar navegando entre elas. As estrelas. Há coisas que só podem ser sentidas na imensidão. É um silêncio que vai preenchendo tudo e abrindo espaço para imagens que chegam despreziosas. O que se pensa nada tem a ver com o redor em si, acontece em uma comunhão com aquela imagem pulsando na retina e invadindo. Estar no rio intensifica esse acontecimento de alguma forma, não se sabe porquê.

O vazio breu da noite atravessado pelas estrelas impregna os olhos de esquecimento. Você pode esquecer os sons ao redor e os burburinhos das palavras e ficar, quem sabe, apenas com o som do motor e o movimento leve que sai das marés embalando os transeuntes. Entrar nesse instante, ao menos para mim, mágico, é uma espécie de mergulho na imensidão, esse jeito de silêncio traduzido em amplitude que se espalha e pulsa em sensações. Sobre isso, é preciso saber gastar vazios. Capturar com o coração esse instante. Contrair-se. Os detalhes de uma viagem são particulares para cada um, é como se vai desenhando o mundo ao redor e o que nasce dele. Espantar-se, deixar-se afetar, perceber, ser, atravessado. Isso, ser atravessado! Saber a poesia como uma força da realidade é coisa séria. Poesia pode ser tudo que expande o mundo, o desfigura do óbvio, e isso se encontra no cotidiano. É como o silêncio das coisas que Lispector (1998a) descreve.

Pensando por esse aspecto, vê-se uma potência de criação nessa imagem de silêncio das coisas, isso quer dizer que elas existem, têm um sentido de existir maior que apenas ser um objeto ou uma coisa, compreende? Tornam-se parte de uma composição, da criação de sensações, como as estrelas sendo olhadas do meio do rio, ou o movimento sendo visto da janela de um barco. E gastar vazios é dar vazão à poesia, inaugurar as coisas mais uma vez. Viajar por rios é uma poesia misteriosa, mesmo quando se vai olhando pela janela em uma poltrona quase apertada, cedinho ou com sol à pino, e também quando se senta em um banquinho na beirinha do espaço aberto do barco e vai olhando a paisagem; você sente um certo abraço no embalo, nas cores que surgem do reflexo das árvores, da posição do sol, do cheiro. Isso a gente fabula gastando vazios, revirando o silêncio onde se cria essas sensações, bem no encontro com a vida.

Vida encontrando vida em entremeios, nos furos² à fora em confluência. A vida em *devir* não se esgota. I-nes-go-tá-vel! Sinestesticamente se encontra a presença, a energia, a pulsação, os vultos e sombras, sussurros de vento ou não. Estalos no assoalho, pontes molhadas de rastros. O magnetismo de rio, feitiçaria da madrugada ou do anoitecer, movimento das folhagens sussurrando lá no alto as suas segredagens. Composição de encantaria, talvez. Indescritível. A vida entrevista se deixa saber pelas frestas do cotidiano. E, de seus rastros, sorve a imaginação os causos que se veem aumentados ou inventados, enche os nervos das palavras com profundidades de rio, o aroma da bota, os encantos de boto e as histórias por detrás.

² Canais que ligam os rios

De bubuia³, os olhos suspensos, o copo imerso, espreita-se o acontecimento, se pede benção ao verter na cabeça o banho verde para curar as dores, medos e maus presságios. Mergulhar na escrita buscando, ao longe, a fabulação. Fabular o que se viu pelos olhos de outrem, signos que perpassam a infância amazônica, no interior das casas ouve-se as contações.

A vó pegava seu cachimbo mais ou menos às 18h, era isso todos os dias, a fumaça esvoaçava pelo quintal, ela mesma preparava, herdara dos seus o rito. Mais tarde deitava na rede com as netas ao redor, cada uma de um lado, e contava as histórias. Seriam inventadas por ela? Eram os momentos de aconchego e de ternura, atravessam a temporalidade. Assim como as rodas noturnas na ponte das casas de frente para o rio. Cada um contando um caso, ouviu falar que aconteceu ou inventou o acontecimento.

³ Mergulhado no rio com a cabeça para fora da água, de molho no rio.

Agora se pode mirar as águas límpidas de um olho dentro de uma pequena gruta. As pessoas vão lá buscar água para beber. Dá para ver o percurso da água gelada até ganhar volume e jorrar, esse jorrar é provocado pela intervenção da madeira que forma a pequena engenharia fazendo a água cair translúcida, tanto, que dá a ver pedras e tudo o que está imerso. Os pés são levemente encobertos, é possível caminhar. De lá o rio vai se espaiando e ganhando profundidade, as árvores dão o tom que imita a coloração da água, assim como a luz solar a faz reluzir. Isto é uma composição.

Os elementos se encontram e se atravessam a compor imagens. Mas como dar a ler a sensação disto? Imagens, palavras, entrelinhas são o modo como se anseia fazer visível estas forças. As vivências e sensações que perpassam esse arranjo, vão tramando as muitas existências desse espaço, das coisas e seus silêncios. A água que corre leva a outras paragens, nova combinação com sua tessitura de cores e árvores e sol e gentes e casas pintadas, madeiras talhadas em pontes ligando uma palafita⁴ a outra em linhas de vida.

**Essa gruta-rio
é movimento
de escrita.**

⁴ Casa de madeira sobre o rio

E então, há um momento em que o rio fica plácido, parado, mudando de rota, aguardando a hora de correr novamente e, em outros momentos, voluptuoso, serpenteia no encontro dos barcos, no cruzar de ondas provocadas pela travessia simultânea. A escrita é assim. Para um pouco, espera, algo chega e movimenta, chega dentro da atenção da gente, que precisa alcançar de algum modo.

No desaguar desse olho-escrita, mergulhou-se no conto de Malcher, “boca de lobo” (2020), ele faz um percurso de barco, narrado pelo olhar de uma menina, que, possivelmente, possa ser a infância da autora. Nesse percurso as vivências das mulheres da família, mãe e avó, são narradas através das percepções que se emaranham à memória da narradora. A relação afetuosa com as embarcações que marca tais vivências também é dita, misturada à trama dos rios. Tudo era absorvido como novidade e afeto. Os cheiros e texturas aparecem nos detalhes descritos. As comidas que se leva na viagem, detalhes de embarcação, as páginas vão desvelando a dinâmica da moradia temporária.

Gostava de ver o que minha mãe tinha trazido de comida nos potes, comer a bordo era especial, principalmente porque sempre tinha a bolacha recheada com carinhas de monstros. Aprendi com muito custo a tomar banho nos banheiros dos barcos, a gente levava uma saboneteira, uma toalha, a roupa bem dobradinha dentro de um saco de pano e a calcinha no meio das roupas para não molhar. Pés no chão nem pensar, se uma farpa entrasse sabe-se lá quantos dias levava para conseguir tirar cutucando com agulha. (Malcher, 2020, p. 15)

A vida que acontece nos barcos, estranha e ao mesmo tempo familiar, como diz a narradora, vai sendo desvendada em detalhes de descobertas e cuidados em trama que perpassa as vivências das mulheres. A potência das mulheres de sua família, contada com tom de afeto, é uma das forças singularizadas na escrita. As gerações que deixam a outras hábitos e ensinamentos, como a arte que amplia a realidade vivida pela criança, e a atenção da mãe à sua apreensão de menina. As sensações se entremeiam aos punhos da rede que a mãe atava e às que avó fazia. Singulares. Quem já viajou de barco em viagens mais demoradas sabe como é característico o entrelaçar de cores, em diversos tons, atravessadas pela embarcação. Assim como a avó tecia as redes, a menina tece em palavras o movimento cotidiano das vivências ribeirinhas ou das cidades de interior.

Mergulhava fundo na encantaria. As embarcações eram lugar estranho e ao mesmo tempo meu território. Os pés reconheciam o banheiro e se deixavam levar. As histórias, que já circulavam ali como visagens ou bênçãos, eram minhas bem antes da ideia de lar com quatro paredes (Malcher, 2020, p. 14).

Me gabava das redes bonitas que minha vó costurava, que tinham nas varandas muitas rosas de crochê, os punhos trançados, diferentes dos outros punhos, eram obras de arte (Malcher, 2020, p.17).

O conto de Malcher foi caminho às reminiscências que surgiam durante a conversa com os alunos, daí então, histórias e causos foram surgindo, o espaço transformara-se nas cenas de casa de parentes, no interior. E apareciam as histórias: *meu tio contava que... meu avô falou que uma vez...* Ao ler trechos do conto se percorreu caminhos tramados pelos silêncios da menina. Os detalhes do barco, o motor solitário, o barulho, as madeiras da embarcação, e também o medo de atravessar para embarcar.

Nunca soube fazer uma “boca de lobo” aquela amarração no punho da rede para atar no barco, não sei bem por que tem esse nome, mas sempre precisa para as viagens longas, ou mesmo para colocar a rede em espaços mais curtos de um cômodo da casa, a fim espichá-la. De modo que a conversa se inicia com essa questão: quem sabe fazer uma boca de lobo? E daí surgem as primeiras memórias, inclusive de viagens de barco. Antigamente, para ir à capital precisava pegar a embarcação, de madeira, e viajar durante um dia todo, agora não demora nem cinco horas. Mas essa é uma experiência que os alunos não vivenciaram, a não ser os que foram de um estado do Norte a outro, ou para outras cidades mais distantes.

Quando mainha fazia a boca de lobo na rede, virando o punho de modo a criar duas orelhas de coelho que se encontravam para a bunda não encostar no chão ao sentar- achava lindo. Era como se preparasse as cordas de um violão e a música tinha o formato de calmaria (Malcher, 2020, p.17)

Nascentes de fabulação, onde ficam a fonte de palavras? É que agora já se está caminhando para a mundiação⁵. Enfeitiçar de palavras para dar início à viagem. Este contar de encontros é uma deriva em torno das histórias e silêncios de rios e matas. O silêncio habita esse encontro e nele se vai procurar os elementos da criação. Foi preciso ir aos *blocos de infância* para aprender a contar, para inventar o real, visitar os causos. Foi preciso também, germinar o agora de rio-sensações, olhá-lo com potência de fabulação

A atenção navega as águas de palavras assim que os olhos se voltam para o papel. O corpo debruçado, quase a cheirar o que vinha nascendo, e o silêncio pairava na sala fazendo par com a música que ecoava. Eles sempre optam por manter a música enquanto escrevem, talvez embale o movimento de pensar dentro de seu próprio silêncio, o tempo de criação é envolto pela música, na hora de “tornar visíveis as coisas invisíveis” (Deleuze, 1981, p.30), só o silêncio de dentro germinando as palavras traçadas. E, claro, um comentário aqui e ali. Como redes que se jogam ao rio, voltei para casa cheia de histórias.

⁵ É como uma hipnose, a cobra mundia sua presa para mantê-la próxima

Os rios banham as vidas das pequenas cidades. Ele é quem recebe os visitantes, é portal por onde se chega e se despede, e depois é para ele que se corre às seis da tarde para ver as cores esboçadas no horizonte. Desde pequena as crianças que o tem como sua rua o atravessam para chegar à escola, à parte urbana da cidade, assim como os adultos fazem dele a travessia diária para afazeres práticos. O rio e seu imenso acontecer captura para as águas caudalosas das palavras, de onde jorram seus mistérios. Mistérios de rio, mas também da vida ribeirinha amazônica. Era pequena quando ouvi dizer da mulher que viria na madrugada pedir tabaco, ou de quando ela voou de uma ponta a outra no casco do pescador bem no sereno. Mulher meio bruxa que assovia para avisar que veio buscar o prometido, pode ser alguém próximo, uma vizinha. Dá para ficar sabendo porque se disser para buscar ela vai. Foi ela quem acompanhou o homem em sua canoa, de ponta a ponta, sem fazer nada que não fosse presentear com o assovio as espinhas trêmulas do pescador.

Ele contava ainda de uma cidade submersa onde havia uma bota prestes a dar à luz. O segredo era vivido por poucos restando apenas saber por boca. Conta-se ainda sobre os encantados que percorrem as matas se deixando ver por um ou outro escolhido. Encontro místico. As palavras se embrenham nos acontecimentos tramando linhas que atravessam o tempo e chegam aos ouvidos tecendo cores, vidas, formas na imaginação. O silêncio da criação pulsa nesse encontro de vozes que viajam longe. Histórias que passam de gerações para filhos e netos, vividas por quem habita a vida entre águas e verdes. O encanto desse mistério se embrenha na palavra até se tornar invenção. Os mistérios de rio pairam na criação e dão aberturas à fabulação. Os causos nascem assim? Causos contados por nossos antigos que viveram, viram, souberam em uma conversa e depois contaram em rodas à beira da ponte.

É tempo de se fazer uma viagem na imensidão das memórias e vertê-las em imaginações, contações que brotam de tal silêncio misterioso e bonito fazendo lembrar que a vida é imensa! E há o viver singular que acontece entre rios e embarcações, como quando se entra na água quentinha da madrugada para receber o abraço confortável suavizando o friozinho, ou sentir o vento frio que atravessa o movimento rápido da embarcação induzindo a agasalhar-se, ou como nos pequenos redemoinhos formados pelo movimento do remo, e as gotas de chuva pingando na pele fazendo apressar os giros. Os remos não são usados com a mesma frequência atualmente, mas se voltar um pouquinho às memórias dá para ver o percurso que acontecia diariamente.

Às vezes, de manhã cedinho, o sol leve e o rio plácido, o barulhinho do remo tocando forte a água impregna a imagem. Os braços se esticam para tocar a água ou lançar o que está boiando, uma flor ou uma frutinha flutuando. Ou quando de tarde tudo brilha estridente, as árvores, a água, a pele sentindo um leve ardor do sol que banha com vontade a paisagem. Daí se quer chegar logo, pular no rio direto da canoa, imergir na sensação de molhar a pele quente. No anoitecer a imensidão é misteriosa, o rio se camufla na boca da noite e os sons ganham volume. Se percorre uma espécie de proteção forjada pelo silêncio irrompido apenas por tais sons parcos. Calmaria de mistério.

As águas do rio segredam essas sensações que compõem o cotidiano. A infância experimenta o primeiro mergulho de rio, depois a primeira vez que se nadou nele, e o momento exato em que se deu conta da sua magnitude. Essas liberdades singulares a vida adulta toma como usual muitas vezes, talvez o tempo apressado de crescer demais. Sobre o rio, suas bordas fascinam quando permitem ver o sol indo embora ou raiando, quando a água da chuva vai pingando densa nele, já repararam? E a nostalgia de ver a chuva ir se misturando às suas águas... suscitando a vontade do mergulho. E ainda, o cheiro de maré cheia que brota de alguma alquimia da natureza. O rio e seus encantamentos.

Na escola se descobre ou se reencontra muitos desses personagens contados pelos mais velhos. A escrita literária torna-se espaço desse encontro, e pelas palavras escritas as vozes de quem contou a primeira vez vão ecoando nas entrelinhas, fazendo visita na memória, provocando a imaginação. A gente cresce ouvindo os causos de existências místicas, deste rio e de seus silêncios nascem muitas palavras, nas conversas despretensiosas entre mãe e filha, avós e seus netos, às vezes como gesto de aviso, de apreensão e cuidado. “Não anda à toa boca da noite pelo mato”, “olha a visagem!” “Olha a assombração!”

Em muitos textos as histórias aparecem como pano de fundo na abordagem de temas como a violência de gênero. Alguns textos narram sobre mulheres que desaparecem e são encontradas machucadas, outros fazem pensar as tramas sociais que rondam, por exemplo, a lenda do boto. A lenda diz que quando as mulheres apareciam grávidas e não podiam contar a paternidade, teria sido mundiada⁶ pelo boto. A mundiação é verídica, dizem os relatos afirmando que a lenda do boto não é lenda, e há também os que a tomam como espaço de discussão para abordar os abusos. Ainda que não se tenha discutido sobre violência de gênero na oficina sobre as lendas e vivências de rio, tais questões aparecem diversas vezes na escrita dos alunos como histórias contadas por suas avós ou outros familiares. No livro *Putiri* (2022) do escritor Salomão Larêdo, pode-se ver os relatos de pessoas que contam a veracidade do encantamento do boto, filhas e netas e curiosos que ouviram de quem viu o encantado, o livro também aborda as violências encobertas através da lenda, “na serventia aos homens para esconder ações sexuais de defloramento, desvirginamento, coito proibido, escondido, puladas de cerca, gravidez e sobretudo, violência sexual de todo tipo, e em especial contra as mulheres, os botos levavam e continuam carregando culpa e fama” (Larêdo, 2022, p.18).

Importante destacar essas linhas de tensão atravessadas nos textos dos alunos, em histórias revistas ou contadas há tempos. Por meio delas, se tensiona as violências que podem permear essas vivências. Temas como a exploração da natureza, a pesca proibida, os abusos contra mulheres aparecem nas histórias.

⁶ Envolvida, seduzida.

Tomam vida nas palavras personagens inventados por encontros dos alunos e de suas vivências a partir de suas referências, do que leem, assistem e do que ouvem. Tudo nasce em linhas de imaginação e memórias. Nestes textos surgem confluências, aparecem imagens conhecidas em enredos particulares, novas personagens fabuladas em resquícios de histórias vão tomando forma nas criações. Os percursos são, às vezes lúdico, por vezes trazendo o tom de conscientização e tensionamento social. Há personagens protetoras da mata, espantam os exploradores, guardiãs da vida. Outros seguem um caminho de mistério, em outros a história toma um rumo de alegoria, a “visagem” só queria mesmo uma amizade, sentia-se sozinha, não tinha a intenção de assustar.

O rio quase sempre toma espaço das cenas. O rio dos botos é o mesmo no qual mergulham, se reúnem e criam suas memórias, desde os contornos citadinos até os caminhos das ilhas. Por isso as localidades inventadas ou rememoradas, vão surgindo nos escritos, ambientações e detalhes que constroem os enredos e formam um pequeno livro, redes de sensações tramadas no encontro com a memória na fabulação.



PEQUENO LIVRO DOS CAUSOS

Mapinguari

Era uma vez, um caçador que estava na mata da Amazônia, estavam ainda mais dois caçadores atrás dele, depois de 20 minutos eles se encontraram e começaram a conversar contando uma história de um bicho chamado Mapinguari. Eles falaram que ele era um bicho de duas bocas e um olho só, ele era vermelho sangue, e uma de suas bocas gritava como um som como se fosse um estrondo muito forte para assustar os caçadores que iam para lá, ele era um bicho que protegia a Amazônia, então os caçadores, como já estava escurecendo eles resolveram dormir na mata, então depois que deu meia noite, eles ouviram um estrondo muito alto, eles levantaram e correram e um dos caçadores pegou uma de suas flechas e lançou na boca do Mapinguari matando-o.

Era uma vez um caçador que estava na mata da Amazônia, estavam ainda mais dois caçadores atrás dele, depois de 20 minutos eles se encontraram e começaram a conversar contando uma história de bicho chamado Mapinguari. Eles falaram que ele era um bicho de duas bocas e um olho só, ele era vermelho sangue, e uma de suas bocas gritava com o som, como se fosse um estrondo muito forte para assustar os caçadores que iam para lá, ele era um bicho que protegia a Amazônia, então os caçadores, como já estava escurecendo, resolveram dormir na mata, depois que deu meia noite ouviram um estrondo muito alto, levantaram e correram, um dos caçadores pegou uma de suas flechas e lançou na boca do Mapinguari matando-o.



Em uma vez um pescador que ia na beira do rio e sempre
ele dizia "venha e entre aqui no barco" Era a Matinta
Pereira que sempre acompanhava ele, mas um dia ele
estava muito puto da Viola porque perdeu no jogo do bicho,
ela estava assobiando, aí ele disse: "Vai embora, porra!"
Quando ele acabou de pescar, ele foi dormir, aí o cachorro que o
nome dele era chocolate, começou a latir, aí a mulher dele que se
chamava Maria de Lourdes falou: "Matinta está aqui, mas por causa
do cachorro ela não nos atacou, mas atacou o cachorro, deu uma
surra no coitado, desde aí ele pediu desculpas para ela e deu
um tabaco e pronto."

Era uma vez um pescador que ia na beira do rio e sempre dizia: "venha e entre aqui no barco!" Era a Matinta Pereira que sempre acompanhava ele, mas um dia ele estava muito puto da vida porque perdeu no jogo do bicho e ela estava assobiando, então ele disse: "Vai embora, porra". Quando ele acabou de pescar ele foi dormir, aí o cachorro, o nome dele era chocolate, começou a latir, aí a mulher dele, que se chamava Maria de Lourdes, falou: a Matinta está aqui, mas por causa do cachorro ela não nos atacou, mas atacou o cachorro, deu uma surra no coitado. Desde aí ele pediu desculpas para ela e deu um tabaco e pronto.

A LENDA DO CURUPIRA

Diz a lenda que o Curupira vivia na floresta cuidando dos animais, e ele protegia os animais dos caçadores e vai andando por todas as florestas, o nome dele colocaram porque os pés dele estão para trás, mas mesmo assim ele consegue andar, e eu não sei se ele existe ainda porque os meus avós falavam que ele existia antigamente e ele assustava as pessoas. Um dia meu avô falou que ele ia caçar com os amigos dele no tempo passado, ele falou que existia, mas eu acho que não existe mais, ele parou de existir e virou uma lenda.

Ele era um humano como nós, mas um pouco diferente, o jeito, o cabelo. As pessoas corriam de medo dele, mas ele não fazia mal a ninguém, ele só assustava os caçadores porque eles queriam matar os animais e ele não gostava.

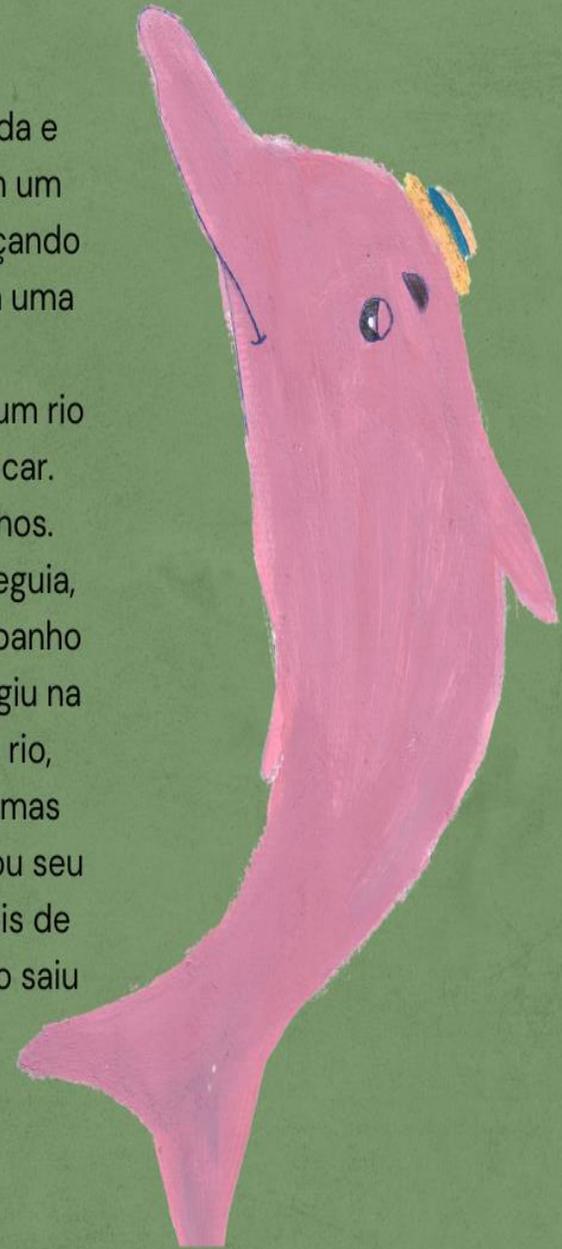


LENDA DO BOTO

Certo dia na beira de um rio estava Clarisse, Edoarda e outras cinco crianças, quando Clarisse disse: É um boto! Começando a contar uma história que havia acontecido com uma pessoa de sua família. Certo dia ela que morava à beira de um rio com sua mulher e filhos. Seus filhos foram banhar, e ele foi pescar. Depois dele saiu sua esposa para atrás dos filhos, voltando para casa avistou um boto que o seguia. Quando chegando em casa viu sua mulher, mas ela havia ido. Ele foi tomar banho e a mulher junto dele, quando ela mergulhou mergulhou na forma de um boto levando ele para o fundo do rio tendo dado a ele a respiração de baixo d'água, mas ele estava paralisado pelo um certo poder. Sua esposa voltando avistou seu marido com pé todo liso cheio de limo, mas depois de um tempo voltou ao normal. Por fim todo o grupo saiu correndo da beira do rio.

Certo dia na beira do rio estava Clarisse, Edoarda e outras cinco crianças, quando de repente viram um grande peixe, e Clarisse disse: é um boto! Começando a contar uma história que havia acontecido com uma pessoa de sua família:

Certo dia era um senhor que morava à beira de um rio com sua família, seus filhos saíram e ele foi pescar. Depois que ele saiu, sua esposa foi atrás dos filhos. Voltando para casa ele avistou um boto que o seguia, chegando em casa viu sua mulher, ele foi tomar banho e ela foi junto dele, quando ela mergulhou ressurgiu na forma de um boto levando ele para o fundo do rio, tendo dado a ele a respiração de baixo d'água, mas ele estava paralisado, sua esposa voltando avistou seu marido de pé todo liso, cheio de limo, mas depois de um tempo voltou ao normal. Por fim todo o grupo saiu correndo da beira do rio.



NA MADRUGADA

A minha história se passa no sítio da cidade de Mocajuba, seu nome era Joana que com seus 13 anos foi para o sítio para o sítio com sua avó, na madrugada de seu terceiro dia, Joana acordou e foi para o grande rio e encontrou um homem, sentada na ponte e começou a conversar com ele mesmo lembrando de nunca conversar com estranhos. Na conversa ele dizia que morava em um lugar bem diferente de tudo que ela já viu, ela começou a ficar com medo, foi quando o homem se transformou em uma grande cobra e a levou para o mato. O que se sabe é que no outro dia a avó encontrou sua neta no chão toda ferida e sem roupa. Meses foram se passando e a menina ficou grávida e as pessoas começaram a perguntar de quem era, e Joana sempre respondia que era da cobra que ela conheceu de madrugada, Ninguém acreditou, mas no dia do nascimento do filho veio uma cobra que foi morta pelas mãos da vó de Joana. Sabe o que é o mais interessante? É que Joana era minha vó que me contou essa história. Até o seu último dia de vida. E toda vez que vou no sítio da minha vó nunca levanto até o amanhecer.

A minha história se passa no sítio da cidade de Mocajuba, seu nome era Joana, que com seus 13 anos foi para o sítio com a sua avó, na madrugada de seu terceiro dia, Joana acordou e foi para o grande rio que tinha e encontrou um homem sentado na ponte e começou a conversar com ele mesmo se lembrando de nunca conversar com estranhos. Na conversa ele dizia que ele morava em um lugar bem diferente de tudo que ela já viu, ela começou a ficar com medo, foi quando o homem se transformou em uma grande cobra e levou ela para o mato, o que se sabe é que no outro dia a avó encontrou sua neta no chão toda ferida e sem roupa. Meses foram se passando e a menina ficou grávida e as pessoas começaram a perguntar de quem era, e a Joana sempre respondia que era da cobra que ela conheceu de madrugada, ninguém acreditou, mas no dia do nascimento do seu filho, no lugar de uma criança veio uma cobra que foi morta pela mão da vó de Joana. E até hoje dizem que Joana chora pelo seu primeiro filho que foi morto por sua vó. Sabe o que é o mais interessante? É que a Joana era minha vó que me contou essa história, até o seu último dia de vida, e toda vez que vou no sítio da minha vó nunca levanto até o amanhecer.



TÍTULO DO TEXTO...

A MULHER ENCANTADA POR UMA COBRA

Lá na vila onde eu morava, meu avô me contava que uma mulher engravidou de uma cobra, ela passou no rastro dela menstruada, aí quando passou uns meses a barriga dela começou a crescer muito, mas muito mesmo. Passou uns meses e ela teve duas cobras gêmeas. O primeiro que nasceu era um menino e a outra era uma menina. O menino não resistiu, a menina foi crescendo, crescendo e ficando muito grande e foi para um rio que ficava na frente da casa dela. Todos os dias a mãe dela colocava comida para ela. A cobra falou para a mãe dela: Mãe eu tô ficando muito grande, esse rio tá ficando pequeno pra mim, eu vou descer a baixada. E uma noite a mãe dela foi deixar comida pra ela como de costume, ela chamou... chamou...mas ela não voltou. Passou uns anos e a mãe dela descobriu que ela tinha ido pro Rio de Moju.

A MULHER ENCANTADA POR UMA COBRA

Lá na vila onde eu morava, meu avô me contava que uma mulher engravidou de uma cobra, ela passou no rastro dela menstruada, aí quando passou uns meses a barriga dela começou a crescer muito, mas muito mesmo. Passou uns meses e ela teve duas cobras gêmeas.

O primeiro que nasceu era um menino e a outra era uma menina. O menino não resistiu, a menina foi crescendo, crescendo e ficando muito grande e foi para um rio que ficava na frente da casa dela. Todos os dias a mãe dela colocava comida para ela. A cobra falou para a mãe dela: Mãe eu tô ficando muito grande, esse rio tá ficando pequeno pra mim, eu vou descer a baixada. E uma noite a mãe dela foi deixar comida pra ela como de costume, ela chamou... chamou...mas ela não voltou. Passou uns anos e a mãe dela descobriu que ela tinha ido pro Rio de Moju.

FIM !!!



oficina -

Uma vez dois pescadores se encontraram tirando a malhadeira de uma travessa a outra do rio. Na manhã da madrugada, sobre a vasta escuridão do céu um comentou sobre o frio intenso, coisa que não era normal sobre o horário da matina então, buscou observar em volta, procurando uma razão para aquilo. Não notando nada, voltou aos afazeres, buscando não pensar no que aquilo, coisa que era de conveniente a ele já que não era acostumado sentir aquilo. Enquanto tirava os peixes da malha, perguntava pro seu companheiro, "tá sentindo isso, Zé?" e de sempre respondia com um "Não, doido." todo tipo de pergunta enquanto de costas ficava o rapaz no meio tempo da sua tarefa. "Eu só sei que quero logo chegar lá no setor, mas frio né, não?" então, enquanto falava, notou os murmuros do amigo, falando baixinho "Não, doido, não, doido" logo se virou e notou o garoto olhando para as margens do rio como se tivesse visto a morte. Quando foi indagar o rapaz, segurando seu ombro, ele falou com uma voz cavernosa: " não pesque mais peixes nesse rio" nisso o amigo do rapaz desmaia. Quando ele recuperou

perou a memória, já em casa, só se lembrou de ter visto um animal quadrúpede, com os olhos de fora e junto com uma boca enorme que caia sobre o tronco do mesmo, que a partir daí, foi batizado de "Ingu" o monstro que defende os peixes em extinção.



Uma vez dois pescadores se encontraram tirando a malhadeira de uma travessa a outra do rio. Na meada da madrugada, sobre a vasta escuridão de céu, um deles comentou sobre o frio intenso, coisa que não era normal no horário da matina, então buscou observar em volta procurando uma razão para aquilo. Não notando nada voltou aos afazeres buscando não pensar muito naquilo. Enquanto tirava os peixes da malha perguntava pro seu companheiro; "Tá sentindo isso, Zé?" e ele sempre respondia com um: "Não, doido". Todo tipo de pergunta enquanto de costas ficava o rapaz no meio tempo de sua tarefa, " eu só sei que quero chegar logo lá no setor, mó frio, né?" Enquanto falava notou os murmuros do amigo falando baixinho "não doido" logo se virou e notou o garoto olhando para as margens do rio como se tivesse visto a morte. Quando foi indagar o rapaz segurando seu ombro, ele falou com uma voz cavernosa: " não pesque mais peixes nesse rio" nisso o amigo do rapaz desmaia. Quando recuperou a memória, já em casa, se lembrou de ter visto um animal quadrúpede com os olhos de fora junto com uma boca enorme que caia sobre o tronco. A partir daí foi batizado de "Ingu" o monstro que defende os peixes em extinção.

Águas

Em uma comunidade chamada Massaranduba havia um ribeirão chamado Miguel, que desde pequeno tinha medo de rio. Ele cresceu muito perto do rio mas seu medo se desenvolveu após uma tentativa de aprender a nadar quando ele entrando no rio sentiu algo puxando seu pé para o fundo do rio e algumas pessoas disseram para ele que foi um tipo de animal desde então ele sempre teve medo do rio.

Ao passar dos tempo ele foi ficando mais velho mesmo assim seu trauma do rio ainda fazia parte de sua vida e acreditando que existia um monstro no rio ele se absteve de muitos momentos com seus amigos. Até que um dia ele resolveu enfrentar seu medo e tentar descobrir qual o monstro o perseguiu por grande parte de sua vida.

Então ele entrou no rio e começou a afundar mas ele lembrou do motivo de estar lá era enfrentar seu medo e ele respirou e começou a nadar e então ele descobriu que não havia nada para temer, então ele ficou feliz por vencer seu medo e assim ele venceu seu medo.

ÁGUAS

Em uma comunidade chamada Massaranduba havia um ribeirão chamado Miguel, que desde pequeno tinha medo de rio. Ele cresceu muito perto do rio, mas seu medo se desenvolveu após uma tentativa de aprender a nadar, quando ele ia entrando no rio sentiu algo puxando seu pé para o fundo, algumas pessoas disseram para ele que foi um animal, desde então ele sempre teve medo de rio. Ao passar dos tempo ele foi ficando mais velho e mesmo assim seu trauma de rio ainda fazia parte de sua vida, acreditando que existia um monstro no rio ele se absteve de muitos momentos com seus amigos. Até que um dia ele resolveu enfrentar seu medo e tentar descobrir qual o monstro o perseguiu por grande parte de sua vida. Então ele entrou no rio e começou a afundar, mas lembrou do motivo de estar lá, era enfrentar seu medo, então se acalmou e começou a nadar, e então descobriu que não havia nada para temer, e assim ele venceu seu medo.



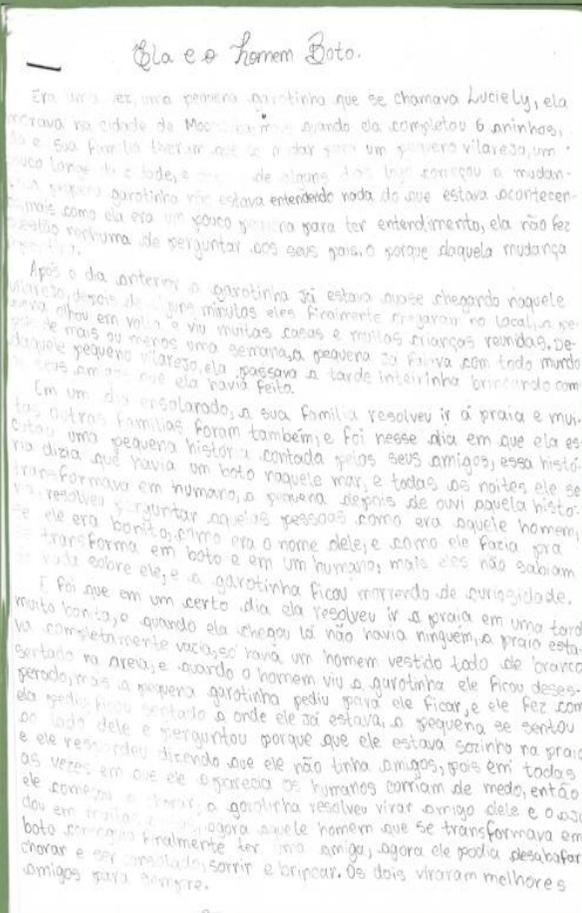
ELA E O HOMEM BOTO

Era uma vez uma pequena garotinha que se chamava Luciely, ela morava na cidade de Mocajuba, mas quando ela completou 6 aninhos, ela e sua família tiveram que se mudar para um pequeno vilarejo um pouco longe da cidade, e depois de alguns dias logo começou a mudança, a pequena garotinha não estava entendendo nada.

A garotinha já estava quase chegando naquele vilarejo, depois de alguns minutos eles finalmente chegaram no local. Depois de uma semana a pequena já falava com todo mundo daquele vilarejo, ela passava a tarde inteirinha brincando com os amigos que havia feito. Em um dia ensolarado sua família resolveu ir à praia e foi naquele dia que ela escutou uma pequena história contada pelos seus amigos.

Havia um boto naquele rio e todas as noites ele se transformava em humano. A pequena depois de ouvir a história, resolveu perguntar àquelas pessoas como era aquele homem, se ele era bonito, como era o nome dele, como ele fazia para se transformar em boto, mas eles não sabiam nada sobre ele e a garotinha ficou morrendo de curiosidade.

Um certo dia ela resolveu ir à praia em uma tarde muito bonita, quando chegou não havia ninguém, só havia um homem vestido todo de branco sentado na areia, quando o homem viu a garotinha ele ficou desesperado, mas a pequena pediu para ele ficar. Ele fez como ela pediu, ficou sentado ao lado dele e perguntou por que ele estava sozinho na praia, e ele respondeu dizendo que ele não tinha amigos, pois em todas as vezes em que ele aparecia os humanos corriam de medo, então ele começou a chorar, a garotinha resolveu virar amigo dele e o ajudou em muitas coisas. Agora aquele homem que se transformava em boto conseguiu finalmente ter uma amiga. Agora ele podia desabafar, chorar, sorrir e brincar. Os dois viraram melhores amigos para sempre.



NÃO É LENDA É VERDADE, ACONTECEU COMIGO,
COM MINHA MÃE E COM MINHA AVÓ

AS BÔTAS⁴ - CARTOGRAFIA DE ENCANTAMENTO

Jocasto sabe contar que com seus amigos foram tomar banho no rio e logo deram um salto na água grande, enquanto ele ficou comendo cacau.

Os quatro boiaram em seguida, cada um com linda mulher, fazendo inveja para o comedor de cacau, que ficou sem saber o que dizer.

Em seguida, todos sumiram.

Ficou enorme silêncio!

Jocasto olhava, olhava, se olhava...

Momentos depois os amigos boiaram.

Nenhum se lembrava de coisa alguma.

Cada um vestiu seu calção. E subiram.

Em casa, ninguém teve dúvida.

Eram as bôtas que levaram eles

Putiri • Leito do Rio

MÃE DEIXA OS FILHOS CHORANDO, SE JOGA NA ÁGUA, "THUM", E VIRA ENCANTADO

- NÓS VIEMOS BUSCAR ELA!

- CHEGOU A HORA!

- NÓS VAMOS LEVAR ELA PRO ENCANTE. ELA NOS
PERTENCE. - ELES DISSERAM.

ESSE TRABALHO VAI FICAR NO MENOR, QUE ERA EU.

AÍ EU ME ARRUPIEI TUDO.

NÓS, TUDO OS QUATRO FILHOS, PROCUREMO SEGURAR
NOSSA MÃE, AGUENTANDO E ELA TENTANDO SE LIVRAR DE
NÓS E SE ARRASTANDO PRO IGARAPÉ QUE ERA PERTO DA
NOSSA CASA E A GENTE FORCEJANDO, MAS A FORÇA DELA
ERA MAIOR E NÓS NÃO AGUENTAMO PORQUE ELA FICOU
LISA, LISA, LISA, QUE NINGUÉM AGUENTOU E ELA "THUM"
DENTRO DA ÁGUA.

- QUEM ERAM ELES?

O ENCANTADO A GENTE NÃO VÊ.

- E A MÃE DE VOCÊS, MORREU? O ENCANTADO NÃO
MORRE.

Relatos de moradores de localidades do Baixo-tocantins,
Pará, no livro Putiri de Salomão Larêdo



Плмъмъмъ



sinestésias



Pensamento esvoaçante cortando a madrugada...

5 da manhã ou 6. Levantei, peguei o computador, sentei-me na sala. Nada. Até que essa mulher aparece, ela vem de páginas amareladas pelo tempo. Me conduz pela mão em algumas viagens pelo mundo do pensamento. Pensar é viajar, o filósofo disse. Pensar com as leituras é uma viagem e tanto, mas nessa viagem há mundos submersos, a escritora falou. Talvez a viagem mais necessária, a mais complexa seja por dentro da gente, porque aí encontra-se o mundo. Pensar com os botões é mesmo o primeiro movimento para tecer palavras em um papel. Eu estou tateando contar o percurso intensivo, experimentando fazer nascer uma personagem já criada. Quer dizer, quando penso nela vejo a mulher correndo em direção ao mar. Não sei, mas sempre cruzo com personagens em deriva com as águas. Rios e mares. E sempre em um encontro potente e silencioso. Reparem só caso continuem a leitura além deste texto, há outros textos e outras mulheres nesse movimento-escrita.

Penso demoradamente nas coisas que brotam quase que por conta própria no papel, como aparecem essas imagens que querem ser materializadas em palavras? Deveria tê-las encontrado em uma viagem ou outra, em um bairro ali próximo, nos olhares que trocara com estranhos sem notar, de filmes talvez? É tudo meio sinestésico, nada do que se escreve nasce sem que seja de um encontro, nem que seja consigo mesma. Para o filósofo Spinoza eles movem ou mingam a potência de viver. Os bons encontros e maus também, são o modo como vamos devindo o mundo.

No pensar, receber de modo único cada coisa, desfolhar de livros, em um filme, na saída da escola, depois de ler um parágrafo que atravessa intimamente ou arrasta para um espaço desconhecido, tudo atravessa com uma força suave, quase imperceptível, que até se tem a impressão de captá-los em outra dimensão. O encontro com as coisas amplia nossos vazios, e, como disse uma personagem

Clariciana, “nesse vazio é que existo intuitivamente”, (Lispector, 1999b).
Escrever é esvaziar-se?

De certo modo, dar ao leitor uma possibilidade de vasculhar as palavras, ou de criar com elas. É como uma dança solta. O que estou querendo dizer? Talvez pare tal pergunta, e espero não estar divagando demasiado, mas é que pensar não é linha reta e não vou entregar um pensamento passado a limpo. Nada de papéis amassados no canto do cômodo. Está-se experimentando isso de criar essa mulher porque tudo que se quer dizer nesta seção parece que deva ser dito com ela. Talvez por seu percurso tortuoso e feliz. Ela comeu a maçã que estava em cima da mesa, mas, “ ao contrário de Eva, ao morder a maçã entrava no paraíso” (Lispector, 1998c, p.131).

Enquanto busca-se as palavras, tento capturar a não-palavra, e às vezes “no próprio coração da palavra se reconhece o silêncio” (Lispector, 1998c, p. 39). O silêncio dessa hora percorre o corpo como um raio! Estou fitando o papel fixamente, encarando o imenso vazio estrondoso. Ao escrever estaria preenchendo um vazio? Não se pode preenchê-los. Este é o artifício do desejo. Ou seria a falta? De todo modo, celebremos a incompletude como uma potência de movimento. Agora uma dúvida honesta na qual não irei me demorar porque não é o ponto, mas será então que o vazio tem algo a ver com a falta? O que considero para pensá-lo parte da imagem que Clarice deu: O Vazio pleno. A graça de poder gastá-lo sempre. É necessário amar o vazio para viver os encontros sem o desespero da necessidade em extingui-lo.

Os olhos da personagem parecem duas lâmpadas acesas impregnando o ambiente, rompendo a penumbra, de modo que a sala se ilumina. Lori é intrigante, Lori é angustiada, mas não é ruim a sensação. Ela e suas tentativas de amar. Amar seus vazios. Mas tudo parte do encontro com Ulisses, não sei o que pensam dele, mas parece prepotente e um pouco inquisidor. Mas o fato é que nesse encontro Lori começa uma trama consigo que a leva ao mergulho final de *uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1998c). É como se no encontro com o outro

houvesse a necessidade de encontrar a si, além de seu corpo, de seu medo de viver, além de sua angústia.

A escolha de Lori se deu porque ela é uma professora primária que pensa sobre a existência. Acaba que isto se tornou apenas uma coincidência, mas o fato de Lori ser professora rendeu a possibilidade de tensionar um distanciamento entre o ser professora e ser mulher. Pensou-se que poderia extrair cenas em salas de aula e analisar seus movimentos, mas Lori leva a percorrer um outro caminho, que propõe ver a aprendizagem como uma travessia intensa que percorre a angústia e encontra a solidão, mas solidão como um encontro confortável consigo para depois ir ao encontro do outro, que no livro é Ulisses.

O fato de a personagem ser professora não se tornou o ponto crucial, mas sim o seu percurso em direção a si mesma, uma espécie de aprendizagem que transpõe a imagem usual de que aprender seja receber o que vem do outro. Aprender é também encontro, atravessado pelo outro, mas muito mais em movimento de si. Embora Lispector tenha criado Ulisses como uma espécie de guia que a orienta nessa aprendizagem sem intencionar lhe entregar o percurso, gosto de olhar para os movimentos da mulher apesar de Ulisses.

Em seu percurso na descoberta do amor encontra a si mesma em suas aprendizagens, assim como a Lori adaptada para o cinema em *O livro dos prazeres* (2020). Á deriva. Se encanta pelo mar, mas não entre nele, reluta “descer a seus porões”. Procurar a si, de algum modo. É doloroso, não recusar a angústia faz nascer esse incômodo nauseante de viver. Mas Lori descobre que “não se podia cortar a dor, senão se sofre o tempo todo” (Lispector, 1998c, p, 40). Lori mergulhou no mar na madrugada, encontro sagrado esse de ir aprendendo amar a si de um jeito silencioso e vasto, como um mergulho corajoso no mar em plena madrugada. Aportar em suas sensações.

A coragem de assumir a si. “Não ter medo daquilo que é, ao mesmo tempo, selvagem e suave” (Lispector, 1998c, p.28). Bonita a cena do filme em que ela vai até Ulisses e diz não poder ainda, pois precisa estar só. -“Amar será dar de presente um ao outro a própria solidão?” (Lispector, 1998c, p. 155). Não sei,

mas antes é preciso aprendê-la, lidar com a solidão também. Não, não se sabe muito da solidão do outro, ainda que se indague, o sentir é tão particular. As sensações são singulares, podemos ter a descrição similar de um acontecimento, até mesmo as pareências, é como a experiência de sentir as coisas, é única sim. Por isso tantos olhares para o silêncio, para a angústia e para a solidão. Eles nascem por acontecimentos distintos e também singulares para cada pessoa.

As palavras, por um instante, fecharam-se em si... escrever traz essa angústia que faz titubear, dizem que é o medo do vazio do papel. Foi o pensamento furtivo que experimentei. Olho entre as notas, há uma mistura de pensamentos e dúvidas e resquícios das personagens, uma frase lida, ouvida ou uma imagem construída em um dia qualquer. Veja só, as notas são um compilado de momentos e detalhes comuns, e textos soltos que se encontram em vazios alheios a mim. Penso que o invisível extraordinário está imerso no cotidiano comum. É o modo como se pode capturar as coisas além, considero importante esse exercício porque, caso contrário, por que ler livros, sair para passear, ver o pôr do sol, fazer sempre os mesmos percursos? Parece uma bobagem mas essa é uma saída para seguir encontrando sentido. Isso funciona para todos? Quem sabe?

Sento-me novamente para escrever, dessa vez a imagem é a de um cavalo, a cena em que Lori o descreve. É como se ela percorre dentro de si, mas dessa vez tomada por outra coisa que não mais a insegurança ou mesmo a insuficiência. O percurso de Lóri não se vê com uma direção ao fim, mas uma ruptura com a ideia de ser. Ser uma mulher a partir do estereótipo básico, de ter pudor de possuir um corpo, mesmo imaginando que era apenas isso que poderia atrair a Ulisses, ter medo de sentir-se viva, de viver, apesar de.

E então, do encontro com a Lóri clariciana, fabulou-se essa Lóri que encontra seus alunos por meio dos escritos e das imagens. Que divaga e se emociona com o que nasce desses percursos da vida em sensações, dentro e fora das salas. Ela dá a pensar o que se movimenta entre os textos. Uma viagem entre sentidos. Uma outra lori, que não nasce como a de Clarice, não é a Lori de Clarice,

assim como a *Macabéa, flor de Mulungu* (Evaristo, 2023), não é a Macabéa clariciana. Tampouco sente como a Lori de Clarice. Caminha em outros passos, mas persegue-se na procura por crescer dentro de si. Caminha tateando, cultiva certo medo, mas é tão corajosa que sai à procura das águas de um rio incerto. Tem muita sede. Ama aprender, mas se move a muito custo dentro de si e isso ela não compreende ainda. Essa Lori ouve tudo, até mesmo o silencioso olhar de quem a atravessa. Essa Lori é professora. Não, essa Lori não sou. Apenas a escrevo para que nasça, como em *um sopro de Vida*, outro Livro de Clarice. Empresto certos acontecimentos muito reais à Lorelai. Mas é só para que ela possa viver a vida secreta de professora que confessa coisas a seus botões. Espero que aceitem essa Lori que não é ninguém, a não ser...



“os silêncios que eu vejo são emoções profundas”



Abriu a porta, o trem estava lotado. Sentou-se ao lado de um senhor que parecia distraído com o movimento, pegou a janela, era importante sentar-se à janela. Essa pequena ligação com o lado de fora tornava a viagem mais curta, a janela moldava o tempo ao passo que criava um espaço singular rompendo com toda movimentação fatigante que pudesse ocorrer dentro do trem. “Era tudo muito corrido”, ouviu da moça que estava logo atrás. Na medida em que o trem ia partindo as vozes davam espaço à velocidade notada pelo movimento das paisagens do lado de fora. Inventar um tempo. Isso ficou ressoando no pensamento, olhou para o relógio, isto é o tempo?

Mas que tempo? Pensou, sorrindo de si mesma. Voltou um pouco mais no... tempo e pensou no esquecimento que se experimenta ao ler, pintar, ou somente pensar. Havia, na escola onde trabalhou, um aluno mais quieto, “na dele” como os colegas ressaltavam, sentava sempre na mesma cadeira, na mesma posição, não respondia perguntas em voz alta, mas se alguém se aproximasse, perguntasse algo, sabia dizer, por vezes parecia viajar dali, era o jeito dele de estar atento. Alguns professores o achavam quieto demais, distante demais, nem deveria estar atento às aulas, mas estar quieto não interferia nas aulas, era bom nesse sentido. O que não se notava era que ele experimentava tudo a partir do seu silêncio. Criava seus afetos desse modo, conhecia a cada professor, se afeiçoava mais a alguns, como todo aluno, gostava mais de uma matéria ou de outra. Certa vez, recordou-se, o garoto aproximou-se com um papel na mão, uma fotografia, mostrou e disse a ela: esse é meu cachorro. Já havia notado, pelos desenhos feitos em sala, a forma como o garoto experimenta as coisas ao redor.

Como acontece o tempo além da cronologia? Em qual temporalidade se movimenta o silêncio que abriga sensações? Da escrita, da arte.... Com o cair da noite aproveitou para pensar mais detalhadamente a respeito. Lá fora era tudo escuridão, apenas algumas luzes respingavam na imensidão do breu, um frio a sondava, o homem ao seu lado dormia calmamente. Ao olhar pela janela do trem se desprende das horas, cada novidade no caminho a carrega para devaneios, perscrutou como foram sendo moldadas as perspectivas que se disseminaram

em torno do tempo, não se pode perdê-lo, gastá-lo, deve-se fazê-lo render, em quê? Para quem? Ruminou a respeito de como as coisas se moldam a partir da imagem mercadológica de tempo. Logo quis investigar com seus botões, como se estabelece o tempo da escola? Como são passadas as horas em sala de aula para cada um? Que imagens constroem do convívio? Foi, então, que retornou aos momentos em que, durante suas aulas, observava o aluno quieto, fazendo suas atividades com uma concentração mística, e, ao entregar a atividade dizia despretensiosamente, “nossa, nessa aula, o tempo passa voando!” Mas o relógio continua seu giro, ou ainda, quando alguns não gostavam da atividade, sentiam-se aprisionar nesse instante interminável, “esse tempo não passa!” Mas o relógio continua o giro. Relatividade, tudo bem, mas espera um pouco mais.

No fio de pensamento retornou à sua infância, esbarrou com a sensação que experimentava no tempo que criava para si dentro de suas fantasias muito reais. Era como se conectava ao mundo e às coisas que aprendia e lia na escola ou em casa. Quando aprendia uma palavra mergulhava em sua existência, como escrever com ela? Quais seus significados, que sentimentos ela evoca? Pode-se usar com quem? Lembrou-se dos filmes que assistia nas tardes de folga, seus olhos infantis cruzaram-se com os de Matilda. Pensou nas cenas da pequena leitora em suas tardes clandestinas, nas quais viaja o mundo mesmo em sua sala na solidão da companhia eloquentemente silenciada das palavras. O silêncio da leitura constrói mapas infinitos.

Esse tempo nada tem a ver com a cronologia ou com horários embutidos em planilhas organizadas. Lembrou-se da cena que desenha o passar dos anos de Matilda, a garota caminhando com o carrinho de mão cheio de livros da biblioteca para casa; a imagem se movimentava evidenciando os efeitos dos anos no corpo de Matilda, mas também o tempo que ganhava em leituras. Em outra cena cortes de risadas, sustos, olhos brilhando como se estivesse em contato direto com tudo aquilo que a palavra lhe proporcionava conhecer.

O trem parou. Destino final. Desceu ainda sonolenta, havia um certo cansaço, pois, as rumações ainda ressoavam como querendo ser vasculhadas mais a fundo. Olhou tudo ao redor, avistou um banco vazio na pracinha, caminhou até lá, sentou-se, pegou um caderno pequeno no qual havia anotado coisas soltas e quis voltar ao tempo. Pensou no cavalo que havia ocupado seus pensamentos dias antes, uma metáfora talvez, olhou o medo, a angústia e a calma, improvisou um percurso entre as ruas. Tudo o que se pensou até então a fez olhar para a educação por entre essas linhas invisíveis que passam despercebidas no dia a dia corrido que engole tudo, engole a ela mesma, que se deixava paralisar apenas por um certo titubeio em relação a si mesma, algo paralelo a suas certezas, para escapar passara a mergulhar de modo automático no cotidiano, seguir o fluxo linear.

Gostava de observar, aproveitou para retomar esse hábito quase intrínseco, o fazia sem esforço algum, era como conectava-se consigo, perscrutando-as. No entanto, atentou para o fato de que nada mais observava, apenas seguia o curso como escondendo-se de sensações, desfolhava seus livros buscando a página sem muita atenção, lia corrido, usaria nas aulas seguintes. Mas a breve viagem a esse lugar a fez retomar a fluidez, o percurso extrapolara os limites do trem, acontecimento talvez forjado pela comunhão com aquele pequeno espaço de imensidão cedido pela janela, não fora apenas um devaneio de viagem para passar o tempo... em seus fluxos de pensamento ia tateando as coisas fora da concepção estabelecida, ademais, retomar momentos de sua infância e dos espaços escolares que vivencia enquanto professora, a fez mergulhar num delírio que gostou de experimentar, havia, afinal, “um tempo amortecido no coração do tempo” (Evaristo, 2014).

No retorno à casa não conseguiu sentar-se à Janela, mas olhou o corredor como uma estreita passarela por onde circulavam histórias, desconhecidos seguindo pelo mesmo percurso e destinos diferentes ainda que chegando à mesma cidade. Sorriu do fato de estar tentando apaziguar-se com o corredor por

essas imaginações, que, de fato, eram reais. Talvez o seu destino mais imediato fosse retornar a si, ou mesmo nunca se alcançar por completo.

Ao chegar sentiu um desconforto nauseante que veio do reencontro com aquele lugar que embora familiar, lhe pareceu estranho, mas respirou e foi tomar um banho, a água deslizando era como bálsamo, sentia-se abraçada, um conforto apaziguador que trazia uma espécie de reconciliação com o ambiente e consigo mesma, como se lavar a alma fosse isso, deixar a água penetrar os poros sabendo. Abriu as cortinas do banheiro, pensou em arrumar-se, sair, encontrar alguém, mas estava cansada. Foi até à janela, a rua posava entre dia e noite, arrastou a poltrona, queria ver melhor, antes, foi até a cozinha, comeu, de volta à sala aconchegou-se na poltrona e se pôs a absorver.

Janelas são uma espécie de portal para alguma sensação. Foi o que pensou ao deparar-se com a imagem e o texto, que de alguma forma encontravam seus devaneios anteriores. A possibilidade de estar em mais de um ambiente pelo observar, estar e ao mesmo tempo não se deslocar, ver a vida, a chuva deslizar em linhas discretamente sinuosas, olhar a materialização de um som do lado de dentro, ou de fora de algum lugar. Que novidade bonita pode acontecer ao olhar pela janela? Às vezes apenas desligar-se do que se acumula do lado de dentro... um trabalho chato, um livro cansativo, um tédio, uma angústia, ou fixar o olhar para o vazio imenso em uma janela alta que permite vislumbrar as coisas por cima, ou abri-la e dar de cara com um rio, um barco pequeno atravessando, um adeus de longe, no que se responde incerto.

Mas janelas podem ser uma espécie de espaço de fuga por onde se escapa ao desviar o olhar de si, faz implodir uma sensação que amordaça e imobiliza, em uma tentativa de escape e de repente o vazio passa de angústia a alguma coisa que movimenta o pensar, observar e se demorar na especulação disso, aos poucos ir esquecendo, depois olhar, despreziosamente, como nem prestando atenção

à cena corriqueira, notar o vazio em entre a coisas, ir mergulhando em si à medida em que abandona a paisagem.

Deixar o medo e abrir-se para uma potência de vida que leva a mover-se. A luz que invade a janela abre possibilidades de percorrer as sensações, os olhos se espantam para que haja essa espécie de invasão. O que a fez levantar e finalmente erguer a cortina? O gato a fez experimentar esse *devoir-animal* que a impeliu a caminhar, também lentamente, em direção a uma ruptura? Quebrar o escuro do quarto como uma espécie de procura, estará tateando uma ruptura do vazio angustiante preenchido por milhares de imagens que nada criam? Aí a contemplação não é mera observação inerte, mas uma criação de si enquanto se experimenta a imagem com olhos de criação. Um encontro. O que se avistou em meio à paisagem comum que a fez cambiar para o nascimento de um vazio criativo? O azul solar se transmuta e a atravessa, uma espécie de feitiço.

Quando o escuro confortável do quarto, que, para ela, era um espaço de descanso ou mesmo conexão, passou a ser o cenário dessa angústia? Então era preciso tal invasão para desacelerar o tempo de seus pensamentos? Ao vislumbrar além da janela, desvia o olhar para os detalhes que ela mesma cria, em intensidades que a fazem ficar apenas no presente dessa criação, tudo se cala, o redor silencia, as cores entre o sol, mudas, comunicam por uma espécie de sinestesia, o sensorial arrebatado, é como nem pensar. E dá para silenciar pensamentos? Nascem nele, no silêncio, cambaleiam errantes em direção à boca, tateando o som certo das palavras, seriam elas seus dejetos?

O vazio radiante

No escuro do meu quarto me perco no silêncio, no vazio que o quarto traz berrando em lágrimas olho para a janela de onde sai uma pequena luz, eu fico umas duas horas olhando para aquela janela, não tenho mais lágrimas, ou não sinto mais elas. Olho para o meu gato

passando pelo quarto escuro e vazio indo em direção à janela, me perco em pensamentos de novo, por que eu não paro de pensar? Por que tantos pensamentos e esse vazio em meu coração?

Ando em direção à janela bem lentamente, paro no meio do caminho, olho para aquela pequena luz e abro aquela cortina, fico parada olhando para aquele belo céu que não via há tanto tempo e que a cada minuto que eu passava olhando aquele belo azul do céu eu percebia que o vazio tinha

sumido como se ele fosse pintado de azul solar e ficou radiante e que aquelas lágrimas de antes estavam sendo de felicidade, e por que? Porque o vazio se tornou radiante.

Por que aquelas lágrimas de antes estavam sendo de felicidade, e por que? Porque o vazio se tornou radiante.



No escuro do meu quarto me perco no silêncio, no vazio que o quarto traz berrando em lágrimas olho para a janela de onde sai uma pequena luz, eu fico umas duas horas olhando para aquela janela, não tenho mais lágrimas, ou não sinto mais elas. Olho para o meu gato passando pelo quarto escuro e vazio indo em direção à janela, me perco em pensamentos de novo, por que eu não paro de pensar? Por que tantos pensamentos e esse vazio em meu coração?

Ando em direção à janela bem lentamente, paro no meio do caminho, olho para aquela pequena luz e abro aquela cortina, fico parada olhando para aquele belo céu que não via há tanto tempo e que a cada minuto que eu passava olhando aquele belo azul do céu eu percebia que o vazio tinha sumido como se ele fosse pintado de azul solar e ficou radiante e que aquelas lágrimas de antes estavam sendo de felicidade, e por que? Porque o vazio se tornou radiante.

Leu em algum livro que “a palavra é o dejetivo dos pensamentos” (Lispector, 1999b), achou por certo concordar ou assentir. Também tem um gato que fica à janela, a mesma janela pela qual observa o percurso visível do tempo, a alvorada mansa com a qual se senta para dividir a primeira xícara de café, ou o cair da tarde, e, por fim, a noite silenciosa, que o é não porque não haja um barulho aqui e ali, mas pela imensidão, esta que a absorve quando se senta à mesma janela para ensaiar a tranquilidade do sono.

Especulou novamente o texto e imagem; achou curioso como a menina transportara ao quarto a fonte do vazio que de fato emanara de si mesma. A única coisa que fizera reter atenção era a janela qual olhou por algumas horas, talvez na intenção de escavar uma saída, havia o feixe de luz, o interpretamos como saída de algum lugar onde não se quer estar, embora o quarto, com seu abarrotado de móveis e coisas pelo chão, entrara nesta espécie de sensação que ampliava a impressão de se estar em uma prisão. A sensação havia invadido o espaço físico, a penumbra de outrora era agora um mundo subterrâneo do qual não consegue escapar. Estava presa ao aceleração de seus pensamentos, no escuro do cômodo, na inércia do seu corpo, no úmido dos olhos.

Foi pelo andar sinuoso do gato que ela ousou levantar-se; ao vê-lo passar agarrou-se ao único movimento que restara, ele, em sua aparente tranquilidade de bicho, existia à parte da angústia acelerada que explodia em pensamentos. Mas ao vê-lo percorrer o espaço com a tranquilidade de quem pode, sem medo, circular pelo ambiente dissipou a prisão, quis passear por entre sensações e experimentar tal linha de fuga. No meio do quarto, parada, permitiu que o percurso seguisse dentro, em deriva. Fitou o céu azul, quis retê-lo para si, deixou que a invadisse até criar no quarto uma espécie de vazio radiante, sorriu de felicidade, uma alegria clandestina que nasce do esquecimento. Os olhos marejados eram já sorrisos.

Cessou o pensamento, apanhou os textos e imagens criados pelos alunos, espalhados na cama, e os guardou. As rumações acerca do tempo e os momentos em que observara o silêncio levaram-na a pensar aulas oficinas fora

do cronograma de conteúdo. Gostaria de pensar junto com eles as coisas que vinha observando. Havia levado alguns textos literários, contos ou trechos de romances, que a faziam desviar um pouco de conceitos consolidados. Alguns textos falavam acerca do tempo, do silêncio, do próprio vazio, narrativas que, de alguma maneira, tocavam na dimensão de existir entre as sensações e as coisas e o cotidiano. Esses temas sempre a instigaram de algum modo, sobretudo porque compunham suas inquietudes, posto que incidiam diretamente sobre o modo como existia nos lugares e dentro de si.

Quis levar esses temas por meio da palavra literária, pela ficção tudo é possível, as histórias inventadas passam a existir e se tornam realidades à medida em que encontra cumplicidade nos leitores, ou desconforto, ou mesmo uma espécie de espanto. Entre as leituras desejava desabrochar os olhares acerca do silêncio para chegar às sensações que os alunos experimentam, para também vasculhar um pouco mais entre as oficinas os sentidos do tempo da criação fora dos limites cronológico, tatear, não há como dizer o que virá. Talvez a escrita seja uma maneira de capturá-los, mas de modo que nasçam por outros olhares, não os congelar em breves definições, não foi o que se pensou, mas experimentar extrair novos sentidos destas palavras, e isto não dependeria dela, mas do que atravessa e transborda de cada pessoa.

Pensou na janela do desenho, em como a sua janela por vezes se transmuta em tal espaço de conexão com as coisas, com suas próprias sensações. Notou então, que nem todas as escolas têm janelas em suas salas de aula, foi apenas uma observação, mas logo levou-a à analogia, por vezes sentia que a sala era um símbolo material da ideia de que os alunos deveriam deixar tudo de fora para entrar e concentrar-se apenas nas aulas, assim fica parecendo que a escola é um mundo à parte da vida. Não há portais ou luzes que possam criar vestígios de ligação, ou, ao menos não deveriam haver para a estética homogênea que paira desde à uniformização das roupas até os modelos mais lineares de aprendizagem.

No entanto, há linhas de fugas, janelas imaginárias, modos de pensar que se entrelaçam e burlam os modelos. Os alunos vão à aula carregando tudo que os compõem, seus jeitos, medos, estilos, dúvidas, amizades, personalidades, realidade social. Uma multiplicidade de composições que circulam entre as salas e corredores tingindo a escola de vida e sensações. Todas essas inquietudes caminham entre as tensões que ela havia ruminado acerca do silêncio e da própria ideia de tempo, pois a escola também gira em torno dele, tempo para aprender, para testar a aprendizagem, para entrar e sair, para ultrapassar a série, para criar. Tempo cronológico para criar a própria vida, um projeto, sair da escola com uma vida arquitetada se possível, o que pode ser uma escolha, mesmo atravessada por contradições, no entanto nunca poderia ser uma imposição.

A partir das oficinas, quis olhar a escola pelas vias das sensações, pelo imaterial que circula e compõe as existências, seria um exercício interessante, como um mergulho singular no encontro com os alunos e com o espaço escolar. As criações eram sempre disparadas por uma pergunta geral, ou por frases soltas dos livros ou dela, entregava aos alunos orientando o básico da atividade, texto ou desenho, ou os dois, ou, a depender da proposta, à vontade para que decidissem como queriam expressar-se. Repensou um pouco mais a respeito da sensação de janela aberta que convida à afirmação da vida, uma linha de fuga escapando às más sensações, fabulando bons afetos. Foi o que observou ao ler o texto da aluna. Isto a fez sentir desejo de escrever. Então sentou-se à mesa, pegou o caderno onde anotava suas impressões.

Talvez estejamos todos um pouco cansados, possivelmente o movimento acelerado do mundo tenha se tornado uma sutil ameaça à subjetividade, ao que cabe de singular dentro dela, talvez não saibamos administrar medos que não deveriam existir. Sem generalizações. Cada pessoa sente o peso das coisas a seu

modo, é a condição de singularidade que a existência carrega. Mas o que conecta as sensações involuntariamente como uma espécie de epidemia? Sociedade do cansaço? Ou a solidão tem se mostrado angustiada? Estar só, para alguns, é uma condição inerente, muito boa até, vivenciar sua existência por meio do que se gosta, do que se faz no dia a dia é necessário para abraçar a condição de solidão inerente à existência, para outros um martírio, um medo que desloca para a superfície os burburinhos do pensamento, o silêncio das coisas amedronta a estes. E mesmo em meio ao barulho do redor, o silêncio assombra com uma força que insiste em arrastar para dentro de si.

Dentro do cotidiano automático há esse movimento silencioso que atravessa o corpo e fica circulando. Na calma da noite ou no meio de uma conversa, as perguntas e inseguranças invadem como marteladas. É possível guardar uma infinidade de dúvidas dentro de si, o que é muito bom, mas muito assustador também, há essa dádiva do desconhecido que paira nas relações com as coisas, as pessoas, com tudo que compõe o existir. Ninguém nasce pronto, tem esse ditado popular, mas nem ao menos há um consenso do que seja estar pronto quando se trata de pessoas, de viver. Isto é o que salva, mas também o que angustia em certa medida, porque em tudo há um parâmetro, um *modus operandi*. Se cresce bebendo definições... de mulher, adulto, de homem, de certo e errado. É errado destoar dos modelos, é errado errar na aprendizagem, é errado fracassar, desistir.

Ao subjugar os tropeços, ao definir como erros singularidades, aprisiona-se o outro à ideia de erro apenas por estar aprendendo a viver, e por estar existindo em suas próprias travessias. Às vezes até se cresce pensando que medos desaparecem com a idade, alguns somem, é verdade, outros viram miniaturas até se sorri para eles, nascem outros, alguns acompanham, vão se moldando aos movimentos da vida, outros são lançados dentro como uma agulha pontiaguda, ou como um atravessar invisível, quando se vê ele está lá, pulsando. Mas em

alguns contextos, vai se dissipando, os medos partem também. Que novidade permanente pode ser o mundo!

O que é existir? Foi a pergunta que pulsou em seu pensamento. O que é existir além de sentir o corpo funcionando, a caixa torácica pulsando e todos os sistemas do corpo humano trabalhando? Em torno do silêncio descrito entre imagens e palavras, pairam contornos de solidão, muitas arquitetadas por uma angústia vertendo do desejo de interpelar o outro, ou ser suficiente. E o que é ser suficiente no modelo existencial mercadológico que se aproveita da sensação de insuficiência? Por certo a incompletude amedronta.

Das incompletudes brotam possibilidades, aberturas à criação, de minha incompletude também nasço, desfaço-me, morro e movimento-me no mundo, percorro e me expando, a falta me faz caminhar. Mas, também dela, da incompletude, brotam angústias, bebe-se constantemente da sensação de falta, por isso se está sempre mirando o próximo acontecimento. O corpo se estagna frente ao pensamento, frente ao modo como se conduz o desejo, então se nutre desejo de futuros, retornos nocivos, “deveria ter feito... não feito, aprendido...” faltou. Seria essa uma sensação da incompletude moderna? O que faltou e o que falta viver... Além, claro, da falta construída pelas máquinas de poder hierárquicas, falta dinheiro, filhos, tempo... amor. Falta tranquilidade e poesia nas bordas do dia, falta alimentar a incompletude, não que se vá a todo custo buscar matá-la, não, isso seria um crime contra si, matar a sua incompletude seria estagnar a si e lançar-se sem proteção alguma nessa tal corrida diária contra o tempo. Alimentar a incompletude, mas não a incompletude voraz da disputa desleal, da concorrência consigo mesmo, dos desejos alheios aos anseios genuínos.

São questões que surgem ao ler alguns textos dos alunos e ficam ressoando a cada leitura. Queria saber como nascem essas sensações que invadem o silêncio. Eram, as subjetividades, contaminadas por modelos de vida estabelecidos? Por padrões de existência validados? Ou mesmo, por algo sem nome que pulsa, independente, dentro? Talvez sejam todas possíveis, e, possivelmente, angustiar-se seja uma condição à existência em alguma medida.

Talvez na ânsia de visitar os silêncios, tenha mergulhado em um caleidoscópio. As sensações parecem ser as mesmas, no entanto os acontecimentos se singularizam e por isso o sentir se singulariza, afinal, quantas respostas cabem na palavra angústia? Achou curioso o fato de muitos textos terem caminhado para uma espécie de desabafo, os deixou livres para falar acerca de qualquer coisa sobre o sentido do silêncio. Não tratou os textos como drama adolescente ou algo inerente à idade, quis mergulhar buscando experimentar tais sensações. Em uma das experimentações os alunos escreveram sobre os silêncios que capturam. Se demorou ao ler os escritos, os leu todos sem pausa, porque neles percebeu que o silêncio atravessa cada segundo, até os que se passam dentro, os que prolongam o instante material, do encontro, e transformam em emoção, o que constrói o que se sente e o que se é naquele exato instante e depois, já é outro. Há de tudo nos textos e eles se conectam, porque falam sobre a sensação que nasce no movimento da vida.

A escrita faz um pouco isso, faz dar a volta toda por dentro, pelos *blocos de sensações*, pelas linhas que atravessam, invisíveis, os olhares tramando sempre um acontecer. Nas palavras é onde se deixa verter livremente, gotejando nelas muitas entrelinhas que flanam entre os olhos, mutantes, por isso a escrita é sempre delirante, os olhos ficam ébrios no encontro com a palavra dada, o que há nesta palavra que move a sentir? O que há em mim que me faz atravessar por esta palavra? Silêncios imediatamente nascem, o redor paira em calmaria, os barulhos dão espaço ao encontro, primeiro consigo, depois com o correr das mãos que vai mapeando as coisas e ainda, os olhos, também por eles a palavra penetra o corpo, como uma janela que deixa invadir. Do mesmo modo as mãos que

Desenham as palavras mergulham nelas tateando-as, lendo, mapeando a letra para acessar sentidos. E a escrita nasce infinitamente em tal cartografar e criar de sensações.

Quando se lê em Deleuze (1997) que “escrever é um caso de Devir”, mergulha-se nesta frase a partir das possibilidades, escrever é um gesto infinito, porque a escrita, sobretudo a literária, passa pela fabulação, pela infinitude das coisas que ultrapassa a finitude do corpo. A escrita é um risco que se corre, para quem a lê também. Mesmo quando se coloca em um papel coisas tão íntimas, estas passam a ser coletivas, basta ver como, a partir do texto lido, surgem desdobramentos, outras sensações, novos sentidos para cada entrelinha da palavra. Há que saber, há um particular sagrado de quem o escreve, mas todas as possibilidades giram em torno das palavras lançadas no compartilhar, porque da escrita nascem delírios.

Acordou com o Gato lambendo seu rosto, o sol encostado em sua janela, mal sabia se era tarde ainda ou já outra manhã, olhou em volta como assustada. Passada a confusão momentânea olhou as horas, ainda era domingo, o dia de ecos. Uma tarde melancólica a fez querer passear, mas estava sem vontade de sair ou desmotivada para todo o ritual de preparação que pediria uma volta ao redor da praça. Não queria sair, desejava apenas livrar-se da sensação, agir sobre o passar do tempo com o movimento do corpo pelas ruas, sentir o mover do sol e ver a noite chegando, um sinal de que a vida acontecia, no que pensou, às vezes deseja-se que ele voe, como um espanto, não para engolir a todos, mas entregar um momento esperado, esvair as horas mais tristes ou monótonas, manter-nos seguros de nossas próprias sensações.

Essa fuga do tempo presente é o desejo de ruptura com a sensação, ou mesmo, um desejo de futuro? Ou cansaço? Ou sintoma? Não se quer sentir, não se quer muito bem saber o porquê se sente, quer apenas escapar, não, isto não é linha de fuga, pensou, construir uma linha de fuga poderia ser mergulhar na sensação até onde for seguro e criar novos fluxos para essas sensações, um reterritório. Uma ruptura, se preciso. Habitar esse tempo que não passa, criar nele

linhas de potência para aprender a sentir e silenciar, experimentar com as sensações. Mas onde arruma tempo para isso? Talvez não se sinta tanto nos outros dias em que o corpo está brigando para alcançar o girar cronológico, mantê-lo controlado para que não engula, mas é que “domingos são dias de ecos”, (Lispector, 1998b), assim como o silêncio da noite.

Dessa vez o azul estava dentro do quarto, nas paredes, no teto, no lençol que vestia a cama, a janela transparente aparentemente fechada, mas com cortinas abertas garantindo alguma claridade em meio à noite. O silêncio da noite. Quis se demorar nele. Quando o corpo para um momento os pensamentos se movimentam, não acompanham o calar das coisas que a noite geralmente evoca. Vasto e soberano o silêncio da noite capta qualquer ínfimo movimento, as coisas passam a existir mais, qualquer estalo de madeira, ranger de porta, qualquer movimento da cortina é fotografado por esse silêncio que se expande, nele brotam imagens e delas nascem sensações. Indagou sem esperar qualquer resposta, o que deveria ficar em silêncio para quem o desenhara? Há tantas coisas que permanecem em silêncio... Já pensa agora em outros silêncios, nos que se impõem e emudecem. Nos que aniquilam e silenciam.

A parede comedidamente em destaque expõe cinco medalhas de primeiro lugar e uma menina de cócoras com medo expresso no corpo, se emaranha em uma espécie de caos feito por riscos, os mesmos rabiscos que simbolizam os pensamentos acelerados que habitam o silêncio da noite. Ao ver a imagem não se pode escapar deste contraste. Não conheceria o fracasso de que todos fogem. Mas tal é o ponto. Como não sucumbir à pressão imposta pelas próprias configurações de sucesso e fracasso estabelecidas atualmente? Lembrou-se de que na escola havia categorias no final do ano: aluno nota dez, fotografias expostas categorizando inteligências e tramando uma hierarquia entre alunos, como um jogo de poder onde outros são anulados por sua suposta ineficiência. Todos pressionados, uns para continuar no ranking, outros para entrar, competir. Não, não sabia ao certo o que paira sobre o desenho da menina, mas por suas últimas digressões, seus pensamentos foram levados a este lugar.

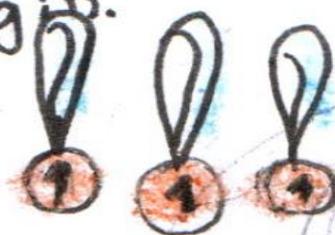
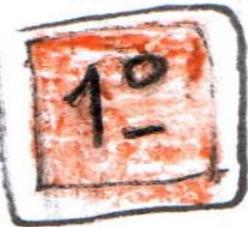
Reflexões do silêncio.

No silêncio da noite, em meu quarto me pego pensando e refletindo sobre coisas que eu poderia ter feito diferente ou sobre coisas que devem permanecer no silêncio. Nesse meio tempo percebo o quanto sozinha estou em relação aos amigos, só tenho os da escola, os quais nem sei se são realmente meus amigos, fora da escola eu não sou nada. Também percebo o quanto insignificante é minha existência, eu estando lá ou não, não faz diferença já que estou sempre em silêncio, quase ninguém percebe que estou lá, então... Para que vivo? Porque continuo a viver? Bom, eu não sei.



No silêncio da noite, em meu quarto me pego pensando e refletindo sobre as coisas que eu poderia ter feito diferente ou sobre coisas que devem permanecer no silêncio. Nesse meio tempo percebo o quanto sozinha estou em relação aos amigos, só tenho os da escola, os quais não sei se são realmente meus amigos, fora da escola eu não sou nada. Também percebo o quanto insignificante é minha existência, eu estando lá ou não, não faz diferença já que estou sempre em silêncio, quase ninguém percebe que estou lá então... pra quê vivo? Pra quê continuo a viver? Bom, eu não sei

Quando o medo vem
de dentro, não tem para
onde fugir.



Um leve barulho a resgatou do pensamento, o gato saltara da janela à mesa derrubando algumas coisas que estavam espalhadas, no movimento do pulo desviou por um instante o olhar daquela questão e pensou no tempo que, entre as frestas de cronogramas e prazos, se cria na escola. Ao que parece, este está relacionado às sensações e às vivências, um tempo que não se reparte em horas, mas transborda em *affectos*. Um tempo pelo qual habita uma existência que chega a burlar estes modos de controle e homogeneização.

Existir pelo espaço da escola. Esta imagem traduziu como tal o que a aluna escreveu “fora da escola eu não sou nada”, seus encontros, amizades que lá nasceram, os risos, os bons momentos, as aprendizagens que ficam, os livros que conheceu, os filmes, uma matéria preferida, os passeios, as conversas nos corredores durante o intervalo, intervalos de vida que se cruzam dentro de si. Nascer de novo a cada susto de existir naquele espaço que transpõe o físico. Há que arrastar a vida para o lado de fora e sentir amor por sua solidão, e que esta não seja angústia de todo, mas grata e leda companhia, assim como o silêncio à noite. Foi o que a desejou.

No texto que precedeu o desenho, saltaram aos seus olhos algumas frases, “Já que estou sempre em silêncio”... “Quase ninguém percebe que estou lá, então, para quê sirvo?”. Reparou no verbo usado, nas palavras que soaram como desabafo. Servir. Talvez seja algo como sentir-se parte, sentir que sua presença tem algum sentido. Lembrou-se do Livro que havia lido. *A vida não é útil*. Como os termos usados se equiparam ao modo como se vive atravessado pela ideia de consumo e utilidade. Sentia-se sempre acompanhada por um silêncio, mesmo em meio a outras pessoas, ele a permitia sair de cena um pouco para outra dimensão, como que escapar pela quarta parede, mas este não era um silêncio emudecido, olhou em volta, há sempre um ruído, um movimento sonoro, não se nota, a atenção está voltada a outro acontecimento, o silêncio mesmo só existe como tal composição das coisas, um pequeno intervalo de tempo invisível e inaudível.

Como captá-lo? Atentou-se para o fato de que o silêncio e a solidão andam caminhando como sinônimos em alguns escritos, mas nem sempre se encontram, e mesmo quando habitam a mesma sensação, não são sempre angustiantes estes silêncios, o que os une, talvez, seja a ideia de medo. O medo é uma espécie de alerta? Para a biologia, certamente, medo aciona atenção ao limite ou a um perigo eminente, uma situação de risco, mas, quais medos vêm de dentro? E o medo que nasce entre sensações? O que ela chamou medo, esse que vem de dentro, é na verdade a angústia? Produção desejante de linhas de fugas? Fuga ao modelo de vida estabelecido, ao tempo? Talvez ao amortecer de sensações comprimidas pela anestesia do cotidiano.

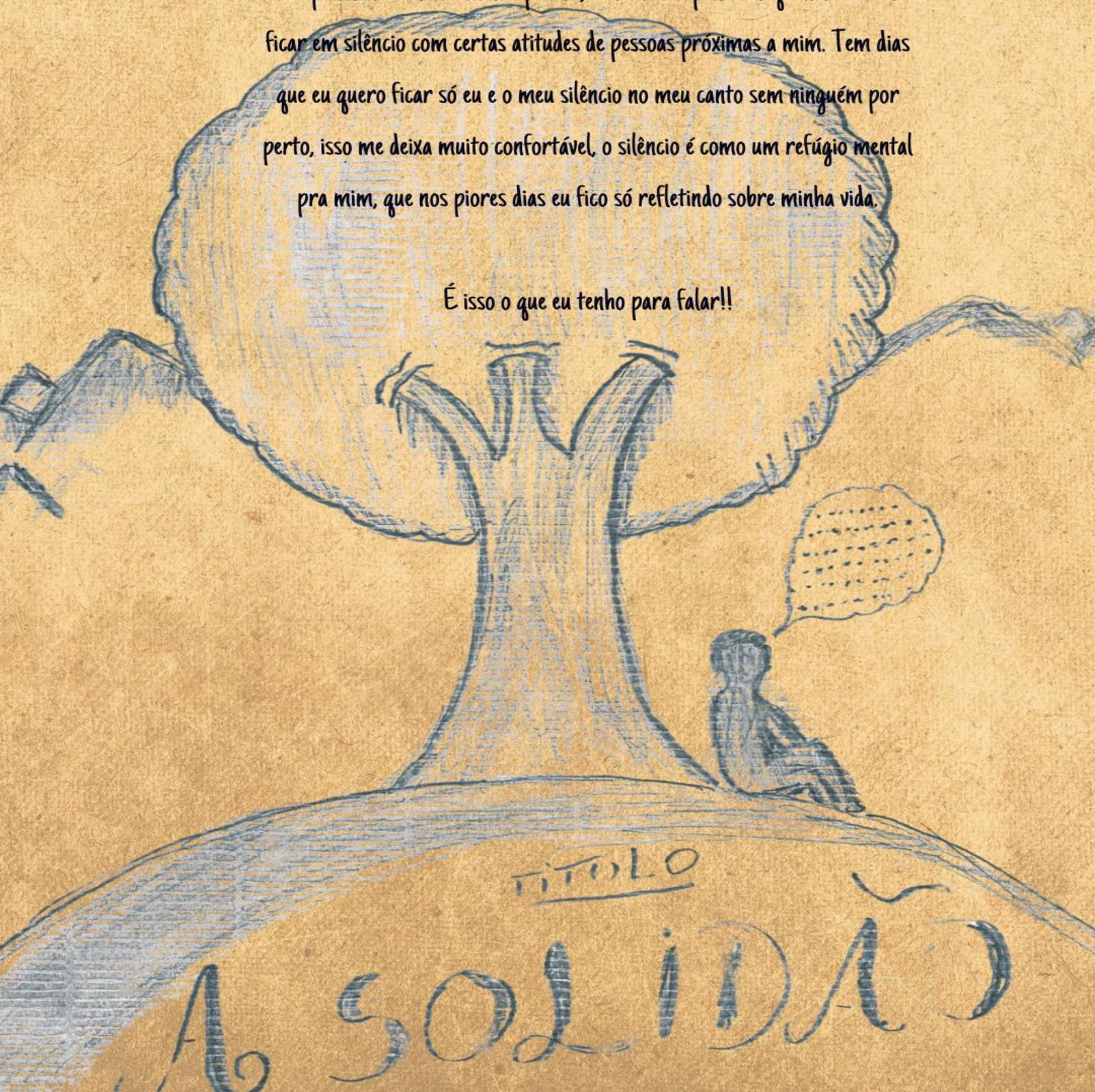
Mas titubeou, como tal sensação, por vezes paralisante, pode ser fuga de um cotidiano que anestesia sensações? A angústia é movimento desassossegado, matéria da incompletude, põe a inquietar-se, mas é um abismo, um risco e também uma condição até certa medida. Há o tênue limite. Angústia é o que se sente quando olhamos para a eternidade? Para o movimento das coisas e de nós mesmos? Entre as pulsões agudas do desejo a calma aparece e fica lá, assim como o silêncio do mundo entre as coisas e os ruídos, ele é o intervalo necessário para que haja ritmo e harmonia, assim como para apaziguá-los, ao nascer dentro em nós.

As imagens ficam ressoando, indo ao encontro do conto que acabara de ler, pensou e tomou nota que todos esses *blocos de sensações* compõem modos de existir. São também parte das travessias que constituem o educar e o vivenciar a escola. São esses movimentos que convidam a estar e a devir nos espaços, um modo de resistir às sensações de insuficiência, de inexistência. São as linhas de vida, que apontam Deleuze e Guattari (1995), que se transversalizam e compõem esse espaço. As linhas molares, moleculares e as linhas de fuga. A escola pode ser um espaço onde se potencializa o existir, uma linha de fuga que reterritorializa a solidão.

Em um dia normal eu estava sentado de baixo de uma árvore e me peguei pensando como eu me sinto em relação às outras pessoas, as pessoas são decepcionantes com a minha pessoa, isso me fez pensar o quanto eu devo ficar em silêncio com certas atitudes de pessoas próximas a mim.
Tem dias que eu quero ficar só eu e o meu silêncio no meu canto sem ninguém por perto, isso me deixa muito confortável, o silêncio é como um refúgio mental para mim, que nos piores dias eu fico só refletindo sobre minha vida.
É isso que eu tenho para falar!!

Em um dia normal eu estava sentado debaixo de uma árvore e me peguei pensando como eu me sinto em relação às outras pessoas, as pessoas são decepcionantes com a minha pessoa, isso me faz pensar o quanto eu devo ficar em silêncio com certas atitudes de pessoas próximas a mim. Tem dias que eu quero ficar só eu e o meu silêncio no meu canto sem ninguém por perto, isso me deixa muito confortável, o silêncio é como um refúgio mental pra mim, que nos piores dias eu fico só refletindo sobre minha vida.

É isso o que eu tenho para falar!!





TITULO

A SOLIDÃO

Existe mesmo solidão? Ficou pensando nessas divisões entre solidão e solidude. Ponderou, isto poderia ser um modo de olhar a sensação pelas múltiplas nuances de como a sentimos, ou, que há mais da solidão do que ausência de alguém, do mesmo modo que a companhia do outro não garante ausência de solidão, mas este não é o ponto que pesava de fato, queria olhar mais atentamente para esta solidude que é, muitas vezes, descrita como uma boa solidão, ou como estar só em própria companhia. É mais importante o caminho que se toma para mergulhar nela do que a palavra para defini-la o que importa, afinal?

Solidão sem solidude seria como um vazio doloroso, sensação mais do que uma condição de ausência física do outro. Já aí algumas formas de solidão. Estar dolorosamente só, estar só na presença do outro, aí vale mais a sensação, a ausência de cumplicidade talvez, e estar só em sua companhia.

Bem, à parte a solidão contaminada pela ausência, ou pela falta desejante de ser sempre ocupada pelo outro, pensou que a solidude pode ser o tempo vivo que se dá, a si mesmo, de presente, o mergulho alegre e potente na descoberta de si. As relações acontecem também pelo tempo que se dá, o tempo materializado em pequenas coisas que se faz pelo outro e por si mesmo. Essa experiência um tanto contaminada pela pressa característica do tempo em que vivemos. Dar amor, sorrisos, dar passos em volta da praça bem pertinho do pôr do sol, sentar à beira do rio, sentar-se à beira de uma árvore para pensar, pensar até mesmo em como se pode ser “decepcionante” para o outro.

O silêncio é muitas vezes agente ficar no vazio. e no pensar
silêncio é o momento em que agente mais fala. pensamentos,
vem e vão, 1 milhão de coisas vem a mente, e na maioria das
vezes esses pensamentos, não fazem bem.

Mas o silêncio é uma coisa que sempre está na nossa
vida, e faz bem pra gente repensar na vida, e saber
o que é melhor.

O Silêncio do Pensar



O silêncio é, muitas vezes, a agente ficar no vazio. No
silêncio é o momento em que a gente mais fala,
pensamentos vêm e vão, 1 milhão de coisas vêm à
mente, e na maioria das vezes pensamentos não fazem
bem. Mas o silêncio é uma coisa que sempre está na
nossa vida, e faz bem pra gente repensar a vida e saber
o que é melhor.



Corr

Ela riu um riso comedido, meio de curiosidade, ficou especulando por que motivo as pessoas seriam decepcionantes para a pessoa que escreveu o texto, e considerou a ideia de preferir ficar em silêncio frente a certas atitudes de pessoas próximas. Bem, em certos momentos as palavras precisam transportar as sensações, é necessário esvaziar-se dando ao outro a possibilidade de ver o incômodo, em outros o silêncio parece uma preciosidade mesmo. Dar um tempo a si mesmo. É possível abster-se da presença do outro? “Estar só, em seu canto, sem ninguém por perto”? Ora, quando estamos a sós a presença do outro passa a ser pela arte, pela lembrança, pelo pensar mesmo, então a solidão acontece no desejo de estar só, pensar só, mas a companhia abstrata do outro permeia esta sensação. Considerou, assim, que tecer relações protegendo seus vazios é então o melhor lugar para vivenciar isso que chamou de solidão. O outro está presente, mas não é o centro.

Em que momento se mergulha mais na solidão? Essa solidão acompanhada por sensações, segredos e pequenas loucurinhas que garantem um fio de saúde para os dias ruins ou corridos. Nas oficinas o momento mais silencioso da sala era durante as produções, alguns se afastavam um pouco, baixavam a cabeça, como aproximando do papel, arquitetando certa intimidade. Outros trocavam comentários, olhares furtivos para a criação do colega, mas alguns experimentavam esse mergulho criativo dentro de si pela solidão absoluta. Um estar só, mesmo em uma sala cheia de sensações flando invisível pelos poros de todos que aceitavam imergir na proposta.

Olha, a escrita em trânsito pareceu uma encruzilhada bonita por onde pessoas se encontram para contar os mesmos nomes (angústia, medo, vazio, silêncio, solidão, existir) em particulares sensações. O vazio radiante, vertido de uma angústia noturna, o medo do silêncio da noite, a solidão que imediatamente carrega para a solidão, a beleza de estar só. E o silêncio do pensar. Pensar... existe-se nele, por ele, cria-se por ele e nele pululam as sensações. Não paro de pensar! Não paro de pensar! Não paro de pensar.... Símbolos, linhas emaranhadas em balões, ao redor dos desenhos, por todo o papel, por que

sempre tão embaraçado? Confuso? Difuso? Acompanha a pressa irreduzível do tempo arquitetado? Volta ao passado ao passo que se adianta ao futuro mais próximo.

Isso pode ser bom, afinal sentimos, criamos *blocos de sensações* pelas expressões que conseguimos, imergimos, queremos o gosto da próxima sensação, mas.... Vertiginosamente se escapa do instante. Estamos aqui! O pensar entre passado, presente e futuro como lugares de dúvida e insuficiência é angustiante ao que parece. Mais potente é o trânsito do tempo infinito que desagua na vida em criação. Criamos com os afetos. A vida é afetação. E como dar ao outro o que sinto?

Outro dia lhe perguntaram “como você pensa?” O que lhe garantiu alguns segundos de surpresa, pensar é tão orgânico, embora movido também por uma engrenagem que percorre desde como se habita o mundo até em como este impele nos dias, os formatos e movimentos dos acontecimentos e de como a sociedade caminha neles. Daí o pensar acelerado nas imagens? Talvez. Como você pensa? Como explicar o movimento contínuo que faz mover? Como se absorve uma história contada, um texto lido, uma imagem vista, um toque nas mãos, como se processa o exterior? Se é possível traduzir a pergunta assim.

Mas depois pensou, pensar não é somente processar o que recebe, isso é o mínimo. Mas não alcançava por certo uma maneira de dizer. Apenas pensava. Mesmo a história que se ouve, cria imagens só sua para ilustrar, recriar a história a seu modo ao recontá-la. Imagens borradas. Pensar é contrair-se também. É bom e é ruim. Mas sempre é. Tentou observar a si enquanto pensava, olhou a janela e avistou uma árvore balançando, ao mesmo tempo em que ponderava uma questão, e simultaneamente tentou ver. Ver o pensar! É quase impossível! As imagens se misturam, as retinas não captam, é óbvio, mas elas estão lá. Depois sorriu da experiência. Essa experiência a fez lembrar Macabéa, a personagem de Clarice, e seus pensamentos que vinham quase sem querer. Circulados de uma ingenuidade um pouco passiva talvez, porém, em suas entrelinhas é bonito vê-la pensar. Ela pensa profundo, mas não sabe disso.

Pensar é potência de criação, tudo começa com o que o pensamento capta na sensação, no encontro, no inconsciente que seja, há esse paradoxo, o silêncio do pensar... é bonito. Pensar, às vezes, faz os sons ao redor esgotarem, concentra-se dentro. Concluiu, há muitas maneiras de pensar, e provavelmente há modos únicos de pensar para cada pessoa. Mas pensar faz nascer esses silêncios, ao redor, mesmo com o burburinho do pensamento flanando a todo instante. Paradoxo, possibilidade de invenção. Pensar é inventar. É roubar um pouco também, roubo alegre e inevitável, roubamos sentidos e com eles criamos pelo pensar, assim como os conceitos, pensar (filosoficamente) é criar conceitos, diriam aqueles filósofos.

Tudo é materialidade do pensamento. As séries que gostamos, a música que dançamos, ouvimos, que embalam alegrias e saudades. Os caminhos que tomamos, os livros que lemos, as sensações que atravessam a própria escrita de si entre os textos das oficinas. As lutas que se trava. A consciência de si nasce em meio ao pensamento. O pensar é um agenciamento poderoso, as linhas de vida por ele se constituem. Como professora, atravesso o pensar alheio? Agencio? E o silêncio? Nele nasce o pensar. Nesse silêncio que é espaço de criação, que compõe, que carrega sensações.

No pensamento segredamo-nos a nós mesmos, pacto de silêncio com o que nem sempre a palavra pode capturar. "O silêncio é meu mundo também" "O silêncio é meu secreto". Esse pequeno trecho ficou ecoando, retornou à leitura, olhou uma vez mais o desenho, da menina saiam as cores que invadem o papel mesclando tonalidades, ela estava de costas para o espectador, como em plena observação de algo que os olhos daquele não alcançam. "O silêncio é meu secreto" dizia o texto.

Eu sou um ser falante,
Da minha boca fluem as mais diversas palavras nos mais diversos momentos,
Falar é meu dom, minha especialidade.
Mas o momento em que mais falo é durante meu silêncio
Converso com minha alma sobre as mais diversas coisas
Meus pensamentos são levados além
E assim como o vento balança a relva alta
Meu eu é chacoalhado para momentos e situações acima até mesmo de mim
No silêncio converso, no silêncio crio, discuto, amo, odeio, grito, caminho
Meu silêncio é meu segredo
É uma língua que só eu falo e entendo
E por isso corro para ele sempre que possível.
Eu sou um ser falante
Da minha boca fluem as mais diversas palavras
Mas da minha mente fluem as maravilhas, os tesouros que só eu posso desvendar
O meu silêncio não é um momento, é um mundo
E nesse mundo eu sou e posso
Sou livre e posso relaxar

Ver o pensar, isso é o que acontece quando nascem as palavras, os textos, traços, músicas. Tudo que existe no mundo é pensamento materializado? Os muitos modos de pensar, mas, e o silêncio? Como nascem em confluência com o fora? Com os sentidos que se recebem, os encontros, sempre eles, não adianta, anda confabulando com o filósofo dos afetos. Mas é das sinestésias que os silêncios se impregnam para nascer.

Pensar as emoções a partir do que os alunos escreviam a fez mergulhar nesse espaço vasto da educação. O espaço das sensações. E também pensar com eles tudo isso que compõe as tramas complexas do que é viver entre os afazeres, obrigações, leis sociais. Viver entre? Isso é curioso, será que não considera viver essa parte da vida que mais toma conta dos dias para a maioria das pessoas? Claro que sim! É que se referia mais a essa vida, quase clandestina de cada um, que às vezes fica escondida no pensamento, não vai ao encontro de ninguém, nem por palavra, nem imagem, nem mesmo umas frases soltas, até porque não é útil, na escola é útil falar de solidão, de angústia, de solitude, de encontro ou silêncio? Talvez na literatura, na filosofia quem sabe, mas quiçá o importante sejam os conceitos por eles mesmos, afinal, a aplicabilidade na escolha entre cinco opções é uma importante decisão para o futuro. E não, não estava sendo irônica.

Essas vidas clandestinas que percorreu com eles, essa que nasce do encontro com o mundo, nasce por cada um deles, nas linhas inventivas que constituem encontros na escola ou em todas as relações. Tudo isso, essas rumações, nasceu da leitura dos textos que respondiam à pergunta proposta em uma das aulas “que silêncios teu olhar captura?”

A pergunta é um convite a pensar o que atravessa no encontro com o mundo, o olhar ganha sentido de percepção das coisas, dos detalhes, do toque ao cheiro ou ao olhar despretensiosamente atento às coisas, um momento de fazer deles objeto de pensamento, seria como um movimento de escrita sobre o que se deixa atravessar no correr dos dias. Talvez suas respostas percorram o movimento que se trama até aqui.

Que silêncios o teu olhar captura?

meu olhar captura muito carinho, amor quando olho nos olhos da minha mãe vejo muita coisa sinto quando ela bem quando está alegre. Também quando me olho no espelho e vejo meu olhar para mim mesma às vezes sinto um pouco angustiada, mas também vejo aquela menina alegre carinhosa sorridente que gosta de ajudar as pessoas quando precisam, vejo também nos olhares das pessoas quando não estão bem e precisam conversar, mas não se sentem bem, os olhares das pessoas às vezes não demonstram muitas coisas.

Meu olhar captura muito carinho, amor. Quando olho nos olhos da minha mãe vejo muita coisa, sinto quando ela, quando está alegre. Também quando me olho no espelho e vejo meu olhar para mim mesma, às vezes sinto um pouco angustiada, mas também vejo aquela menina alegre, sorridente, carinhosa que gosta de ajudar as pessoas quando precisa, vejo também nos olhares das pessoas quando não estão bem e precisam conversar, mas não se sentem bem, os olhares das pessoas às vezes não demonstram muitas coisas



com o meu olhar, capturo e percebo a serenidade nos momentos de calma e melodia nos olhares perdidos e a paz nos gestos suaves.

Os silêncios que eu vejo são emoções profundas, pensamentos introspectivos e a beleza das pausas na vida agitada.



Com o meu olhar, capturo e percebo serenidade nos momentos de calma e melodia nos olhares perdidos e a paz nos gestos suaves.

Os silêncios que eu vejo são emoções profundas, pensamentos introspectivos e a beleza das pausas na vida agitada.

Meu olhar captura vários silêncios como: o silêncio de fechar os olhos e sentir o vento sobre meu rosto e sentir aquela sensação de ser leve, o silêncio também de colocar uma música, fechar os olhos e sentir a leveza de viver, aquela vibe de amor, sentimentos, alegria, às vezes ouvir uma música e fechar os olhos eu sinto até a sensação do que a música me passa.

Meu olhar captura também o silêncio da natureza, fechar os olhos na natureza é bom demais, porque sinto a sensação de paz, fechar os olhos na natureza eu sinto os pássaros, as folhas e o vento fazendo aquela calma.

Meu olhar captura vários silêncios como todos os coisas que citei aqui.

Mas o meu olhar captura o silêncio das coisas mais livres e calmas da vida.

Olhar e capturar o silêncio e a sensação de ouvir e sentir tudo aquilo que está ao meu redor.

Meu olhar captura vários silêncios como: o silêncio de fechar os olhos e sentir o vento sobre o meu rosto e sentir aquela sensação de ser leve, o silêncio também de colocar uma música, fechar os olhos e sentir a leveza de viver, aquela vibe de amor, sentimentos, alegria, às vezes ouvir uma música e fechar os olhos, eu sinto até a sensação do que a música passa.

Meu olhar captura também o silêncio da natureza, fechar os olhos na natureza é bom demais, porque sinto a sensação de paz, fechar os olhos na natureza, eu sinto os pássaros, as folhas e o vento fazendo aquela calma. Meu olhar captura vários silêncios como todos que citei aqui.

Mas meu olhar captura o silêncio das coisas mais livres e calmas da vida. Olhar e capturar o silêncio e a sensação de ouvir e sentir tudo aquilo que está ao meu redor.



Meu olhar captura os cabelos coloridos que desejo ter, captura as sensações que as músicas que gosto me fazem sentir, captura a alegria que sinto quando olho para minha família, quando estamos em momentos felizes juntos, captura a beleza dos olhos castanhos, brilhantes e felizes de minha mãe, pai e 2 irmãos.

Meu olhar captura a beleza da natureza e dos animais, captura as sensações dos sentimentos que podem fazer uma pessoa sorrir ou chorar, amar ou sofrer. Captura a sensação de paz que sinto enquanto o vento bate em meu rosto e escuto minhas músicas.



O meu olhar captura os cabelos coloridos que desejo ter, captura as sensações que as músicas que gosto me fazem sentir, captura a alegria que sinto quando olho para minha família, quando estamos em momentos felizes juntos, captura a beleza dos olhos castanhos, brilhantes e felizes de minha mãe, pai e 2 irmãos.

Meu olhar captura a beleza da natureza e dos animais, captura sensações dos sentimentos que podem fazer uma pessoa sorrir ou chorar, amar ou sofrer. Captura a sensação de paz que sinto enquanto o vento bate em meu rosto e escuto minhas músicas.

O meu olhar captura o silêncio das ruas escuras
O silêncio do luto, o silêncio de uma mãe que
perdeu um filho com certeza é o mais silencioso.

O silêncio de não poder ajudar uma pessoa,
um morador de rua, o silêncio da negligência
diante uma injustiça.

Mas também vejo o silêncio de uma ilha deserta,
de um lugar ainda não explorado de uma floresta,
esse silêncio é reconfortante depois do barulho
do dia a dia



Meu olhar captura o silêncio das ruas escuras

O silêncio do luto, o silêncio de uma mãe que perdeu um filho com
certeza é o mais silencioso,

O silêncio de não poder ajudar uma pessoa, um morador de rua. O
silêncio da negligência diante da injustiça,

Mas também vejo o silêncio de uma ilha deserta,
de um lugar ainda não explorado de uma floresta, esse silêncio é
reconfortante depois do barulho do dia a dia



PULSAÇÕES



Entro no ônibus, ele está lotado e ainda parando para receber mais pessoas, que meio ajustadas à condição vão se organizando, já sabem como segurar-se para não cair ou machucar-se em provável arranque. Algumas pessoas que viajam sentadas se oferecem para segurar mochilas ou bolsas mais pesadas das pessoas que estão em pé. Uma forma empática de amenizar o trajeto. Os braços intercalam para segurar-se na barra durante o curso enquanto o corpo encontra um modo de se apoiar na estrutura das cadeiras. É no mínimo curioso o fato de haver uma barra para as pessoas se segurarem em um transporte coletivo, se for essa sua função, subentende-se que é o adequado. Não há vagas para todos. Sim, ainda se está falando do transporte.

Não parece que o mundo tem uma versão somente de filas invisíveis? Se está sempre em espera para coisa urgentes e, no entanto, se vive correndo. E falando em correr, sempre fico um pouco angustiada quando vejo nos jornais ou mesmo em filmes, cenas daqueles metrôs entupidos de gente e as pessoas se empurrando para passar pela porta, que quase não fecha porque algumas ficam presas na entrada. Parece uma metáfora. Ninguém pode se atrasar, não tem muito para onde correr, ninguém consegue parar, porque, que horas já são?

No ônibus lotado, quando se aproxima a hora de descer, as pessoas que não haviam conseguido ir para mais perto da saída vão movimentando o corpo tentando chegar o mais rapidamente à porta para dar o sinal. Ao longo da viagem há um pequeno fluxo, algumas pessoas descem, várias entram, fico observando a cena mesmo estando inserida, e penso: “parecemos umas sardinhas enlatadas”. Aí olho o movimento apertado das pessoas tentando se aprumar nos espaços que restam, coisa de quem nunca havia pegado um ônibus tão lotado assim. Perto da linha final fica quase vazio, dá para sentar à janela e ir olhando as ruas, a cidade, sentindo aquele ventinho que sopra no rosto e ameniza o calor. Cheguei até a linha final nesse dia. Era cedo quando peguei o transporte, nesse horário as pessoas estão indo trabalhar ou estudar, ao que pude observar o público era composto basicamente por essas pessoas.

No meio do sufoco, como quem de repente estranha alguma coisa que para todos já se tornou natural, veio uma pergunta meio em tom de reclamação, resultado de estar de frente com um sintoma banalizado: por que falam tanto a respeito de segurança no trânsito e os transportes públicos não têm nem cinto de segurança? Não é que tenham sido extraviados ou coisa assim, mas é que não vêm mesmo, nem almofadinha, nem cinto, nem cadeiras o suficiente para as pessoas chegarem o mais seguras possível a seus destinos. Depois fiquei me sentindo boba com a pergunta meio retórica, meio sem graça por ter se espantado com uma coisa que parece tão natural, ninguém fica falando sobre os cintos de segurança dos ônibus públicos por aí. Mas para quem vive muito tempo em uma cidade pequena, onde não circulam esses transportes coletivos, tudo fica parecendo o que realmente é, absurdo. Todo mundo correndo dentro de uma lata de sardinha bem insegura para chegar a algum lugar. E isso todos os dias por algumas horas. Mas a gente se acostuma.

Lembrei desse dia porque conheci Cida. E ela é uma mulher que, como muitas, saiu de sua cidade pequena e lenta, mas nem sempre tranquila, para ir “ganhar a vida” em centros urbanos. Cida queria uma vida acelerada e sentia que precisava correr, e vencer. Será que toda mulher tem essa urgência dentro de si? Têm o desejo atravessado pelas linhas de regulação social de alguma forma? De ter de correr, disputar consigo mesma? Mas voltando à Cida, seu trajeto fez recordar dos delírios desse dia, o dia que peguei um ônibus muito lotado pela primeira vez. Não que Cida tenha pegado um ônibus lotado na narrativa, mas a história dela faz pensar um pouco sobre como a correria desenfreada é tida como natural, sobre como muitas coisas caem no automático do cotidiano e então apenas se corre, corre até esquecer que não é uma máquina programada.

Mas quero contar mesmo do encontro de Cida diante das águas. Partiremos do momento em que seus pés descalços tocaram o chão de concreto do calçadão onde corria, como se o contato a fizesse sentir o peso da corrida antes tomada como um movimento natural. Cida apostava no mover dinâmico da pressa. Crescer, tornar-se mulher, vencer a guerra anunciada do cotidiano.

Corria entre o tempo roubado, o por vir e o agora, essas frações se alternavam tão rapidamente que mal via ao redor de fato. O movimento lento das coisas, as ondas do mar repetidamente dançando com a calma, o olhar sonolento dos transeuntes, a serenidade despreziosa da alvorada...Tudo ao seu redor estava envolto em certa lentidão, era um espelho enganoso, forjado pela sensação da vida apressada, porque não se pode parar, pois “corria sobre a corda bamba, invisível e opressora do tempo” (Evaristo, 2018, p.71).

É também nessa corda bamba e opressora que se quer pensar, essa imagem de tempo incorporada à vida cotidiana da maioria das pessoas. Ao ler esse conto da escritora Conceição Evaristo, é possível presenciar tal encontro disruptivo que fez do tempo imanência, ou mesmo, indeterminação. Percebe-se essa corda opressora como uma trama das linhas invisíveis de estruturas sociais que seguram o tempo pelas mãos, determinam, de algum modo, quem usufrui e como usufrui dele. O tempo é materializado em modelos de *cooper* que minam a potência de viver, de aprender e de encontrar, para a maioria das pessoas. Por isso, propõe-se que a experiência de Cida no seu desencontro com a vida acelerada e seu encontro epifânico com um tempo outro é signo de criação.

A narração entrega que Cida iria criar um tempo para si. Esse tempo que vai nascendo em seu coração é movimento que rasga o fluxo automático provocando um encontro disruptivo consigo mesma. Isto é, ao fabular essa imagem de Cida criando seu tempo, o conto tensiona a relação nociva com os dias e o cotidiano sobretudo para mulheres em suas demandas. O vejo como metáfora para pensar como mulheres, sobretudo as mulheres pretas, são subjugadas nesta dinâmica, pois sempre precisam correr mais, buscar mais, e isso se naturaliza nas relações sociais.

Dá a pensar ainda, como se vivencia o tempo e o que determina em cada pessoa. Cida suscita, pelo menos por aqui, a possibilidade de olhar o tempo primeiro como um instrumento de definição e controle, pois, um corpo cansado, exaurido da repetição mecânica dos dias, da falta de tempo pode criar? Pode olhar para os lados sem ter que ir abrindo pequenas frestas para conseguir enxer-

gar ao redor e sentir-se parte? Ou mesmo viver afetos alegres em suas plenitudes? Afinal, “Inspirar as paixões tristes é necessário ao exercício do poder.” (Deleuze, 2019, p. 42). A manutenção das desigualdades se dá também na afetação das emoções. Corpos cansados podem mudar algo?

Mas o percurso de Cida também provoca, por meio da ruptura, o encontro com um tempo outro. Essa imagem da epifania provocada pela quebra repentina de seu *cooper* apresenta esse acontecimento, é possível viver um tempo em que não a coloque como uma máquina de produzir. Será que Cida sente angústia aos domingos? Você sente?

Ao ler Cida não há como não fazer alusão à mulher que começou a trabalhar cedo, não teve tempo de ser criança, menina. Seriam coisas sempre meio clandestinas. Corte precipitado da infância para ter de crescer. Não foi à escola, não colheu as flores desenhadas a lápis de cor, não pintou o rosto com tintas coloridas, não foi ao cinema. Depois vieram os filhos e talvez ela os criou sozinha, depois as tentativas de ganhar o tempo perdido. Estudar, viver alguma experiência pela primeira vez. Ela vem ao pensamento porque sempre teve de se equilibrar nessa corda bamba, invisível e opressora do tempo. Entre desejos, imposições, as faltas, os julgamentos e as definições.

A cronologia do dia a dia faz desenhar a vida como uma corrida, e, muitas vezes, uma corrida contra o tempo para vencer o dia. Vencer o dia pode ser cumprir uma rotina cansativa, uma rotina indesejada, uma procura por emprego, uma procura por felicidade dentro da rotina. Na metáfora do conto, Cida corre uma corrida da vida materializada no seu *cooper* diário, quem rege essa corrida é o tempo das horas, crucial para definir de que modo se vai viver. E quem rege o tempo? Aliás, o conto leva a uma questão significativa no tempo em que vivemos, quem rouba nossas horas?

Cida acordava, descia, fazia a corrida, comprava pão, o jornal que mal leria, mal olhava as pessoas, via de relance, aprontava-se e ia trabalhar, “nada de gastar o tempo curto e raro” (Evaristo, 2018, p.71). Seus dias desde a tenra infância eram acompanhados da mesma agilidade que ultrapassara nas corridas

diárias. Tomada pela urgência, mudou-se do interior para a cidade grande, o movimento acelerado dos carros a embriagaram, “descobriu no turbilhão da cidade um jogo de caleidoscópio formado por peças, gentes-máquina se cruzando, entrecortando braços, rodas, pernas, pés e corpos aromatizados pela essência da gasolina” (Evaristo, 2018, p. 70).

O modelo de vida corrido e apressado que toma as grandes cidades foram incorporados ao modo de viver de Cida, que não se encaixava na rotina antiga, “Como era mesmo a sua cidade natal? Não sabia bem. Lembrava-se, entretanto, de que as pessoas eram lentas. Andavam, falavam e viviam de-vagar-zi-nho” (Evaristo, 2018, p. 70). Um contraste que pesava no corpo da mulher, desejava a presa, o movimento caótico dos epicentros industriais, onde tudo acontecia na velocidade do tempo mercadológico, do horário empresarial, das rotinas cronometradas. Nesse percurso, rompe a ligação com suas vivências de infância a casa, a cidade, a lembrança de si mesma. Este é um ponto importante na narrativa.

No poema “ Da calma e do silêncio”, a autora fala da potência do silêncio da poesia, de como há mundos submersos que apenas ele consegue penetrar, o que pode ser uma forma de resistir, de criar uma vida, uma dissidência e pensar as coisas além do que é dado. Este mergulho é uma abertura para conhecer as muitas faces do caminho, as muitas possibilidades de pensar realidades, e, pelas linhas de outrem, criar as nossas, subverter palavras e inventar outras, uma linguagem singular nas travessias que acontecem nesses encontros pela palavra. Mas mergulhar no silêncio, ou mesmo especulá-lo, carece de desacelerar o olhar para mantê-lo ativo.

Desacelerar poderia ser criar modos de desnaturalizar a exaustão, o acúmulo, do cansaço triste que a repetição causa. Isso deveria ser um direito comum, não é mesmo? Mas para muita gente são pequenos furos forjados. Desfrutar plenamente dessa loucura impensada para a maioria que segue um ritual grotesco de tempo explorado tão normativamente instalado, que até as mais corriqueiras sensações são cooptadas, o tempo da pausa criativa, decidir os

dias e não os cumprir apenas. Quem tem esse direito básico de, por exemplo, acordar com calma e tomar um café lendo o que se gosta?

Mas se normaliza o *cooper* com tanta maestria que você se sente culpado se não ocupa o tempo. Ocupar significa produzir, e, para a grande maioria da população, produzir é muito distante de criar, e por vezes o ato de criar é engolido pelo ter de produzir. As aulas, por exemplo, nem sempre é possível criar com elas, se é engolido pelo tempo curto dos prazos, das provas, dos sistemas de lançamentos de notas e faltas e presenças, nuances que não cabem em um computador ou nos currículos escolares nacionais que pautam um aluno ideal. A vida de docência na educação básica fica parecendo mesmo um *cooper*, e os professores se agarram aos momentos de criação que furam a dinâmica exaustiva, as *linhas de fuga* que rasgam as segmentaridades endurecidas, é nessa trama que o corpo se movimenta, muitas vezes mais cansado que criativo.

Na escola há muitos tempos entrelaçados. Tempo de aprender, de conhecer, de criar afetos, de compartilhar... Mas em tudo se exige um tempo máximo e linear, um pé de igualdade. É possível sentir esse tempo contorcer-se, parar no agora, nos momentos de leitura e pintura. O tempo da arte deve ser mesmo o da sensação.

Ao ler o poema de Evaristo e ir às páginas de Cida se chegou por tal questão: Há tempo para mergulhar no silêncio da criação? Para criar um corpo-potência capaz de pensar a própria condição? Se o tempo é capturado para a sobrevivência, engolido até mesmo pela sensação de competição que atravessa as subjetividades, como parar para criar? Se formos pensar no contexto da educação, percebe-se que esse tempo-afeto, está sempre atravessado nas horas corridas que norteiam a escola, e nasce além da dinâmica escolar, são as horas de encontro, de vivências, de quando se faz da escola uma espécie de casa também, é como a fresta por entre a rotina.

E o silêncio pode ser onde se guarda tudo o que não se tem tempo de experimentar, de sentir, de processar, e vai ficando lá, até que se possa desaguar. A escrita é um ótimo espaço para isso. E a escola também poderia ser, os alunos

passam muito tempo de sua vida na escola, assim como os professores. Ao mergulhar na questão do silêncio da criação compreende-se que é preciso pensar os tempos em que existimos e vivenciamos a educação. Perscrutando esse silêncio, se percebe que existe mesmo um tempo dentro do tempo capturado pelos relógios. Aliás, o tempo cronológico só existe porque o convencionamos. Que absurdo dizer isto, não é? Impensável não olhar o tempo na base do relógio porque estamos definitivamente vivendo a partir dele. Mas o que se está dizendo é sobre o tempo de dentro da gente, ou mesmo dos instantes em que se perde.

Aliás, isso lembra de uma manhã em que ouvi uma voz entrar pela janela, um vizinho deveria estar assistindo a uma videoaula, ou algo assim, era sobre temporalidade. Nessa mania de pensar que as coisas se conectam de alguma forma, comecei a ouvir com atenção. O professor, entre suas falas, disse que o tempo do mundo é o tempo do relógio, do tic-tac, mas o tempo da alma é diferente. Fiquei percorrendo a fala. Penso que o tempo da sensação seja mais próximo a esse tempo da alma, o tempo em que mergulhamos e acessamos os encontros, que é o que mantém certa possibilidade de sentir-se vivo.

A partir de uma das questões lançadas aos alunos nas oficinas, “O que é o silêncio para você?”, entre os muitos textos e imagens que criaram há uma em especial que fez pensar nesse tempo descrito no conto a partir do contexto da educação. A imagem traz uma figura com olhos fissurados em uma direção. Ao redor, uma espécie de barreira em forma de ondas elétricas, como mantendo a figura nessa espécie de transe. Quando olhei o desenho a primeira vez quase pude ouvir aquele barulhinho de hipnose que aparece em efeitos de animações, o que causou certa curiosidade, como o silêncio se transformou naquela imagem?

A aluna não quis dizer muita coisa além do que continha em seu texto. Entendi que bastava, porque dali veio algo a partir de uma confiança estabelecida, se insistisse provável receber um olhar interrogativo carregado de “não tá obvio?” Os adolescentes fazem isso. É que naquela experiência ainda estava tateando a dimensão do que iria achar. Muita coisa pulsa dessa pergunta

sobre o silêncio, mas todas elas nascem do encontro com a gente mesmo e com o fora. Talvez seja um silêncio letárgico o que a imagem transparece.

Ao lado da imagem havia o texto formado por uma frase apenas, uma repetição que provoca o mesmo efeito causado pela figura. É como se o movimento criado pelo contorno do desenho dissesse o tempo todo aquela frase. Como uma repetição programada intitulada “Cansaço” e, ao final, a assinatura: “feita por uma pessoa com sono”.

Não há como saber exatamente o porquê de a aluna ter criado esta imagem, mas há alguns delírios que pairam entre meus pensamentos. Ao fitar o cansaço que sai dos olhos robotizados e caem no texto, as palavras parecem uma tecla repetida, tão repetida como a rotina de Cida, torna-se impossível não traçar uma relação com o texto de Evaristo. Essa imagem criada pela aluna não nasceu de uma leitura do texto, mas a partir de uma pergunta, o que faz com que nos atentemos mais ainda para a relação que se quer tramar pensando as relações com o outro e com as coisas na corda bamba do tempo e os afetos, tristes e alegres (Spinoza, 2016) produzidos nessas *afecções*.

Caminha-se então para uma sociedade do cansaço? Questiona-se porque especialmente essa produção da aluna faz lembrar uma passagem do livro *sociedade do cansaço* do filósofo Han Byung (2015, p. 14), “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção”.

Espreita-se a imagem letárgica imaginando-a resultado de uma sociedade que se coloca como propulsora desse tempo acelerado que Cida habita. A mulher experimenta tal corrida diariamente, sendo ela a imagem de quem não tem muito para onde correr à princípio, vai acelerando os passos o máximo que consegue, porque, também a imagem de insuficiência é produzida no sistema capitalista. Quanto mais se corre, mais há que correr. E não é no sentido poético do caminhar movido pelo horizonte, sabem? A corrida de Cida é mesmo desenfreada como diz o conto.



Entre estas leituras, melhor dizendo, envolta por elas, experimentou-se então levar a questão do tempo para os alunos. Pensar o silêncio fez nascer muitas perspectivas, muitos olhares, indo ao encontro da multiplicidade de sentidos. Nesta conexão, Cida foi apresentada aos alunos. Sua corrida na corda bamba do tempo e depois para ela mesma tramou a possibilidade de pensar em modos de vivenciar e se relacionar com tempo, e em como ele atravessa as existências em um mundo que parece cada vez mais acelerado. É interessante perceber como essa discussão lhes interessa, e na escrita sentiram-se livres para pontuar suas percepções e sensações através do que entendem e sentem enquanto o tempo em suas vidas. O convite foi para pensar em “como crio meu tempo”. Alguns entendem como uma construção cronológica do seu dia a dia e em meio à narração vão soltando em palavras como sentem suas dinâmicas diárias. Outros alunos foram tecendo possibilidades de criar seus momentos, seus sentidos dentro de um tempo de sensação. Esses modos de ver o tempo aparecem embrincados nos textos.

Evaristo inspira a pensar a relação com o tempo quando fala em “Da calma e do silêncio”, a respeito da pausa como movimento, imergir na leitura para criar também modos de experimentar e tensionar as coisas. A pausa do mundo ao redor, que não configura uma retirada da realidade, mas uma espécie de encontro com um tempo outro ao mergulhar na palavra. As horas repetidas e circulares não dão conta desse encontro. Trata-se do tempo de indeterminação. Uma linha de fuga à repetição exaustiva das rotinas calculadas.

A citação de Byung dá a pensar em como são comuns jargões empresariais dirigidos a modelos de educação. A ideia de uma educação empresarial que busca uma excelência nos resultados, instiga a uma corrida competitiva, muitas vezes consigo mesmo, que vai pelas beiradas excluindo disciplinas e priorizando as consideradas necessárias para o mercado de trabalho. Essa corrida começa pelos vestibulares, pelos modelos de prova.



O meu tempo anda corrido e cansativo, sou uma garota de 17 anos e esse ano é um ano de muita "responsabilidade", pois estou no 3º ano do ensino médio e esse ano também irei fazer o ENEM. No meu tempo, pela manhã, vou para o cursinho, mas não gosto muito, porém é essencial para a garantia do meu futuro, o futuro pelo qual me cobro dias e noites, pois me sinto insuficiente e insegura na minha cabeça, não tenho potencial para essa prova que é o que literalmente irá decidir meu futuro. O meu tempo pela tarde, é na escola, cansativo também, sabe, queria voltar para o tempo que eu gostava de ir para a escola, me divertia. De quando a responsabilidade que eu tenho agora, a minha auto cobrança não me assombravam, agora a escola não me faz bem e apenas não quero ficar aqui, e ir embora. Pela noite, apenas fico no conforto do meu quarto pensando sobre tudo, sobre como seria bom minha aprovação, em como eu faria minha família se orgulhar. Maioria do meu tempo é assim. E de verdade, não vejo a hora de toda essa angustia acabar. não sei de muita coisa sobre, mas sei que o futuro só a deus pertence. E eu confio que um dia essa tempestade passa.

ENEM ENEM
ENEM ENEM
ENEM ENEM



O meu tempo anda corrido e cansativo, sou uma garota de 17 anos e esse ano é um ano de muita "responsabilidade", pois estou no 3º ano do ensino médio e esse ano também irei fazer o ENEM. No meu tempo, pela manhã, vou para o cursinho, mas não gosto muito, porém é essencial para a garantia do meu futuro, o futuro pelo qual me cobro dias e noites, pois me sinto insuficiente e insegura na minha cabeça, não tenho potencial para essa prova que é o que literalmente irá decidir meu futuro.

O meu tempo pela tarde, é na escola, cansativo também, sabe, queria voltar para o tempo que eu gostava de ir para a escola, me divertia. De quando a responsabilidade que eu tenho agora, a minha auto cobrança não me assombravam, agora a escola não me faz bem e apenas não quero ficar aqui, e ir embora. Pela noite, apenas fico no conforto do meu quarto pensando sobre tudo, sobre como seria bom minha aprovação, em como eu faria minha família se orgulhar. Maioria do meu tempo é assim. E de verdade, não vejo a hora de toda essa angustia acabar. não sei de muita coisa sobre, mas sei que o futuro só a deus pertence. E eu confio que um dia essa tempestade passa.

Resolva 60 questões em 4 horas! Escreva uma redação sobre um tema que você acabou de saber, em duas horas no máximo. Corra! Não interessa em que posição (social) você está, corra, empresário de si mesmo! Faça cursos mais rápidos, esqueça as leituras profundas, demoradas, críticas. Pense menos, aja mais. Foi o que Cida fez:

A vida seguia no ritmo acelerado de seu desejo. Trabalho, trabalho, trabalho. O dia entupido de obrigações. A noite festejada por encontros de rápidos gozos. Os amores tinham de ser breves. Cursos, estudos, somente aqueles que proporcionassem efeitos imediatos. Nada de sala de aula durante anos e anos e de leituras infinitas. — *Aprenda inglês em seis meses. Garantimos a sua aprendizagem em cento e oitenta dias.* — (Evaristo, 2018, p71, grifos da autora)

Nas maiores cidades ônibus lotados, pessoas se espremendo para caber na condução, ainda sonolentas algumas, outras escorregando em burocracias, valores, leis falíveis. A vida segue esse modelo construído de existir, invade tudo, as coisas sucumbem a uma ordem que parece muito natural. Cida é imersa nessa sensação que os dias corridos traziam “corria contra ela própria, não perdendo e não ganhando nunca” (Evaristo, 2018, p 71). Fazia a mágica de compactar as experiências para que coubessem exatas em frações calculadas do tempo, as horas, os meses, os anos afins. Por isso mergulhava sempre no ritmo repetitivo das batidas de sua rotina. O cuidado para não desmontar o fluxo acelerado que a mantinha segura vinha de seu *Cooper*, pois assim entendera ser a vida.

Cida abrevia as experiências para fazer caber, a narrativa acompanha tal movimento à medida em que vai ficando mais acelerada no momento em a mulher muda para a cidade grande, uma corrida de vida que vai atravessando a passos rápidos, como se tudo ao redor se transformasse em uma imagem borrada, como quando se vai olhando pela janela de um carro e tudo vai passando depressa demais.

Será possível falar dos dias a partir de uma estética do cansaço? Mas de um cansaço naturalizado, abafado pelos momentos em que se pode parar. O cansaço é o novo comum? É como se prova que está participando do mundo da

maneira que deve ser? Parar é para os fracos? Quem disse isso mesmo? “Trabalhe enquanto eles dormem” quem mesmo? Outro dia lia uma crônica que dizia que nos acostumamos, mas não deveríamos. E resume um pouco alguns dos delírios pensados aqui a partir de Cida. Nessa crônica há um fragmento que diz:

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia. (Colasanti, 1996, p. 09)

Antes, aprendia-se que o ciclo da vida é nascer, crescer, reproduzir e morrer, talvez essa linha de tempo biológica tenha se expandido demais e chegado aos modelos de vida moldados pelo capitalismo. Nasce-se, mal se cresce e se incorpora as regras engendradas que determinam de que modo se viverá esse ciclo da vida. Mas calma, tudo é moldável e além de reproduzir, há que se produzir, sem parar, e só aí morrer.

Para esse modelo não sentimos, não mudamos, não podemos ser diferentes, não amamos a não ser quando o amor é lucrativo. Entre esta linha direta do existir, sabe-se, há uma infinidade de vida. Há vivências, há aprendizagens e criação de si. Há detalhes que tornam possível existir apesar de, como lembra Lispector. Mas o cansaço é uma maquinaria, não se consegue sempre revidar estando exausto de sobreviver. Do movimento acelerado à letargia, há uma espécie de epidemia silenciosa? Mas, e tudo que permeia esse tal ciclo da vida? sentir fracassar ganhar amar decidir reconhecer sentir medo sentir alegria mentir acreditar aprender mudar aceitar recusar completamente mudar pensar sentir sem pensar encontrar duvidar... isso é viver?

Normalizou-se fazer mil coisas ao mesmo tempo, repartir o dia em muitas funções, em muitas aprendizagens e horas divididas para cada coisa. O normal atual é estar sempre se ocupando de coisas a fazer, um curso, uma palestra. Fazer muitas coisas ao mesmo tempo. E quem não se adapta precisa se adaptar, caso contrário a sensação de insuficiência invade. A imagem de fracasso habita um

pouco a ideia de tempo vago para uma parcela de pessoas. É um mosaico de condições criadas por essa imagem de sociedade do desempenho.

Cida era cercada por uma pressa que ensurdecia todos os detalhes, as tramas que a cercavam enquanto vivia seu *cooper*. Envolta na rotina, os olhos pairam sobre as urgências do cotidiano, programadas, máquina de correr que pensava ser. Foi em uma de suas manhãs apressadas que ela reparou o mar pela primeira vez. Avistou um homem nadando tranquilamente. Era uma sensação, “Mas, naquele dia, a semidesperta manhã inundava Cida de um sentimento pachorrento, de um desejo de querer parar, de não querer ir” (Evaristo, 2018, p. 71-72). A mesma lentidão que pedia a Cida para ficar a fez observar, ver mais lentamente a manhã.

Foi então que fitou o mar, observando-o com o tédio de quem habita a pressa. O que há demais no mar senão seu repetitivo e lento movimento? “Tudo monótono, certo e previsível. Tão previsível como os principais atos dela: levantar, correr, sair, voltar.” (Evaristo, 2018, p.72). Assustou-se com a previsibilidade do mar, mas ele a puxou para si, um espanto, o susto desacelerou seus passos, acompanhou o movimento das águas, também sua fluidez, um fluxo brando, pulsando sem parar na mesma velocidade de seus dias, com a força e repetição do mar que a despertara, talvez, tal espanto de viver:

Assustou-se. Percebeu que não estava correndo. Estava andando em câmera lenta, quase. Sentiu a planta dos pés, mesmo guardadas nos tênis, tocando o solo. Ela estava andando, parando, andando, parando, parando. Todos os seus membros estavam lassos, só o coração batia estonteado. Cida levou a mão ao peito. Sentiu o coração e os seios. Lembrou-se então de que era uma mulher e não uma máquina desenfreada, louca, programada para correr. (Evaristo, 2018, p.72)

É como se o susto ou espanto com as coisas ao redor fosse um despertar de transe, como na imagem desenhada pela aluna na oficina. O cansaço, as escalas, o tempo acelerado imprimem esse transe que faz sempre caminhar sem parar, sem muito espaço para criar, sem muito tempo para pensar em seu próprio cansaço? E cansaço de corpo, mente e das emoções também. O despertar de uma

espécie de transe que Cida experimentou em seu encontro epifânico com o mar, a fez mergulhar em percurso longo, peregrinou em seus pensamentos por muitos caminhos. Seus membros estavam lassos, mas o coração, a pulsação de vida, batia estonteado, contraindo-se, permitindo que notasse ser um corpo pulsando no mundo. Sentir a pulsação em seu peito era já imergir em um tempo outro, o da sensação, ver o mar sem a redoma da pressa de viver a fez, pela primeira vez, mergulhar em um silêncio denso. Emudecida diante do mar.

A transição do olhar de Cida sobre si mesma faz estremecer o transe causado pela estrutura social e suas linhas de captura, essa mudança é notada primeiro quando despe o tênis de corrida, desacelerando os passos, comungando os detalhes das coisas, experimentando a sensação causada pelo mergulho no mar que ela observou de longe, “Cida abandonou o calçadão e encaminhou-se para a areia. Sentiu necessidade de arrancar os tênis que lhe prendiam os pés e deixou aquelas correntes abandonadas ali mesmo” (Evaristo, 2018, p.72).

Cida adentra ao instante, mas não o instante imóvel que possa parecer, a princípio, uma fotografia ou um desenho, mas as sensações que vivem entre estas imagens, as linhas que atravessam os detalhes inaugurando algo, a forma como se captura o conteúdo eternizando-o de um novo modo... uma paisagem, mergulhos no rio, um pôr do sol a cada dia, ou até mesmo um desenho de algo que nunca existira até ali, ao menos não pensado daquela maneira. Na criação, todo acontecimento se reatualiza em sensação, ao passo que o contar das horas se dissipa. Esse é o tempo que se experimenta ao criar. É nele que se mergulha e horas a fio se metamorfoseiam em uma linha contínua de contato íntimo com o experimentar da escrita, da pintura, da imagem que se vive no encontro.

Para ela, que passava rapidamente pelas experiências, foi uma descoberta essa pequena alegria de perceber-se pulsando no mundo e não apenas ocupando o lugar de engrenagem fazendo o dia girar, como quando sem querer acabamos fazendo algo fora da rotina, como sentar de frente para o rio ou mesmo no momento mais ventilado da tarde, e então se pensa: por que não faço isso sempre? É surpreender-se pela sensação desses instantes que desperta para algo

mesmo que seja temporariamente. Neste instante, Cida começa a tensionar o modo como vivia as experiências, e então, “envergonhou-se dos orgasmos premeditados, cronometrados que vinha cultivando até ali. Ela não se entregava nunca e repudiava qualquer gesto de abandono que alguém pudesse ter diante dela.” (Evaristo, 2018, p. 72).

Tudo nesta manhã destoava de sua rotina impecável, primeiro a sensação de lentidão que tomava o corpo, e com a qual lutara até descer para o *cooper*, esta mesma, que, por fim, tomou seu corpo até que sentisse as batidas de seu próprio coração. E então começa a pensar o entorno. Não apenas olhar de relance, mas reparar. Ao reparar o homem nadando na praia às seis e cinquenta e cinco de uma terça, começa a questionar como há tempo para mergulhar no mar se ela mal acabara de notá-lo?

Um nadador brincava repetidas vezes com os braços e a cabeça na água. Cida aguardou cá fora desejando ansiosa que ele saísse. Ela queria saber do tempo dele, barganhar momentos, pedir um tempo emprestado talvez. Como uma pessoa, em plena terça-feira, às seis e cinquenta e cinco da manhã, podia estar tão tranquilamente brincando no mar? Deveria ser extremamente rico. Viver de juros. (Evaristo, 2018, p.73)

Cida estava tão envolta nessa rotina que para ela só seria concebível um mergulho no mar em dia de semana se pudesse bancar. Abrir uma fenda no automático da vida com um simples banho de mar, mas só é possível tal movimento a quem pode pagar por ele? Como barganhar o tempo? O acúmulo dá então a benesse do tempo livre para nadar no mar à seis e cinquenta e cinco? O tempo de cada um é definindo pelas hierarquias sociais? O tempo livre por assim dizer. De certo modo, basta olhar os transportes lotados, as horas que se leva para chegar ao emprego ou as que se passa trabalhando após o horário comercial, em casa mesmo, os dias de feriado que precisa vender, as duplas ou triplas jornadas para mulheres que não possuem redes de apoio ou não podem pagar por uma.

E então, no meio de sua ruminação, Cida se recorda dos mendigos que passavam por ela nas manhãs, em contraponto ao homem que tomava banho de mar. Se o tempo é comprimido em horas apressadas, como então era medido para os que ficavam tão à margem? Nem sequer estavam incorporados ao cotidiano corrido, ao movimento contínuo de produção, não tinham horas de trabalho, afazeres, ordens a cumprir, um patrão para enriquecer, não viviam de juros, então... “Alguns mendigos saíam dos bares com copos plásticos cheios de café. Tomavam o líquido e tinham a expressão entorpecida de sono, fome, descompromisso e abandono. Qual seria a medida de tempo para eles? ” (Evaristo, 2018, p.73-74). Qual seria a medida do tempo para eles?! As armadilhas dos sistemas de opressão envolvem a todos nessa teia de limites, se de um lado Cida acaba de reivindicar seu tempo, do outro os homens estão na rua com tempo disponível ou descartado, mas do que adianta tempo se não tiver condições básicas para usufruí-lo? Se não tiver o que comer, vestir, se agasalhar, proteger-se? A pergunta tomando o pensamento e girando na cabeça: “Qual seria a medida do tempo para eles?”

Atentou-se de que precisava voltar, “era preciso continuar suas ações rotineiras, incorporar-se novamente ao cotidiano” (Evaristo, 2018, p.73). No retorno para casa, caminhou, não voltou correndo, não se apressou, logo avistou Pedro, estava preocupado, já que ela jamais se atrasava. Quis saber se fora assaltada, insistiu em um evento que justificasse a interrupção de tal fluxo, ela “havia maculado o tempo com o olhar e a espera pecaminosa diante do mar” (Evaristo, 2018, p.73).

O retorno de Cida para casa demarca uma ruptura que modula o tom da escrita a partir de então mais fluida e detalhada, como se caminhasse por um olhar mais demorado aos detalhes que circundam a personagem. A escrita é o próprio olhar da mulher mudando no tempo. A volta para casa é marcada por impressões e sensações do entorno e sobre si mesma. No momento em que

encontra o amigo permanece calada, agora o narrar parte de um tempo outro, o das sensações de infância, por meio delas retorna à cidade onde cresceu.

Cida escutava tudo calada. Pedro gesticulava e falava rápido como se estivesse irradiando uma partida de futebol. Lembrou-se de que, quando era criança, uma de suas diversões era colar o radinho no ouvido e ficar ouvindo a narração do futebol. “Tinha a impressão de que a fala do locutor era mais rápida do que a bola nos pés dos jogadores. Parecia que era a palavra do homem que empurrava o jogo. O que estava acontecendo? Só então Cida percebeu o motivo de aflição do amigo. Ela estava chegando atrasada do cooper. Tinha comprometido, extrapolado o tempo.” (Evaristo, 2018, p. 74). O desacelerar do tempo a carregou para uma viagem a si mesma, suas sensações de infância, como um retorno às suas primeiras aprendizagens. Esse é um movimento importante na narrativa de Evaristo, é como um encontro com os seus e todas as vivências aprendidas, é como se o contato com um tempo livre de demarcações a fizesse abraçar os afetos. Um encontro consigo a partir dos encontros que foram, de alguma maneira, parte de suas travessias.

É como no conto *olhos d'água*, (2014) de Evaristo. A personagem, assim como Cida, está imersa no tempo corrido da capital para onde também se mudara. Em uma noite que perdura dias, sente-se atordoada por não conseguir lembrar a cor dos olhos da mãe. A dúvida a persegue a tal ponto que a faz viajar até a cidade em que viveu sua infância para reencontrar a mãe. Nos momentos em que buscava pela memória os olhos da mãe, o que encontrou foram sensações. Cheiros, toques, risadas, texturas do cabelo, abraços e também as brincadeiras que a mãe inventava para distrair.

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhece-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa por não recordar de que cor seriam seus olhos (Evaristo, 2014, p.16)

O encontro com as memórias vinha em sensações construídas em afetos, mas a mulher não conseguia lembrar da cor dos olhos de sua mãe. A dúvida de alguma forma, a levou a experimentar as sensações, boas e ruins, de sua infância e adolescência. E aos poucos vai se reconectando com o que se apresenta como força de um afeto ancestral no texto de Evaristo. Ao retornar, é como se a personagem quebrasse o automatismo que a fizera esquecer a cor dos olhos, além disso, pode-se tecer relação com o contexto vivido por Cida, uma corda bamba do tempo que isola, automatiza rotinas e, muitas vezes, limita. A ida da personagem até a mãe dá a pensar sobre como tecer conexões, encontros, afetos pode inaugurar também um tempo outro dentro de nós. As sensações nascem nesses encontros. E no conto, “os olhos de uma se tornam espelho para os olhos da outra” (Evaristo, 2014, p. 19). O espelho que não é reprodução meramente, mas potência de afeto.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que eu vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas que perguntei se minha mãe tinha olhos ou rio caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia serenamente em si, águas correntezas. Por isso prantos e prantos a enfeitar seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água (Evaristo, 2014, p.18)

Com esse conto é possível percorrer um conjunto de sensações provocado pela potência do encontro. Avistar o silêncio pelo olhar, um portal por onde se conecta com as sensações, com os afetos, mas também por onde criamos nossos silêncios no encontro com o mundo. Com a escrita sensível de Conceição experimenta-se as sensações que se pode vivenciar na afecção com as coisas e seus sentidos. Por estes sentidos captamos encontros com a experiência do reparar de muitas maneiras.

As águas do mar ou do rio que escorrem dos olhos aparecem como uma espécie de portal onde o tempo feito sensação acontece. Ao encontrar os olhos, entende que o rio que verte no rosto são as águas de afeto.

Os olhos úmidos são como espelho que reflete tal encontro, assim como a epifania de Cida diante do mar. Não lembrou a cor, ela reencontrou os olhos e sua pura afetação. Isso é maior que a lembrança puramente. Em uma escrita tecida entre silêncio e sensações, experimentou-se, em uma das oficinas, perguntar aos alunos sobre suas sensações ao invés de perguntar pelo silêncio, foi um modo de experimentar o que viria, a pergunta foi movimentada pelo texto de Evaristo. E o silêncio como criação, ainda que não apareça na pergunta, atravessa a escrita dos alunos. Ao perguntar “que sensações teus olhos guardam?” nasce uma escrita em sentidos múltiplos.

Os alunos escreveram sobre suas relações e como as atravessaram criando emoções, sensações que permeiam seus silêncios. Ao longo da escrita rememoram encontros com lugares e dias de infância, as risadas com amigos, colegas de escola ou de outros espaços, as brincadeiras e os amores, escreveram sobre vivenciar o “primeiro amor”, e sobre seus sonhos. Escreveram também sobre as sensações ruins, rupturas e silêncios que se experimentam com elas. Esses momentos provocam emoções, sentidos que movimentam o modo como cada pessoa vai vivendo.

Interessante como os alunos tomaram a ideia do olhar na pergunta, não apenas como um ver o que está à frente, para além, tomaram como percepção do que atravessa e produz sensações nesse encontro. Uma tarde com amigos, assistir aos desenhos preferidos no sofá de casa, uma separação, soam mais que uma memória apenas, são *afecções*, o que nasce do encontro que movimenta o sentir. Em um dos textos as sensações percorrem o tempo infinito, os desejos de adolescentes que vislumbram seus sonhos.

Nasce um encontro fabular com o tempo de suas sensações ainda não vividas, mas desejadas como potência de criação de si. Das liberdades à idealização de um amor. Fabular as sensações em um tempo de sentidos como uma possibilidade de se mover na vida. Há muitos afetos no que se guarda como um futuro que tece também o presente.

Que sensações teus olhos guardam?
Lembranças dos passeios com amigos, tardes ensolaradas de risos e aventuras,
caminhadas sem rumo onde o mundo parecia nosso. As praias, as ruas das cidades,
cada canto carrega a energia das conversas, camaradas e a felicidade de viver aquilo.
Também quando o primeiro amor, uma chama que acendeu e permaneceu - foi
um amor inocente, puro, que me ensinou a sentir profundamente. Nos meus
olhos, há uma suavidade quando lembro dos primeiros toques, dos olhos úmidos,
e palavras sussurradas. É uma lembrança que aquece o coração,
ilumina a alma mesmo após tanto tempo.
Mas ao lado dessas memórias estão as marcas da separação dos meus pais,
a casa dividida, o silêncio pesado, as malas prontas e os olhos marejados.
Cada canto da casa ecoava a ausência e a dor da ruptura, a vida mudou,
e eu aprendi a lidar com a saudade e a distância, mas essa cicatriz sempre
estará presente.
Decepções com amizades, traições sutis, confianças quebradas e mágoas,
corações fechados, feridos e hostis, cicatrizes invisíveis, mas tão
doidas.
Em meio a isso amizades verdadeiras que foram luz em meio a escuridão,
braços que acolhem, palavras que acolhem, risos que curam, mãos que estendem,
cumplicidade.
Nos meus olhos, histórias que contam quem sou, onde fui, cada lágrima,
cada sorriso, recordações que moldam o ser que em mim flui.

Nos meus olhos, histórias que contam quem sou,
onde fui, cada lágrima, cada sorriso, recordações
que moldam o ser que em mim flui.

Lembranças dos passeios com amigos, tardes ensolaradas de risos e aventuras, caminhadas sem rumo onde o mundo parecia nosso. As praias, as ruas das cidades, cada canto carrega a energia das conversas, e a felicidade de viver aquilo. Também quando o primeiro amor, uma chama que acendeu e permaneceu, foi um amor inocente, puro, que me ensinou a sentir profundamente. Nos meus olhos há uma suavidade quando lembro dos primeiros toques, dos olhos úmidos, e palavras sussurradas. É uma lembrança que aquece o coração, ilumina a alma mesmo após tanto tempo.

Mas ao lado dessas memórias estão as marcas da separação dos meus pais, a casa dividida, o silêncio pesado, as malas prontas e os olhos marejados. Cada canto da casa ecoava a ausência e a dor da ruptura, a vida mudou, e eu aprendi a lidar com a saudade e a distância, mas essa cicatriz sempre estará presente.

Decepções com amizades, traições sutis, confianças quebradas e mágoas, corações fechados, feridos e hostis, cicatrizes invisíveis, mas tão doidas.

Em meio a isso amizades verdadeiras que foram luz em meio a escuridão, braços que acolhem, palavras que acolhem, risos que curam, mãos que estendem, cumplicidade.

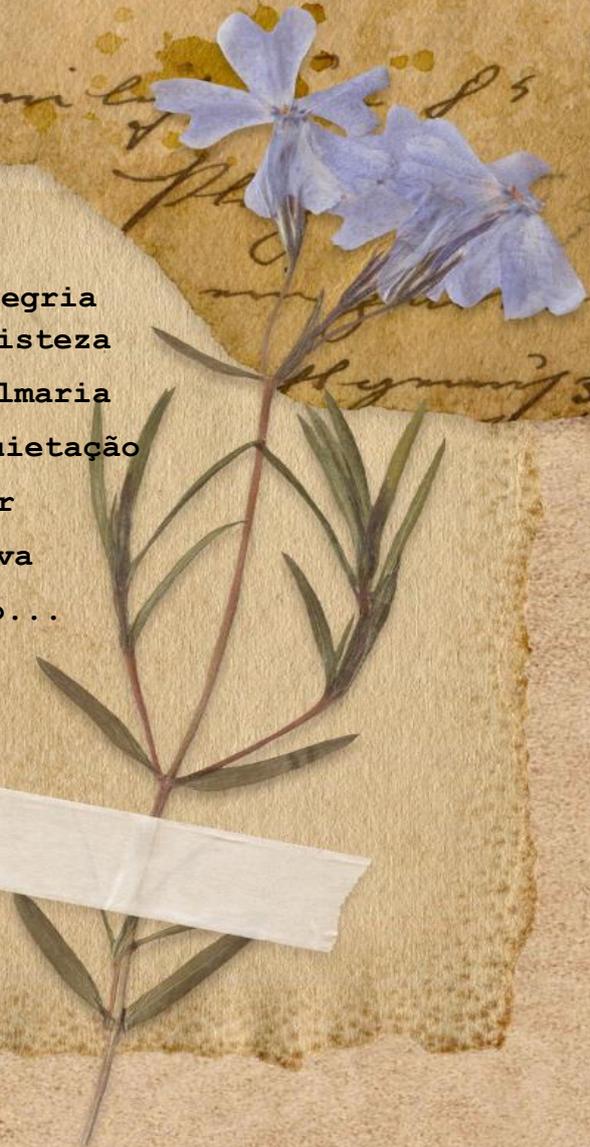
Nos meus olhos, histórias que contam quem sou, onde fui, cada lágrima, cada sorriso, recordações que moldam o ser que em mim flui.

Meus olhos podem guardar alegria
Meus olhos podem guardar tristeza
Meus olhos podem guardar calma
Meus olhos podem guardar inquietação
Meus olhos podem guardar amor
Meus olhos podem guardar raiva

MEUS OLHOS
GUARDAM O
TODO....

Meus olhos podem guardar alegria
Meus olhos podem guardar tristeza
Meus olhos podem guardar calma
Meus olhos podem guardar inquietação
Meus olhos guardam amor
Meus olhos guardam raiva
Meus olhos guardam o todo...

Josef. Avin
suf... 85
Ph...
H... 3



Guardam alegria de momentos vividos que não voltam mais, como assistir meus desenhos preferidos no sofá de casa quando dormia na rede e acordava na cama, assistir novela de noite com a minha Família, mas eles também guardam sentimentos ruins que me moldaram como eu sou, vivência de uma infância conturbada e um relacionamento marcante, tantos momentos bons mas muitos ruins do mesmo nível. No final meus olhos guardam a essência de como sou hoje e cada momento que me fizeram chorar de tristeza e de felicidade.

Guardam alegria de momentos vividos que não voltam mais, como assistir meus desenhos preferidos no sofá de casa, quando dormia na rede e acordava na cama, assistir novela de noite com a minha família. Mas eles também guardam sentimentos ruins que me moldaram como eu sou, vivência de uma infância conturbada e um relacionamento marcante, tantos momentos bons e muitos ruins do mesmo nível. No final, meus olhos guardam a essência de como sou hoje e cada momento que me fizeram chorar de tristeza e de felicidade.

Meus olhos guardam o futuro. Não é como se eu não visse o presente e não
repulose o passado, mas meu passado eu prefiro usá-lo para aprendizagem no
presente, e o presente me serve de preparação durante o tempo para o que está
na minha frente agora eu só consigo imaginar o que estará daqui a um
tempo. Meus olhos anseiam pelo futuro, pelo que almejo. Eu almejo liberdade,
calma, privacidade, natureza e um amor. A liberdade de ir e vir e ver os
meus lugares, saltar de paraquedas, subir uma montanha, visitar outro
país e andar em uma montanha russa. A calma de saber que estou em paz
conigo mesma e posso desfrutar da minha própria companhia sem medo de
me sentir sozinha, a privacidade de não precisar explicar para ninguém a origem
dos meus ações e venturas, apenas viver da forma que eu sonho. Desfrutar
da natureza que me rodeia, pois ela é meu exemplo de liberdade, calma e privaci-
dade e me traz sentimento de conforto, quero mergulhar em um reef de corais,
viver em uma chácara, caminhar em uma floresta e poder conhecer vários
animais exóticos. E por fim um amor, um amor, um amor para dançar na
chuva, cozinhar juntos, viajar juntos, assistir um por-do-sol juntos ao lado
de um gelado sebrice chamado asparagus; alguém que me faça viver as
minhas fantasias de maneira romântica. Meus olhos veem isso em cada
detalhe ao meu redor, cada coisa do presente me faz contemplar o futuro.



Meus olhos guardam o futuro. Não é como se eu não vivesse o presente e não respeitasse o passado, mas meu passado eu prefiro usá-lo para aprendizado no presente, e o presente me serve de preparação. Quando olho para o que está na minha frente agora só consigo imaginar o que estará daqui a um tempo. Meus olhos anseiam pelo futuro, pelo que almejo. Eu almejo liberdade, calma, privacidade, natureza e um amor. A liberdade de ir e vir e viver as minhas loucuras, saltar de paraquedas, subir uma montanha, visitar outro país e andar de montanha russa. A calma de saber que estou em paz comigo mesma e posso desfrutar da minha própria companhia sem medo de me sentir só. A privacidade de não precisar explicar pra ninguém a origem das minhas ações e vontades, apenas viver da forma que eu sonho.

Desfrutar da natureza que me rodeia, pois ela é exemplo de liberdade, calma e privacidade e me traz sentimento de conforto, quero mergulhar em um recife de corais, viver em uma chácara, caminhar em uma floresta e poder conhecer vários animais exóticos. E por fim, um amor, um amor, um amor para dançar na chuva, cozinhar juntos, viajar juntos, assistir um pôr do sol juntos ao lado de um golder retriever chamado Asparagus; alguém que me faça viver as minhas fantasias de menina romântica. Meus olhos veem isso em cada detalhe ao meu redor, cada coisa do presente me faz contemplar o futuro.

Curioso falar sobre tempo em uma aula com adolescentes. Se sente certa apreensão porque talvez os alunos não quisessem saber do tempo de Cida ou do tempo que leva para lembrar a cor dos olhos de alguém. Sabe-se lá se é coisa que se pense em uma sala de aula. Mesmo sabendo que Cida é uma imagem coletiva de existência, e muitas delas nas salas de aula. A gente subestima um pouco o interesse do outro porque também se adequa à ideia geral do que seja importante em uma aula, do que seja necessário falar, ensinar, e mesmo pensar nesse espaço. E olha, se for para pensar essas coisas mais abstratas isso é na aula de filosofia, quando há e se ainda houver. Mas talvez se deva enxergar as coisas como conectadas, imbrincadas em múltiplas relações.

Antes que surgisse a pergunta desmotivadora, sobre a questão ter alguma relevância em turmas de terceiro ano em período de enem, antes disso, já se estava nas salas, falando sobre Cida e o tempo e o seu coração batendo, já estava-se lendo trechos, já estava observando os alunos, sobretudo as meninas, escrevendo suas linhas, concentradas, algumas ficando até depois de todos já terem saído porque queriam escrever seu texto com calma.

Em certo momento do conto Cida pensa sobre um tempo amortecido no coração do tempo. Isso soa um pouco melancólico, como uma espécie de sono, um tempo que não pode se expandir e fica ali, quieto, dentro do tempo maior, o tempo que rege alguma coisa, será que todos guardam em si um tempo secreto? E será que fica em um silêncio e aí sempre que pode ele salta para fora e as coisas repetidas passam a desvelar uma diferença? Um espanto que seja, como reparar o mar a primeira vez. Se vai vivendo dessa pequena imensidão, o tempo que faz criar uma zona desconhecida em meio ao cansaço. A gente se movimenta nisso sim, na criação do que existe, senão a Cida não aguentaria a vigilância, a concorrência consigo mesma. Talvez a pausa diante do mar seja esse tempo se expandindo. Isso não é mágica não, é fabulação. Essa que escorre dos olhos marejados, úmidos.

Como criar meu tempo

Algumas pessoas reclamam muitas vezes que não têm tempo para viver uma vida boa, mas na vida há tempo para tudo, só basta a gente parar um pouco e pensar no que estamos fazendo e criar um pouco para agir na vida. Quando estamos aflitos é bom dar um tempo para nós mesmos, e como podemos fazer isso, criei uma lista para cada dia fazer uma coisa.

O tempo passa rápido

Então faça seu tempo conforme você sabe

Algumas pessoas reclamam muitas vezes que não têm tempo para viver uma vida boa, mas na vida há tempo para tudo, só basta a gente parar um pouco e pensar no que estamos fazendo e criar um pouco para agir na vida. Quando estamos aflitos é bom dar um tempo para nós mesmos, e como podemos fazer isso, criei uma lista para cada dia fazer uma coisa.

O tempo passa rápido, então faça seu tempo conforme você sabe.

Observando a relação com o tempo atualmente, se pode dizer que o consumimos, não o experimentamos na maior parte. Ou talvez sejamos consumidos por ele. Paradoxalmente se vive imerso no tempo, faz-se do agora um vácuo angustiante, agarrados ao ontem ou ao amanhã como uma pulsão de angústia, espécie de “mau cronos”, fita-se o futuro como uma finalidade a percorrer. Será isso uma imagem ansiosa de tempo? Talvez por isso, ainda que estejamos imersos no tempo, se está sempre a repetir: eu não tenho tempo!

Ao escrever sobre como criam seu tempo, os alunos descrevem a rotina corrida, os afazeres enfileirados e entre eles a angústia de incertezas, de não saber como se mover. O que parece é que o tempo é uma caixinha apertada e é preciso espremer-se para caber. Ou vai ver se pinta o tempo como uma flecha, sempre indo para algum lugar, como questionou Krenak em *a vida não é útil* (2020). Uma imagem linear de tempo que determina o modo como a sociedade caminha, mas questionando essa imagem ele diz que “tudo que pensamos que já existiu está acontecendo agora” (Krenak, 2020, p. 37).

E isso provoca, de alguma forma, a reparar no modo como nos relacionamos com o tempo, com o mundo e com o nosso universo interior também. É potente quando ele diz, no mesmo texto, que o mundo está sendo criado a todo momento, é um movimento contínuo, pois não há o dia em que o mundo foi criado, está-se criando. Com o tempo dentro do tempo é assim, o criamos nas linhas de fuga. Como esses tempos coexistem em você?

Uma pergunta em um dos textos levou a ponderar a relação entre tempo e felicidade. Pensa-se ao longo deste texto, os afetos tristes e alegres, as sensações que atravessam e compõem o viver, mas não como uma dualidade, e tampouco como um contínuo sem intensidades ou contextos. Mas além disto, o texto da aluna levou a pensar o que se anda constituindo enquanto felicidade. Se o modo de vida acelerado, cansativo e desigual determina também as relações, como se cria a imagem destas sensações a partir da lógica capitalista?

Em algum momento da vida, perscruta-se o conceito, nem que seja para perceber o que faz sentido quando se pensa sobre ser feliz, se fala bastante em felicidade. As músicas, poemas e as muitas formas de arte abordam essa ideia que pode parecer meio abstrata, e muitas vezes é cooptada como uma barganha mercadológica. A felicidade é um estado? Ou uma constante atravessada por momentos desconfortáveis?

Nos livros de contos de fada as histórias terminavam com “felizes para sempre” após enfrentarem uma sorte de conflitos, como se felicidade fosse ausência deles. Mas não se vive em contos de fadas e tampouco de seus ideais de felicidade. Na forma como nos movemos no tempo atualmente, nessa corda bamba opressora como escreve Evaristo, a felicidade é vendida como uma ideia de consumo, algo a ser buscado externamente e a cada vez, é como se o sujeito do desempenho cumprisse a finalidade para compensar seu cansaço. Não se está falando sobre conforto e necessidades básicas, mas a respeito da ilusão de que felicidade seja esse jogo de produtividade e consumo, e nessa perspectiva se quer sempre o depois, ela vem em pequenas doses rápidas que precisam ser supridas, como um analgésico.

Mas o conceito de felicidade e como ela atravessa a existência transcende a isto. Isso os filósofos já disseram. Embora sejamos bombardeados por estímulos que dizem o oposto, *por que é que demora tanto para uma pessoa ser feliz?* Foi a pergunta da aluna, que em seu texto vai tramando a ideia de alcançar uma certa felicidade ao ir amadurecendo, criando consciência dos problemas, como se ao ir organizando o caos, aprendendo a lidar com as indeterminações do próprio existir, iria abrindo a possibilidade de sentir-se feliz, talvez como um atenuante à angústia de não se ter controle.

Como vivo meu tempo ?

Queria poder criar meu próprio tempo, onde as coisas poderiam acontecer nesse meu próprio tempo...

Várias pessoas falam que as coisas só dão certo ao passar do tempo, mais eu nunca gostei do tempo sinceramente, não é querendo jogar meus problemas em cima dele, mais porque demora tanto tempo para uma pessoa ser feliz? Temos tempo para crescer, criar maturidade e ter a consciência dos próprios problemas.... Mas porque demora muito? porque? eu queria mudar tudo, ter que crescer cedo é duro demais e dói. Mas perdoo o tempo mesmo não tendo me feito nada.



Queria poder criar meu próprio tempo... onde as coisas poderiam acontecer nesse meu próprio tempo... várias pessoas falam que as coisas só dão certo ao passar do tempo, mas eu nunca gostei do tempo sinceramente, não é querendo jogar meus problemas em cima dele, mas por que demora tanto tempo para uma pessoa ser feliz? Temos tempo para crescer, criar maturidade e ter a consciência dos próprios problemas... Mas por que demora muito? Por que? Eu queria mudar tudo, ter que crescer cedo é duro demais e dói. Mas perdoo o tempo mesmo não tendo me feito nada.

Isto lembra um trecho do livro de Clarice Lispector em que a aluna pergunta para a professora, depois de esta ler o felizes para sempre da história, “o que vem depois que se é feliz?” A pergunta causa um estranhamento, talvez porque inconscientemente entende-se a felicidade como uma finalidade que depois seja constância, e não como algo que atravessa a relação com o mundo. Se formos relacionar a pergunta de Joana, personagem de Lispector, à pergunta da aluna, a felicidade aparece entre. Entre a demora para se consegui-la e o depois, “o quê que vem?” Como um acontecimento pontual que se persegue a vida toda e depois não se sabe mais o que fazer.

Questiono se a felicidade não poderia acontecer nessas frestas por onde se pode ver melhor, amar melhor, perceber melhor o outro, ter amigos, mas saber estar sozinho, ter coragem, abraçar a indeterminação de nossas existências, aprender com afetos, ter tempo de criação, ou, sei lá, tomar café com bolinho de milho às 4 da tarde. Parece obviedade ou reducionismo? Esses momentos que atravessam a vida em meio a um acontecimento corriqueiro ou pontual, não como acontecimentos isolados, mas uma cartografia de afetação que movimenta o modo como se vai existindo, tramando um encontro potente com o exterior mesmo nos dias ruins, porque eles virão, nos dias de tristeza, de afetos que nascem da tristeza como intensidade, quando mingua-se a potência de agir. (Copiei um pouco do Spinoza, mas espero não ter destoado muito).

São como pequenas felicidades clandestinas, como diria Clarice, mas que acontecem no encontro com o mundo e por isso a coletividade a atravessa. E não se pode esquecer as condições estruturais para uma felicidade coletiva, coisas como liberdade de existir, casa, comida, educação, ter tempo para criação de si, ter sua existência respeitada, e entre as buscas por uma felicidade coletiva, as clandestinidades vão sendo fugas para alimentar a potência de viver. Como no texto a seguir:

Eu crio meu tempo...
Quando eu relaciono com as coisas ao meu redor,
com as coisas do meu dia a dia.



Tipo ao acordar e levantar para fazer as coisas
diárias, com os momentos de distração e alegria
o tempo passa voando aos nossos olhos, como o
tempo de brincadeira com o meu gatinho.



Já diferente do momento de escutar o tick-
tack do relógio... Quando eu paro para sentir
os leves chutinhos da minha bebê.

O tempo a gente cria com os nossos momentos de
alegria e tristeza... Uma divisão de olhares super
diferentes.

Para o olhar das pessoas sobre o tempo, o tempo é
diferente dos nossos, cada um com o seu espelhamento
sobre o tempo

FIM

Eu crio meu tempo...

Quando me relaciono com as coisas ao meu redor, com as coisas
do meu dia a dia. Tipo ao acordar e levantar para fazer as
coisas diárias, com os momentos de distração e alegria, o
tempo passa voando aos nossos olhos, como o tempo de
brincadeira com o meu gatinho.

Já diferente do momento de escutar o tick tack do relógio...
quando eu paro para sentir os leves chutinhos da minha bebê.
O tempo a gente cria com os nossos momentos de alegria e
tristeza... uma divisão de olhares super diferentes.

Para o olhar das pessoas sobre o tempo é diferente dos
nossos, cada um com o seu espelhamento sobre o tempo.

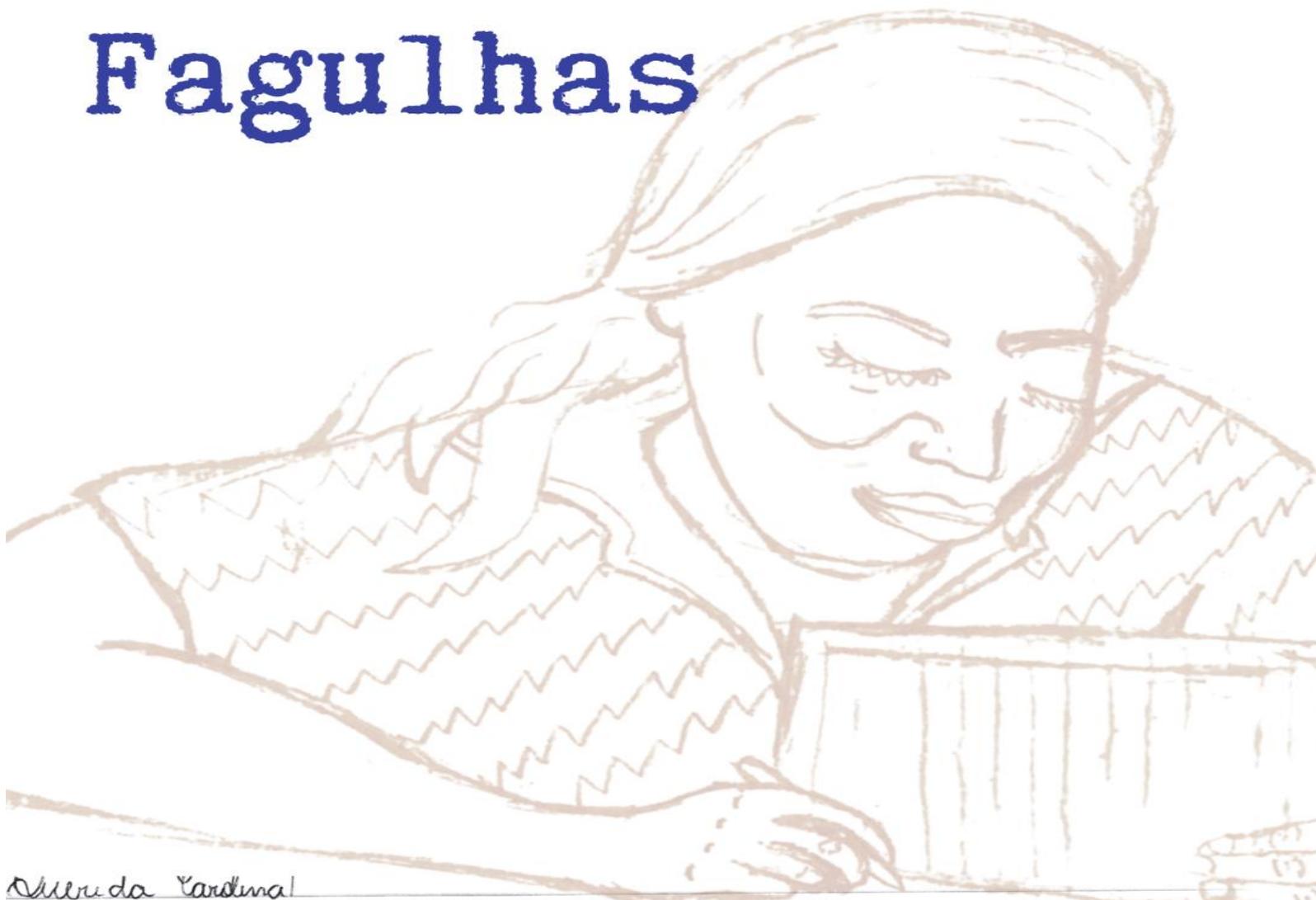
A felicidade pode aparecer num tempo pulsando no coração do tempo, como o desacelerar de Cida para encontrar o mundo, a si mesma e o mar. Ao retomar de seu mergulho na infância, decidiu aproveitar seu encontro com o tempo. Não ser uma máquina abriu uma possibilidade antes impensada “e só então falou significativamente uma expressão que tantas vezes usara e escutara. Mas falou tão baixinho, como se fosse uma oração, momento único de uma misteriosa e profunda prece. Ela ia dar um tempo para ela” (Evaristo, 2018, p.74).

Para Cida o tempo era como uma corrida acelerada. E é assim que se vivencia o tempo há muito, seja por sentir-se inadequado quando não se está produzindo, correndo ou pensando em algo que não seja considerado útil, seja por precisar correr para pegar o próximo ônibus, dar a próxima aula, correr para dar tempo de seguir o ritmo dos afazeres, correr porque a maquinaria invisível determina que você precisa correr para conseguir uma vaga ao sol, essa frase é antiga, mas atual. O mundo em seus sistemas de exclusão, se pauta na competição e não há vagas, não há vagas nas instituições públicas, e por isso existem os vestibulares, e então precisa disputar com quem acredita que isso é mera meritocracia. Não há vagas de emprego, não há vagas nos leitos de hospitais, não há vagas na assistência pública à saúde mental, não há vagas e você tem que correr porque precisa de uma vaga.

Cida precisava correr correr, mas desejava viver, e a imagem epifânica diante da fluidez das águas é uma ruptura com um tempo que a coloca como instrumento mercadológico. Desacelerar, o modo como se institui as relações também, a ideia de “tempo líquido” que se solidifica na era das telas infinitas. Desacelerar para ver de perto a cor dos olhos úmidos da mãe, para lembrar a textura dos cabelos, os cheiros de infância, para viver além da corrida, ouvir o que se sente, para experimentar seus afetos como potência de agir. Um modo de rebeldia. Talvez seja isso que se deseja quando Cida percebe ser uma mulher e não uma máquina desenfreada. Um coração pulsando no mundo.



Fagulhas



Querida Carolina!

Me chamo Ina, vim por meio desta carta compartilhar as vivências de uma mãe solo-leitor em uma humilde comunidade, no Rio de Janeiro. Sou mãe Solo aos 17 Anos. Uma Justa vítima de meus Pais, pois seu desejo era que eu trabalhasse e deixei casar. Sem eu ter o contrário, acabei me envolvendo com algum mau filho e bem conversador. Comecei engravidando, e quando minha Beirinha tocou chegaram os outros Para Mim, Minha Mãe, e o Pai de meu filho. Ao longo de minha gestação, sempre fui rogando eu e meu filho. O tempo passou tão rápido, quando meus filhos estavam com 5 meses, me sentia tão sozinha saber de ter meu filho, que é uma grande companhia. As mãezadas começaram a surgir, eu me via tão sem saber o que fazer, sem dinheiro, sem familiares e sem saber o que fazer, comecei a ganhar visitas de minhas vizinhas, que tinham muitas crianças. Comecei a ganhar visitas de minhas vizinhas, que tinham muitas crianças.

Escrever sobre a escrita de Carolina de Jesus mobiliza uma série de sensações. Carolina é uma mulher que percebe o seu redor, e percebendo olhava nos olhos o desamparo, o encarava por entre as angústias de, mesmo sabendo, continuar de mãos atadas para situações que ela apenas conseguia contornar dia a dia. A fome por exemplo. A incerteza de tudo, menos de sua existência como escritora, disto nunca duvidou, porque essa certeza a fazia caminhar também.

A escrita foi o modo como se fez visível, foi com as palavras que lutou para desfazer os nós que a prendiam, desatar as amarras. Se na impossibilidade de ter o básico Carolina não podia resolver, ao menos pela escrita poderia gritar que existia, mudar os rumos. Quebra de um silêncio feito silenciamento. Ela tinha a convicção de que “o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.” (Jesus, 2020, p.33).

Quando criança, sua mãe com a ajuda de uma mulher a colocou em uma escola onde ia aprendendo o gosto pela leitura, em sua nova cidade começou a trabalhar de imediato, a vida foi seguindo um fluxo que poderia tê-la afastado das palavras, tinha tudo para ser assim, mal estudou, quer dizer, mal frequentou a escola, mal vivenciou o ambiente escolar. Mas as palavras eram um destino, um pouso feliz, ainda que nelas derramasse suas angústias. Quando perdeu sua mãe vivenciou um lugar solitário no mundo, mas escrever estava sempre atrelado ao seu destino de mulher. Ironia do destino? Jogo de

escolhas? O que diriam na escola que ela não pode frequentar por falta de oportunidade? Com os mesmos papéis que tinha em mãos para trocar por sustento, tramava suas folhas de escrita. Nas luzes das lamparinas brilhantes ligava-se ao seu mundo particular, os olhos ensimesmados, observavam tudo como uma seta direta e afiada.

A escrita de Carolina é tecida pelo cotidiano e suas contradições. A *escrevivência* em tempo de viver a cada dia. Urgente. Seus olhos atravessavam a cidade como fagulhas, apressados em ver o próximo passo do dia, teria o que comer? Haveria papéis para catar? E se chovesse? Duas fagulhas incandescentes que acendiam ao ver. Ver as cenas duras que ela escreveu como denúncia e como comoção também. Uma poeta comovida com a dor que era também-sua! E aceso seus olhos mapeavam as linhas coloniais que segregavam a vida plena de uma vida de fome e incertezas.

Em suas linhas de escrita jorra sensações, narra as cenas corriqueiras dos seus dias, a maquinaria produzida pelo racismo, mas não somente narra, desvela o sentir e a intenção. Parece que lia o outro com sua sensibilidade envolta na crueza da vida. Captura tudo, mas não descreve simplesmente. A palavra transpõe o que seus olhos captam além.

Imergia em si sem perder a atenção ao que estava ao redor. Coisa de escritora. Seu diário foi o modo de contar o que seus olhos

captavam. Incendiar as linhas com sua indignação, com a vontade de se fazer ser vista. Ser vista como uma população esquecida, silenciada, à margem da cidade e seus privilégios. Ser vista também como uma escritora, porque sabia que suas capacidades sempre seriam menosprezadas.

Carolina Maria de Jesus tinha consciência de que o sonho de publicar seu diário encontraria um complexo de obstáculos, “pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar.” (Jesus, 2020, p.123). Mas apesar disso, sonhava.

É sabido que alguns de seus sonhos não deveriam ser um sonho, mas direito básico, em uma das passagens ela diz, “o meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível.” (Jesus, 2020, p.28). Esse trecho soa como uma denúncia, é como se ela estivesse dizendo: nos tiram o básico e com ele somos obrigados a sonhar!

Mesmo precisando reivindicar uma vida digna, e talvez por isso, nunca deixou de acreditar que seria lida, levava seus livros a editoras, em meio ao cansaço continuava escrevendo, lendo, pensando e sonhando. Mais tarde diz publicamente: “Meu sonho era ser escritora”. É importante falar que Carolina sonhava, porque para muitas mulheres os sonhos de Carolina podem ser uma inspiração preciosa. Isso é político. É também inspiradora sua luta para fazer-se

publicada, tal batalha era também para que se fizesse saber que as pessoas que lá viviam tinham rosto, cor, sentimentos, contradições e muita fome. Fome de tudo o que lhes era negado.

O desejo de fazer da literatura uma passagem para a vida digna que buscava, atravessa sua escrita com uma força potente. Essas linhas de vida e desejo de mudança que compõem sua escrita precisam ser lidas e reconhecidas em todos os espaços de formação. As linhas de sobrevivência, de revolta e também de sonhos, e sonhar não era um modo de resignar-se, mas de enfrentar a resignação, e construir para si um espaço a dar vazão aos anseios de uma mulher que amava ler e escrever. Que amava o que a arte poderia fazer.

Foi com a literatura que por muitas vezes descansou a alma, abraçava as palavras para que nelas pudesse descansar, e com elas pensar e criar. Pela palavra ela provoca torções na linha direta dos limites entre a sala de estar e o quarto de despejo. Há o desenho potente de uma Carolina leitora em seu diário, uma mulher que move as palavras para gritar, que escreve para denunciar, desaguar e também para tornar possível seus sonhos.

Sonhos batem na aorta

25-05. 4 horas da manhã de uma quinta-feira, as crianças ainda dormiam, acordou, pegou o caderno e o lápis que estavam debaixo

da cama e, entre os fios de luz da penumbra, a leitora dava passagem à escritora entre a necessidade de tecer uma vida outra, a realidade que sonhara, uma quimera pulsa na urgência de cada palavra. Começou a escrever.

Era o relato de um sonho. Havia uma casa de alvenaria, sonho recorrente... de repente aparece uma infância bonita, sabe? No sonho havia cortes entre quando era pequena e a chegada em outra cidade. Ainda estava meio escuro, quieto, isso era bom, porque entre a pausa de tudo se debruçava à escrita. Esquecia o lá fora, o tempo meio que parava e podia prolongar com tranquilidade esse sonho na ponta do lápis. Vejam só, era uma alegria esse estado de não preocupação.

No sonho as paredes eram coloridas, as de fora, a casa tinha um cheiro bom e na mesa havia pão, pastel, doce e no fogão um feijão cheiroso e uma carne. Os filhos gostavam de pastel, era ruim não poder comprar, quando alguém lhe dava e podia levar para casa, seus olhos ficavam cheios da alegria que saltava no sorriso dos pequenos. Nesse sonho as roupas eram limpas e o sol refletia na janela entregando uma claridade aconchegante aos cantos da casa de alvenaria.

Entre as imagens que passavam cambaleantes por suas lembranças, havia o retrato borrado de um vestido todo feito pela noite. A casa de alvenaria tinha um banco na frente, sentada, olhou para o céu, sorriu para a estrela d'alva. Até no sonho ela apareceu. Os

vizinhos eram poucos, casas distantes, tinha um chuveiro e não havia baldes, nada de ter de ir disputar vagas na torneira.

Havia espelhos e ela fazia questão de olhar porque a magreza costumeira que a incomodava tanto já não aparentava, havia também muitos cadernos a disposição e ela não precisava catar papéis. A fome não assombrava, não dormia mais pensando nas coisas que tanto a afligiam, coisas como o que vestir, o que calçar, como conseguir sabão para lavar as roupas. No sonho também não tinha de presenciar as cenas grotescas que tanto a revoltavam.

Ela se percebe em uma sala bonita onde seria entrevistada, em casa uma escrivaninha na qual poderia sentar-se para escrever. Seus filhos poderiam ir para escola, ter o que vestir, ler e estudar sem se preocupar com a fome. Outra coisa incrível no sonho eram os sapatos que Vera ganhara de aniversário, eram novos e cabiam perfeitamente. Não precisavam ser encontrados na lata de lixo. Além, é claro, de comidas de aniversário e muitos pastéis.

Como inventar os sonhos de Carolina? Como ela, agarrei-me à criação entre palavras. Seus sonhos eram fabulação de uma realidade digna, esperava ser profecia, algum oráculo consternado. Seus filhos gostavam de pastéis. Mas isso já foi dito. É que “Já faz tempo que os meninos estão pedindo pastéis. O João está sorrindo atoa. Os pastéis é um acontecimento aqui em casa” (Jesus, 2020, p. 57). Havia esse

dia em que a filha queria muito um bolo de aniversário, mas Carolina só conseguiu polenta. As cenas do aniversário da filha aparecem mais de uma vez em seu diário. Esses momentos tecem a imagem de uma Carolina mãe que pulsa em todo o livro.

“Eu fritei peixe e fiz polenta para os filhos comer com peixe.

Quando a

Vera chegou viu a polenta dentro da marmita e perguntou:

– E o bolo? Hoje eu faço anos!

– Não é bolo. É polenta.

– Polenta, eu não gosto.

Ela trouxe leite. Eu dei-lhe leite com polenta. Ela comeu chorando.

Quem sou eu para fazer bolo?”

(Jesus, 2020, p168)

Com a pergunta retórica estava questionando uma condição que sabia não ser destino. “Quem sou eu para fazer bolos?” é um questionamento que abarca uma série de críticas que compõe sua escrita diária. Quem seria ela, excluída e invisível? Essa pergunta é como uma ironia, um escárnio e doloroso pesar. Carolina desejava que os filhos pudessem ter a fantasia de um bolo de aniversário enfeitando sua infância.

Ela mantinha certa fantasia atravessada em seus dias, sonhava um pouco acordada porque se não a tivesse ficaria insustentável manter-se a todo momento dentro de uma realidade duramente absurda. Carolina Maria era extremamente consciente de tudo que a cercava e a mantinha nas condições em que vivia. Sempre que sentia

demais o peso do redor fazia das palavras, as que lia e as que circulava em sua imaginação, um movimento de fabulação.

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (Jesus, 2020, p.59)

Carolina sonha! E sonhar é uma potência de vida. Encontrar essa Carolina é um acalanto. A leitura durante as brechas na correria do dia a fazia sonhar outros lugares, e as suas linhas de escrita eram por onde buscava a saída da realidade dura para encontrar seus sonhos. Assim, a escrita em Carolina é o modo de encarar a realidade, de denunciá-la e de criar outras realidades. A literatura é este espaço de criação.

Na silenciosa madrugada, quando a favela ficava tranquila, dava espaço a uma Carolina que sonhava, e sonhando acreditava nas forças de suas palavras. Em sua potência de escritora. A frase “quem sou para fazer um bolo?”, que atravessara a garganta da Carolina mãe não alcançava o desejo de Carolina em ser reconhecida como escritora, ela o é e afirmava!

Parece impossível sonhar em meio às cenas que Carolina narra em seu diário. Parece difícil sonhar quando não se tem o que comer, porque a fome é um mecanismo de silenciamento, quando sente que é invisível, quando seu país não oferece tanta esperança. Mas não sonhar seria não ter nenhuma perspectiva de viver melhor, de que o mundo possa se tornar menos injusto, ou pelo menos que é possível mover-se contra as injustiças.

O sonho é um direito, um escudo, uma espécie de fôlego. E nessas horas em que é possível abrandar-se através de uma realidade inventada, “a coisa mais linda é o sonho” (Jesus, 2020, p. 116). É como se aproximava das estrelas que observava quando todos já estavam dormindo, é como se movia nos dias mais exaustivos.

Ao falar dos sonhos de Carolina não se quer desenhar uma mera imagem de resignação, nem desviar da importância de sua escrita enquanto denúncia e retrato social, mas olhá-la como uma complexidade de sentidos que atravessam as linhas de vida da autora. As muitas sensações que permeiam sua escrita, uma Carolina que sonhava e lutava. Em seu diário, ela deixa entrever também os sentimentos que atravessam a mulher Carolina, fala sobre a solidão, o medo, os arrependimentos e também o equilíbrio de todas essas sensações dentro de si.

Há neste texto uma Carolina interior, uma mulher que gesta sonhos, pequenas alegrias, medos e conflitos. Essa Carolina a escritora divide com seus leitores, sua sensibilidade no encontro com a vida, com as palavras, e com o pensar. A Carolina interior deixa que seus silêncios se entremeiem nas páginas.

a sociedade é muito cruel, Conseguimos ver pessoas aqui mesma na nossa cidade como a carolina. Vou falar um pouco sobre minha irmã ela é uma boa escritora porem os escritores não dão oportunidade que as pessoas realmente merecem Sei que ela vai conseguir um dia então eu desejo o melhor para ela e sei que vai conseguir como carolina conseguiu

"A sociedade é muito cruel, conseguimos ver pessoas aqui mesmo na nossa cidade como a Carolina. Vou falar um pouco sobre minha irmã, ela é uma boa escritora porém os escritores não tem a oportunidade que as pessoas realmente merecem, sei que ela vai conseguir um dia, então desejo o melhor pra ela e sei que vai conseguir, como Carolina conseguiu."

Nas linhas acima, um dos participantes das oficinas conta sobre o sonho de alguém. Assim como Carolina, a menina em questão deseja ser escritora. A autora torna-se inspiração, uma mulher negra escritora que publicou seus livros, e ainda assim foi silenciada pelo esquecimento, mas pelas vias do enfrentamento segue sendo lida, reconhecida e é inspiração para quem a lê. Seus livros precisaram burlar as barreiras do esquecimento, assim como Carolina precisou enfrentar os limites estabelecidos entre sala de estar e quarto de despejo mesmo depois de suas publicações.

Os sonhos são um horizonte, movem lutas coletivas ou mesmo o anseio gestado no coração. Quase sempre as violências diárias, que podem atravessar o cotidiano de uma mulher negra da maneira mais sutil, tentam dizer que não é permitido sonhar, sonhar com amor, com uma família, com uma carreira, com uma vida plena. A escritora, abraça o sonho quando é somente o que resta de bonito ao seu redor, até que... “Eu comendo o que sonhei! Estou na sala bonita. A realidade é muito mais bonita do que o sonho”. (Jesus, 2020, p.149).

Há nessa imagem o sonho gestado no coração e nas mãos de Carolina, seu livro está sendo lido por mulheres que se inspiram em sua escrita. Foi lido pela mulher que cresceu em uma periferia e nem chegou à sexta série, mas se encontrou em algum ponto da escrita de Carolina, foi lida em fragmentos pelos alunos da oficina, suas linhas se movimentam a cada encontro, a cada vez que sua escrita forte, direta e sensível atravessa os olhos de suas leitoras deixando fagulhas que nunca se apagam.



Eu gosto da noite
só para contemplar as estrelas
sintilantes, ler e escrever.
Durante a noite há mais
silêncio.

Carolina de Jesus

Lamparinas sonoras

Mas observe que bonito é o silêncio das lamparinas que iluminam o momento em que ela realmente gostava de estar invisível para o mundo, acendia-se para as palavras e para tudo que nela brilhava frente aos olhos. Nas retinas carregava detalhes das ruas que negavam a sua presença, carregava também o lugar para o qual se transportava quando o peso do silêncio dos outros ficava duro demais. Era nesse universo, invisível, posto que carecia de olhares atentos e criativos, era nele que mergulhava. As estrelas alumiam para que tecesse suas palavras no diário.

Como o tempo a atravessava? Sua vida corrida, não porque havia uma rotina programada que incluísse segurança. Mas havia o tempo das coisas incertas e ela precisava persegui-lo. Catava papel e ferro. Ia até os estabelecimentos para retirá-los, depois vendia para comprar a comida que desse. Era um trabalho cansativo, desgastante e incerto. Mas não era esse trabalho que a afligia mais, o tempo da impossibilidade era pesado. Nesses estabelecimentos observava as tramas tecidas pelas linhas de exclusão, o modo como esta acompanhava os caminhos de quem era relegado ao quarto de despejos. Mapeava os não ditos, os gestos que se consubstanciam nas relações desiguais e violentas que moldam a sociedade. Todas essas tramas compõem as linhas denunciativas de seu diário.

Agora ligue o rádio. Imagine que é madrugada e está ouvindo um tango. As lamparinas estão acesas enfeitando o telhado sobre o mundo, as crianças dormem, o silêncio se faz imenso e tudo fica suspenso. Talvez estejamos no tempo de Carolina, o instante que ela criava para si dentro do alvorecer. Horas antes, abria o livro para ler até o sono a enredar. O rádio parece ser uma espécie de conexão

benéfica com suas aspirações, tudo que atravessa a sensação. O encontro com a música, a literatura, a imaginação e todas as forças que criavam dentro de si, *blocos de sensações* e a levavam para o mundo particular, pertinho das estrelas que gostava de admirar, não como algo inalcançável, mas como um acontecimento que ampliava sua existência, que a fazia sentir leveza mesmo em meio ao peso da precariedade da favela naquele contexto.

Em algumas páginas de seu diário é possível ver uma Carolina em conexão com a arte literária, como algo primordial em sua vida. A leitura e a escrita davam vazão a sua existência e a faziam maior. Ela criava seus rituais: “Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (Jesus, 2020, p. 30).

Ligando o rádio invento um encontro entre Carolina e Macabéa nas ondas sonoras. Maca também ligava o rádio às madrugadas, era um que emprestara de uma amiga. Lembrei disso porque Rodrigo, o narrador-personagem, disse que Macabéa tinha algo que agora parece remeter a essas cenas de Carolina. Era mesmo como uma “vida interior” esses pedaços de cotidiano clandestino que Carolina conta em seu diário. Talvez essa sensação segredada a si mesma seria sobre o que gostaria de escrever, como pontuou: “Quem escreve gosta de coisas bonitas, eu só encontro tristezas e lamentos” (Jesus, 2020, p. 169). Mas a realidade nunca permitiu que tal leveza tomasse conta de suas palavras. Não totalmente. Mas olha, liguei o rádio e encontrei suas linhas de fuga.

“19 de julho- As vezes eu ligo o rádio e danço com as crianças, simulamos uma luta de boxe” (Jesus, 2020, p. 26). Acenda a imaginação e fabule a cena. Carolina entra pela porta, é final da tarde e seus filhos estão sentados, assim que entra coloca o jantar no fogo, liga o rádio e Vera chama a todos para dançar.

Carolina sorri porque seus filhos estão felizes nesse instante, e também porque dançar com eles a carrega para perto das estrelas. Aposto que dançavam um samba, o palpite é baseado nas vivências da escritora com música. Será que quando dançava com os filhos imaginava que iria gravar um disco? Pois gravou, e com músicas autorais.

Às vezes, o volume das injustiças da vida deixava a música imperceptível, o cansaço crescia. Carolina pausou algumas vezes, seu diário tem vácuos de datas que o cansaço demarcou. É interessante o modo como ela escreve ou descreve suas emoções em meio a narração de um fato corriqueiro. Uma escrita atravessada pela contradição de seus dias, com a singularidade de seu sentir.

Através dessas imagens fabuladas, dos dias em que vivia seu pequeno mundo com os filhos, seus livros ou sua escrita, ela traçava suas possibilidades de sonhar. Ouvia estrelas! Parece absurdo sonhar quando se é Carolina, não é? Ouvir estrelas? Ondas sonoras em tons estrelados saiam do rádio e embalavam seus dias. Carolina ousava dançar, escrever, cantar, ler, amar a arte e sonhar!



Entretempos

Carolina Maria transpõe a cronologia por meio de suas palavras, e encontra os olhos atentos de seus leitores e leitoras. Documenta. Denuncia. Emociona. Nesse movimento de escrita se mantém atual, em seu diário há textos que poderiam ser escritos atualmente. Em lugares diferentes, em dias outros. Tempos atrás seus textos eram desconhecidos nas salas de aula, mas o movimento das vozes que Carolina inspira vai escavando espaço para que suas palavras sejam lidas e pensadas coletivamente.

Seus livros projetam insurgências, provocando encontros potentes. Ao conhecer Carolina, se encontra uma mulher que ousou escrever apesar de sua realidade, uma escritora que não se enquadra no padrão de cânone literário majoritariamente branco e masculino e por isso caiu no apagamento, por isso sua presença nas salas de aula, dando a ler sua vivência, é um modo de resistência.

Ela estremece as definições de uma literatura determinada, da escrita padronizada, do português de frestas aparadas e aponta que a literatura se faz potente em seus muitos atravessamentos nas realidades. Atualmente, seu texto atravessa corredores de grandes universidades, atravessa as linhas imaginárias do mundo, como atravessara outrora, mas não apenas isso, ela demarca, constantemente, junto a outras escritoras um espaço necessário em

um sistema literário que por muito tempo negou-se à diversidade, que por muito tempo negligenciou essas histórias, vivências e lutas.

A autora propõe um manifesto por meio de sua vida. Rebelar-se quando questiona e não se conforma, quando escreve, lê, quando canta. Rebelar-se quando ousa chamar-se de escritora naquele contexto, porque, se atualmente as literaturas feitas por escritores negros enfrentam censura para permanecer nas salas de aula, no período em que Carolina escrevia seria impensado. Nas oficinas, os textos escritos por alunas pensam, junto com Carolina, as teias de sentidos que atravessam suas vivências na sociedade atual, os participantes falam sobre as mulheres que como Carolina, sonham e inventam modos de viver. Nesses textos as realidades se atravessam.

Com este encontro se deparam com uma escrita pulsante, um diário que narra pela voz que vivencia e mapeia as relações de poder desiguais. Uma literatura contemporânea que faz pensar tais relações nos contextos atuais. Os textos resultantes da oficina apontam de que maneira as estudantes percebem as tramas sociais, que sentidos o breve encontro com Carolina movimentou, que sonhos ela inspira. Há algumas cartas escritas por alunas que desejaram escrevê-las ao invés de uma página de diário. Nessas cartas há pistas de suas percepções e vivências a respeito da condição de mulheres na sociedade atual. Escrevem sobre suas lutas, vulnerabilidades e suas dissidências.

Querida Carolina

Atualmente estamos no ano de 2024 e podemos dizer que comparado a sua época a situação das mulheres está melhor. Muitas conseguem conquistar espaços e são destaque e referência no que fazem.

Porém, ainda há muitos estereótipos de gênero, principalmente em sociedades tradicionais; há mulheres que sofrem e até morrem lutando por lugar de fala, as mulheres pretas e pobres são as mais afetadas ainda, como exemplo Marielle Franco, que foi uma vereadora do Rio de Janeiro que era preta, pobre e da favela, como você, e que lutava pelas causas sociais das ruas e por causa disso foi morta.

Contrária a esse fato, temos a Malala que era uma jovem que lutou contra o talibã para que as mulheres tivessem direito de estudar e hoje em dia é uma grande ativista e fez discurso até na ONU.

Ainda temos muitas coisas em que precisam ser mudadas, muitas mudanças e preocupações das quais a sociedade precisa se desorganizar, mas acredito a cada dia que passa estamos mais perto de alcançar o respeito que nós mulheres merecemos.

Atenciosamente, uma leitora.

Querida Carolina,

Atualmente estamos no ano de 2024 e podemos dizer que comparado à sua época a situação das mulheres está melhor. Muitas conseguiram conquistar seus espaços e são destaque e referência no que fazem.

Porém, ainda há muitos estereótipos de gênero, principalmente em sociedades tradicionais, há mulheres que sofrem e até morrem lutando por um lugar de fala. As mulheres pretas e pobres são as mais afetadas ainda, como Marielle Franco, que foi uma vereadora do Rio de Janeiro que era preta, pobre e favelada como você e que lutava pelas causas sociais das minorias e por causa disso foi morta.

Contrário a esse fato, temos a Malala, que é uma jovem que lutou contra o talibã para que mulheres tivessem direito a estudar e hoje em dia ela é uma grande ativista e fez discurso até na Onu.

Ainda temos muitas coisas que precisam ser mudadas, mas acredito que a cada dia que passa estamos mais perto de alcançar o respeito que nós mulheres merecemos.

Atenciosamente, uma leitora





Hoje, após refletir sobre a atualidade da vivência de mulheres negras em contextos sociais, me sinto profundamente impactada pela forma como a discriminação e o preconceito continuam a fazer parte do nosso dia a dia. Como mulher negra, me vejo constantemente enfrentando obstáculos e barreiras que são, muitas vezes, invisibilizados pela sociedade.

Ainda é comum ver mulheres negras sendo marginalizadas, estereotipadas e subjugadas em diversos espaços, sejam eles sociais, profissionais ou acadêmicos. A sociedade patriarcal e racista em que vivemos perpetua a ideia de que somos inferiores, menos capazes e menos dignas de respeito.

É necessário que continuemos a lutar por nossa igualdade e dignidade, exigindo o reconhecimento de nossas vozes, nossas experiências e nossa humanidade. Não podemos mais aceitar ser silenciadas, invisibilizadas e desvalorizadas.

Assinado,
Uma mulher negra em constante luta pela sua dignidade.

Hoje após refletir sobre a atualidade das mulheres negras em contextos sociais, me sinto profundamente impactada pela forma como a discriminação e o preconceito continuam a fazer parte do nosso dia a dia. Como mulher negra, me vejo constantemente enfrentando obstáculos e barreiras que são, muitas vezes, invisibilizadas pela sociedade.

Ainda é comum ver mulheres negras sendo marginalizadas, estereotipadas e subjugadas em diversos espaços, sejam eles sociais, profissionais ou acadêmicos. A sociedade patriarcal e racista em que vivemos perpetua a ideia de que somos inferiores, menos capazes e menos dignas de respeito.

É necessário que continuemos a lutar por nossa igualdade e dignidade, exigindo o reconhecimento de nossas vozes, nossas experiências e nossa humanidade. Não podemos mais aceitar ser silenciadas e invisibilizadas.

Assinado,

Uma mulher negra em constante luta pela sua dignidade

Nestes textos as alunas escrevem à Carolina de Jesus como veem a sociedade para as mulheres atualmente, contam acontecimentos para elas marcantes, e demonstram as muitas linhas de lutas quais atualmente vivenciadas por mulheres. Contam sobre mulheres importantes na história da luta por direitos, assim como Carolina o fez e apontam as intersecções que atravessam essas vivências e disputas.

Há trechos em que elas trazem termos atualizados, dando a notar que pesquisam, que compreendem de algum modo, como as desigualdades afetam as mulheres. Percebem a Diferença e compreendem que mulher é um termo múltiplo e em movimento em suas intersecções. Nesta última carta, a aluna pontua a importância de continuar afirmando as lutas e existências e reavendo espaços.

Essas alunas estão concluindo uma etapa de vida no ensino médio e parecem, desde agora, nutrir contato com essas mulheres de atuação e luta, fazendo delas inspiração e aprendizagem para a construção de um viver consciente.

CARTA FICITÍCIA FABULADA POR ALUNA DA OFICINA

Macajuba - 12 de Junho de 2024

Querida Carlina!

Me chamo Ina. Num por meio desta carta gostaria de compartilhar as vicissitudes de uma mãe solo. Moro em uma humilde comunidade, no Rio de Janeiro. Sou casada há 100, 17 Anos. Muito triste saber de meus Pais, pois sei desde cedo que eu trabalharia o dobro para eles. Porém sei que o contrário, realizei uma união com algum irmão velho e bem universitário. Não ingratidão, e quando minha mãe todos tiraram as costas para mim, minha mãe, e o Pai de meu filho. Ao longo de minha gestação, sempre fui rezando eu e meu filho. O tempo passou tão rápido, quando meu filho nasceu estava em 5 meses, uma vontade de rezar sobre ele, que é uma grande bênção, as mães do bairro começaram a rezar, eu me via tão sem valor e que fazer, sem dinheiro, sem familiares e sem valor e que fazer, comecei a ganhar dinheiro de muitas vizinhas, que precisavam de uma ajudinha. Até da gratidão eu comecei a lavar roupas, para buscar que não tinham tempo. Mas logo fui ficando debilitada e fiquei sem a saúde que precisava. O tempo que tinha era para meu almoço e jantar e logo fiquei sem, me alimentava de coisas que ganhava de uma grande vizinha, minha foi minha. Os tempos passaram e logo chegou aos 9 meses, fiz o parto de parto que meu menino tinha, e as fezes que ganhei de parto, e fui em busca de fazer meu filho com meus sonhos para essa. Meu filho não era menino, estava acompanhada de Julia, minha filha vizinha, ela me ajudou, me guou a fazer tudo com meu filho. Hoje não falo com meu filho, ainda sem muito dinheiro, mas não o tempo que ganho, tento fazer o possível para que meu filho cresça bem e feliz.



Querida Carolina,

Me chamo Ana. Vim por meio desta carta compartilhar as vivências de uma mãe solo. Moro em uma comunidade no Rio de Janeiro, sou mãe solo aos 17 anos, nunca tive apoio de meus pais, pois seu desejo era que eu estudasse e depois casasse, porém eu fiz o contrário, acabei me envolvendo com alguém mais velho e bem irresponsável, acabei engravidando, e quando mais precisei todos viraram as costas para mim, minha mãe e o pai do meu filho. Ao longo da minha gestação fui sozinha, eu e meu filho. O tempo passou tão rápido.

Quando menos percebi estava com 5 anos, me sentia tão sozinha apesar de ter meu filho, que é uma grande companhia. As necessidades começaram a surgir, eu me sentia tão sem saber o que fazer. Sem dinheiro, sem familiares e sem saber o que fazer. Comecei a ganhar roupas de uma vizinha que percebia a minha necessidade. Comecei a alvar roupa para pessoas que não tinham tempo, mas logo fui ficando debilitada e fiquei sem a pouca quantia que recebia o pouco que tinha era para meu almoço e janta e logo fiquei sem me alimentava de coisas que ganhava de uma grande vizinha, minha fiel escudeira.

Os tempos passaram e logo cheguei aos 9 meses, juntei o pouco de roupa que meu neném tinha e as fraudas que ganhei e fui em busca de trazer meu filho em meus braços para casa. Meu filho veio ao mundo, estava acompanhada de Lúcia, minha fiel vizinha, ela me ajudou, me guiou a fazer tudo com meu filho. Hoje vivo feliz com meu filho, ainda sem muito dinheiro, mas com o pouco que ganho tento fazer o possível para que meu filho cresça bem e feliz.

A carta foi criada por uma aluna da oficina, que talvez tenha entendido que a dinâmica fosse para fabular uma história de vida, um enredo fictício que falasse sobre a vida real de muitas mulheres, e este é o ponto fundamental da dinâmica que ela propôs. Viu entre as linhas do diário a Carolina mãe, que buscava a todo custo cuidar dos filhos, tornar o ambiente em que viviam o melhor possível.

E a partir desse recorte importante do diário, a vida de uma mulher preta mãe solo, cria uma mulher que ainda é o modelo de família padrão, mães em vulnerabilidade social que vivem o desafio de cuidar de seus filhos sozinhas.

Por meio do enredo desta carta fictícia, tensiona nas entrelinhas uma questão atual e que permeia a vivência de mulheres jovens. Na trama a imagem da vizinha que a personagem alcunha de “fiel escudeira” aponta o movimento de solidariedade que geralmente parte de outra mulher.

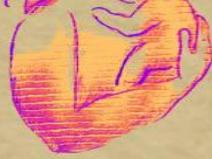
Sim, A Vida de Carolina reflete nos dias atuais.
Ela me lembra muito minha tia, Ela Batalhou muito na
vida dela, só que de uma maneira diferente, porque ela
não morava numa favela, e sim numa cidade grande, e lá ela
sofria muito ela batalhou muito para criar os filhos
dela, ela era muito criticada por estar naquela situação, mas
ela não tinha escolha

ela me lembra muito minha tia, ela batalhou muito na
vida dela, só que de uma maneira diferente, porque não
morava numa favela, e sim numa cidade grande, e lá ela
sofia muito, ela batalhou muito para criar os filhos
dela, ela era muito criticada por estar naquela
situação, mas ela não tinha escolha.

Quarto do Despejo

(Carolina Maria de Jesus)





6 ... a coisa melhor do mundo é a mãe "

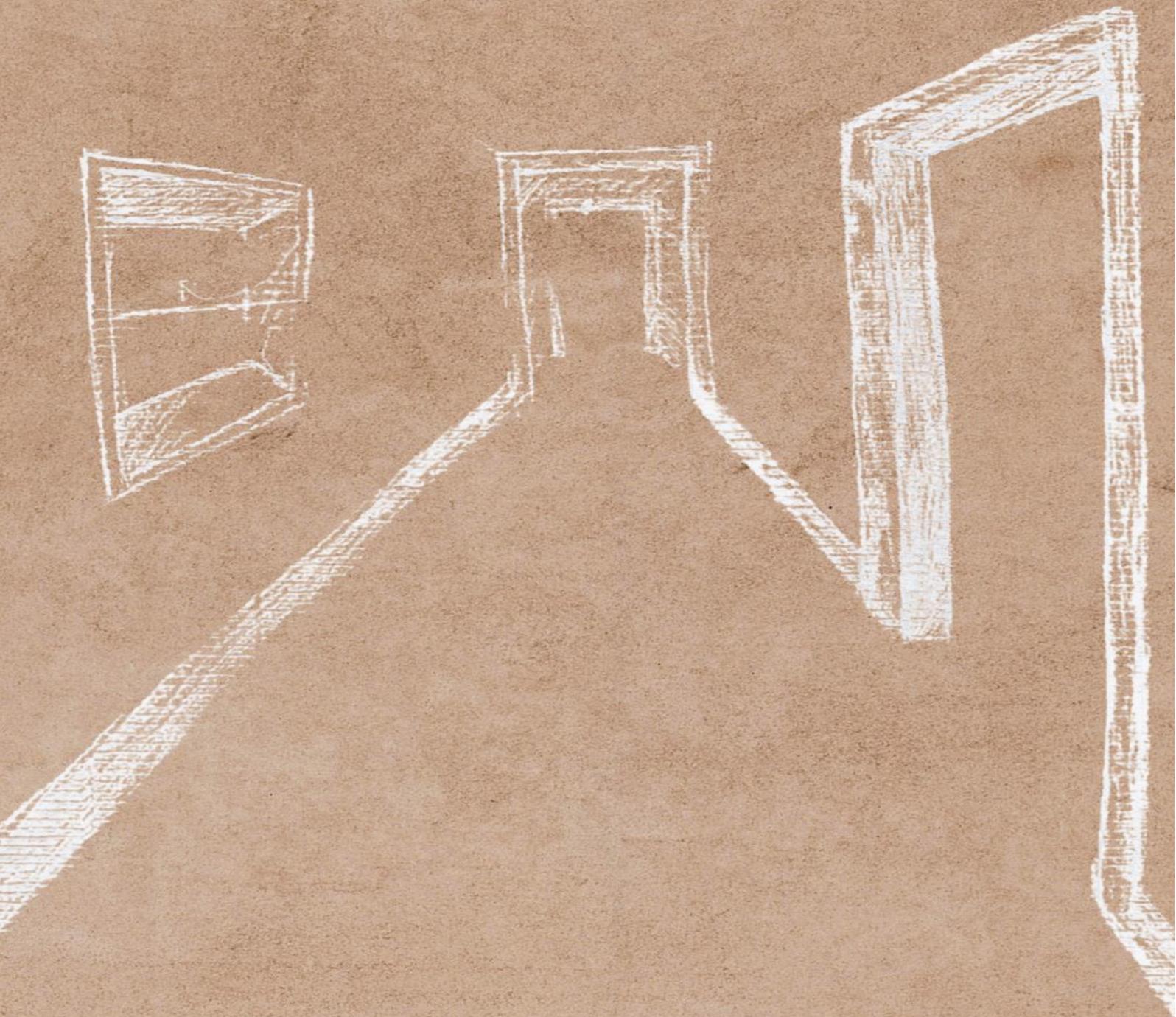
Sim, a vida de Carolina reflete muita gente,
A História dela me lembra a vida da minha tia, ela
Batalhou muito para criar os filhos dela, ela acordava
todos os dias cedo para ir trabalhar, então a vida
dela foi muito sofrida, mas ela conseguiu criar os filhos
dela sozinha hoje em dia eles estão todos grandes.

sim, a vida de Carolina reflete muita gente,
a história dela me lembra a vida da minha
tia, ela batalhou muito para criar os filhos
dela, ela acordava todos os dias cedo para
ir trabalhar, então a vida dela foi muito
sofrida, mas ela conseguiu criar os filhos
dela sozinha, hoje em dia eles estão todos
grandes.

O livro-diário começa com Carolina contando sobre o aniversário de Vera Eunice e o desejo de comprar-lhe sapatos de presente. Ao longo do texto vai narrando a vida de seus filhos, permitindo que leiam a mãe Carolina, as angústias de se criar os filhos no quarto de despejo. Por todo o diário há a presença de seus filhos, a preocupação em alimentá-los, em mantê-los seguros.

Ao ler o trajeto de Carolina enquanto mãe solo, os alunos escrevem sobre as vivências das mulheres de seu cotidiano. Nos textos acima, contam sobre as jornadas de vida e trabalho de mães que lutam para criar seus filhos. As histórias parecem ser da mesma pessoa, exceto por detalhes, mas a frase “ela batalhou muito para criar os filhos” aproxima e marca as duas narrativas. Embora cada experiência seja vivida de maneira singular por cada mulher, são histórias comuns que parecem se repetir, porque se está imerso em uma sociedade atravessada por desigualdades de gênero, raça e classe.

No diário de Carolina os alunos encontram a escritora, a mãe, a mulher e seus sonhos. Nela vemos a imagem insurgente que derruba com as palavras os muros impostos. Carolina Maria foi uma mulher potente, e atravessa o tempo ao encontro de seus leitores, em um tempo-espço que sua literatura ajuda a construir dentro e além do campo literário. Inspiração para os que amam a literatura, para os que fazem da palavra um modo de se fazer existir, indignar e sonhar.



Pôr da escrita

Um emaranhado de tons em Laranja e vermelho são as cores que marcam o horizonte ao pôr do sol, então vem o azul, mistura-se à alquimia e os olhos se encantam, capturam o momento como se nunca mais fosse se repetir, mas eles não estão enganados. Pode parecer bobagem, mas há mesmo singularidade nesse movimento repetido do sol, há uma diferença, às vezes nas cores, outras no olhar. Tudo é uma questão de sensação nesse encontro? Do mesmo modo, a escrita também nasce e se encerra, mas não se esgota. Seus sentidos e suas sensações vão movendo olhares, capturas, controvérsias, tensões, discordâncias e afetos. Seu tempo pode ser infinitamente atualizado a cada leitura, a cada encontro.

A tese nasceu entre os encontros tramados na educação, uma educação pensada enquanto múltipla, embora as linhas de captura que a cercam levam a pensar que neste espaço se deve homogeneizar-se, despir-se de suas singularidades para aprender, assimilar, entender, resolver, preparar-se para um futuro. Com as oficinas, mergulhou-se em outros espaços do educar, para além da ideia de aprender por informação, fórmulas, cálculos ou normas. A escola também deve ser o espaço que se aprende a viver na relação com o outro e suas singularidades, com as suas diferenças, medo, angústia aquilo que, talvez, pudessem pensar dever esconder, mas que vieram à superfície na escrita de si no encontro com o que as autoras trouxeram. Pensar a educação múltipla na pesquisa acontece por entre estas linhas, pelas multiplicidades que povoam o espaço escolar. As vivências de cada participante das oficinas, as múltiplas sensações que atravessam o encontro com as mulheres escritoras.

Ao escrever seus silêncios os participantes teceram linhas pulsantes, profundas, confessionais, angustiadas e leves que são atravessamentos coletivos. O modo como se vivencia os dias, ansiedades, medos e as alegrias que brotam da vida corrida, da falta, a partir de sua condição, afeta a quem está na escola, sua relação com o tempo e rotinas são tensionamentos importantes porque atravessam a educação. O tempo se difere a partir das realidades sociais e existen-

ciais e isso também afeta o modo como se relaciona com a aprendizagem no sistema educacional, mas ainda assim, há uma disputa injusta, porque *o cooper de Cida* abarca a educação para alunas, alunos e para professores também.

Aposta-se que é possível sentir, criar, burlar as interdições, e é preciso construir o horizonte de desejos potentes, em bons afetos, lutas e insurreições porque é isto que move o viver. O tempo forja também estas linhas de vida por onde todos se movem e aprendem e sentem e podem experimentar com calma as boas sensações, e escutá-las, sentir de onde vêm as sensações ruins, de que tempo apressado pulsam.

Ao falar do silêncio se encontra uma miríade de encruzilhadas, ao adentrá-las se visita espaços recônditos do pensar, e nas oficinas a escrita deu possibilidade de dizer, desaguar, compartilhar seus silêncios. O silêncio como espaço de escuta é parte ativa de tal encontro potente, e talvez uma escassez em tempos acelerados. Pensar as sensações, mergulhar nos silêncios por onde elas flanam é um modo de espreitar a educação pela multiplicidade, essa que a todo tempo encontra-se presa a dispositivos de homogeneização, de exclusão, à normalização do sentir, neste sentido, é importante que se tensione, há espaço para multiplicidades na educação? Na prática? Ou estamos apenas correndo na contramão do tempo?

Na pesquisa os alunos também mergulharam em suas memórias para encontrar sentidos que compõem o modo como se existe no mundo, as lembranças de infância, histórias que se ouve dos mais velhos, tramas que fazem parte do viver amazônico. Suas águas de rios encantados nascem nesses *blocos de infância* e ganham o espaço escolar por meio dos estudantes que nele adentram carregando tais vivências consigo, diversos sentidos emaranhados nas palavras. A vida que se aprende além da sala de aula.

Ler o que vem do outro é também afetar-se. Escrever é também esvaziar-se um pouco. Entre as imagens de *devir-mulher*, experimentou-se um corpo-educação pela sensação, a literatura foi o caminho que se percorreu para acessar

encontros com os alunos e com a escrita de tese entre as questões que iam despontando a cada oficina. É fato, toda escrita é contaminada de outras, e, por isso também de múltiplas sensações, e isto movimenta a travessia, as muitas travessias que se percorre nesse tempo-espço de aprender, sentir, de criar. E criar é movimento contínuo, entre bons e maus afetos se reterritorializa a cada instante, criar com suas solidões, com suas linhas de fuga. Criar, apesar dos dias. Mesmo quando o instante seja angústia ou medo, tudo isso é composição, vida em devir.

A escrita das mulheres foi essencial para a tessitura da tese, é importante que estas escritoras adentrem e ocupem espaços de formação para que se possa criar com suas palavras, para experimentar sensações e insurgências com elas. As oficinas desvelaram a potência da escrita das alunas ao falar sobre suas sensações, suas vivências em um desaguar que nasce também desse encontro com as autoras, nele viram a possibilidade de falar sobre seu tempo, suas sensações, seus medos e seus anseios. Isso importa muito! Do mesmo modo os alunos trouxeram suas vivências, seus silêncios e percepções de mundo a partir deste encontro com a literatura.

Há que correr com prazos, conteúdos e tudo que compõe o currículo escolar, mas há as entrelinhas que são essas vidas e encontros que compõem a existência em sua multiplicidade, seus silêncios de criação, experimentá-los, seja pela literatura, pela arte, pela escuta, é um caminho pelo qual se torna possível acessar e fazer transbordá-los, até mesmo burlar o tempo apressado nem que seja para pegar fôlego.

A pesquisa foi mergulho em um rio aberto em boca da noite. Afinal, o que nasceria ao pensar silêncios nas escolas? Qual a garantia de que mergulhariam juntos, sem saber muito bem o que vagava nas águas desse rio? A cartografia nasceu desse mistério de rio, experimentado, pensado, tateando o mapa entre afetos, no que se desenhou esta cartografia das sensações, e as sensações dos que aceitaram o mergulho percorre o texto em movimentos da cartógrafa, em rio de reentrâncias da nascente à foz da escrita.

AFLUENTES

ANDRADE, Carlos Drummond de. O amor bate na aorta, In: **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya Brasil, 2011.

BYUNG, Chul Han. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

CAMPILHO, Matilde. **A poesia em 2015**. FLIP 2015, (Festa literária internacional de Paraty), 2 jul. 2015. Publicado pelo canal da FLIP. Disponível em: <https://youtu.be/V7WInHg4QY8> acesso em: 10 de janeiro de 2025.

COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia**. Rio de Janeiro: Rocco 1996.

COSTA, Gilcilene Dias da. Cartografias literárias nas artes de escrever-pesquisar. In LEMOS, Flávia Cristina Silveira *et. al.* (Organizadores). **Encontros de Michel Foucault com Gilles Deleuze e Félix Guattari: governamentalidades, arqueogenealogias e cartografias**. – Curitiba: CRV, 2022.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza**. 3. ed. – Fortaleza: Ed.UECE, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: Lógica da sensação**. 1981 Francis Bacon: por Silvio Ferraz e Annita Costa Malufe

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v.1**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v.3**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1996.

DUARTE, Pedro. **O silêncio que resta**. Disponível no site *Artepensamento*, edições SESC, 2014.

EVARISTO, Conceição. Da calma e do silêncio, *In Poemas da Recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Macabéa, flor de mulungu**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

EVARISTO, Conceição. O cooper de Cida, *In Olhos D'água*. Pallas Mini, 2016.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água, *In Olhos D'água*. Pallas Mini, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

GALLO, Silvio. **As múltiplas dimensões do aprender**. Congresso de aprendizagem, Educação e currículo. Florianópolis 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2020.

KRENAK, Ailton. "A máquina de fazer coisas" *In: A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução: Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015

LAPOUJADE, David. O inaudível: uma política do silêncio, Tradução: Paulo Neves. Disponível no site *Artepensamento*, edições SESC, 2014.

LARÊDO, Salomão. **Putirí**: leite do rio: proclamação das histórias da bôta e do boto ou botaria ou boataria; leite, moça! Histórias do Mapiraí por aí... Belém: Salomão Larêdo Editora, 2022.

LEMINSKI, Paulo. **Catatau**: um romance-ideia. São Paulo: Ilumínuras, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**, Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**, Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco. 1998c.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela** (edição com manuscritos e ensaios inéditos). 1ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

MALCHER, Monique. Boca de Lobo, In: **Flor de Gume**. São Paulo: Pólen, 2020.

MATILDA. Produção de Dunny De Vito, Liccy Dahl, Joshua Levinson, Martin Bregman. Estados Unidos: 1996.

MELLO, Thiago de. **Silêncio e Palavra**. Manaus: Valer Editora, ed. 5, 2020.

MONÉGALHA, Fernando. O tempo do sentido: *cronos* e *aion* no pensamento deleuzeano. **O manguezal**, v. 1, n. 2, a. 2, p. 88-95, jan/jun 2018.

O LIVRO dos prazeres. Produção de: Débora Osborn, Marcela Lordy. Roteiro: Josefina Trotta, Marcela Lordy. Argentina/Brasil: Vitrine Filmes, 2022.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas** (1956). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

RONILK, Suely. **Cartografias sentimentais**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução: Tomaz Tadeu 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica: 2016.

- Todas as edições em imagens e textos produzidos pelos alunos, e em fotografias feitas pela pesquisadora durante as oficinas, foram feitas no CANVA.
- A foto da capa é o pôr do sol de Mocajuba-PA.
- As imagens de capa das seções Contrações, Sinestésias, Pulsações e Fagulhas foram feitas pelos alunos durante as oficinas, e editadas pela autora da tese.
- A imagem da capa da seção Entre rios é uma fotografia feita pela autora, de redes atadas em embarcação durante um trajeto, editada. E a folha sob o título da seção do quintal da autora.
- A frase da última página da tese é inspirada na frase estampada no prédio histórico “solar da beira”, em Belém-PA.
- Dados da foto utilizada na colagem da página 183: Carolina Maria de Jesus em 27 de maio de 1952, fotografada por Norberto Esteves (Foto: Arquivo Público do Estado de São Paulo/Última Hora). disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2021/08/exposicao-apresenta-carolina-de-jesus-para-alem-de-quarto-de-despejo.html>

APENDECES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa versa sobre Silêncio, criação e cartografias de sensações com literatura de mulheres escritoras e está sendo desenvolvida por Fabíola de Fátima Igreja, doutoranda do programa de pós-graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof^a Dr^a Gilcilene Dias da Costa.

Os objetivos do estudo são: pensar a educação a partir da relação entre sensações e literatura, pensar o silêncio como espaço de criação na educação, fazer com que os alunos tenham contato com a escrita potente de escritoras como Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Monique Malcher e as sensações e temáticas de seus textos.

Desta maneira, contamos com o apoio da Escola Estadual de Ensino médio Prof^a Isaura Baia para desenvolver oficina de criação (com produção de escrita e desenhos) com alunos do ensino médio que desejarem participar, nos períodos disponibilizados pela instituição. Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária, caso a escola decida por não participar da pesquisa tem irrestrita liberdade de fazê-lo.

Solicitamos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e literatura, publicar em livros e/ou em revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome dos participantes será resguardado. Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou consentimento para participação da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Godofredo Pinto Campos Filho
Assinatura da direção ou coordenação

Godofredo Pinto Campos Filho
Pos. N. 11418/2017 de 03/10/2012
GED 3.1 Diretor II

Fabíola de Fátima Igreja
Assinatura do Pesquisador Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa versa sobre Silêncio, criação e cartografias de sensações com literatura de mulheres escritoras e está sendo desenvolvida por Fabíola de Fátima Igreja, doutoranda do programa de pós-graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Profª Drª Gilcilene Dias da Costa.

Os objetivos do estudo são: pensar a educação a partir da relação entre sensações e literatura, pensar o silêncio como espaço de criação na educação, fazer com que os alunos tenham contato com a escrita potente de escritoras como Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Monique Malcher e as sensações e temáticas de seus textos.

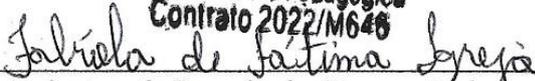
Desta maneira, contamos com o apoio da Escola de Ensino médio CIM para desenvolver oficina de criação (com produção de escrita e desenhos) com alunos do ensino médio que desejarem participar, nos períodos disponibilizados pela instituição. Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária, caso a escola decida por não participar da pesquisa tem irrestrita liberdade de fazê-lo.

Solicitamos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e literatura, publicar em livros e/ou em revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome dos participantes será resguardado. Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou consentimento para participação da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.


Assinatura da Coordenadora pedagógica

Eriena Perena Lopes
Coordenadora Pedagógica
Contrato 2022/M646


Assinatura do Pesquisador Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

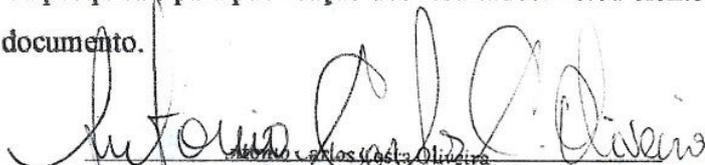
A pesquisa versa sobre Silêncio, criação e cartografias de sensações com literatura de mulheres escritoras e está sendo desenvolvida por Fabíola de Fátima Igreja, doutoranda do programa de pós-graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof^a Dr^a Gilcilene Dias da Costa.

Os objetivos do estudo são: pensar a educação a partir da relação entre sensações e literatura, pensar o silêncio como espaço de criação na educação, fazer com que os alunos tenham contato com a escrita potente de escritoras como Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Monique Malcher e as sensações e temáticas de seus textos.

Desta maneira, contamos com o apoio da Escola Estadual de Ensino médio Prof^a Benedita Marilda da Silva Braga para desenvolver oficina de criação (com produção de escrita e desenhos) com alunos do ensino médio que desejarem participar, nos períodos disponibilizados pela instituição. Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária, caso a escola decida por não participar da pesquisa tem irrestrita liberdade de fazê-lo.

Solicitamos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e literatura, publicar em livros e/ou em revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome dos participantes será resguardado. Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou consentimento para participação da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.



Assinatura da direção ou coordenação pedagógica
E.E.M. Benedita M. S. Braga
taria nº 7381/202*



Assinatura do Pesquisador Responsável



Laqui, em dois mil e vinte e cinco, escrevi para ti.